

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

NAYARA CRISLEY BARRETO BRASIL FARIAS ROCHA

**CONSTRUCIONALIDADE EM PERÍFRASES VERBAIS: O VERBO *CHEGAR* EM
POSIÇÃO V1**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2024**

NAYARA CRISLEY BARRETO BRASIL FARIAS ROCHA

**CONSTRUCIONALIDADE EM PERÍFRASES VERBAIS: O VERBO *CHEGAR* EM
POSIÇÃO V1**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2024

R571c	<p>Rocha, Nayara Crisley Barreto Brasil Farias. Construcionalidade em perífrases verbais: o verbo chegar em posição V1. / Nayara Crisley Barreto Brasil Farias Rocha; orientadora: Valéria Viana Sousa. – Vitória da Conquista, 2024. 160f.</p> <p>Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024. Inclui referência F. 155 – 160.</p> <p>1. Verbo chegar. 2. Perífrase. 3. LFCU. 4. Construções. I. Sousa, Valéria Viana (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III</p> <p style="text-align: right;">CDD: 469</p>
-------	--

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção* — CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Constructionality in verbal periphrasis: the verb *to arrive* in V1 position

Palavras-chave em inglês: Verb *to arrive*; Periphrasis; LFCU; Constructions

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (Presidente-Orientadora); Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB), Profa. Dra. Vera Pacheco (UESB), Prof. Dr. André Pedro da Silva (UFBA), Profa. Dra. Renta Barbosa Vicente (UFRPE) – Membros Titulares

Data da defesa: 27 de março de 2024

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-5919-2906>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9848521099115352>

NAYARA CRISLEY BARRETO BRASIL FARIAS ROCHA

CONSTRUCIONALIDADE EM PERÍFRASES VERBAIS: O VERBO CHEGAR EM
POSIÇÃO VI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data da aprovação: 27 de março de 2024.

Banca Examinadora:

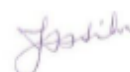
Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.:



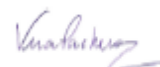
Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.:



Profa. Dra. Vera Pacheco
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.:



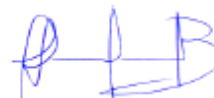
Prof. Dr. André Pedro da Silva
Instituição: UFBA – Membro Titular

Ass.:



Profa. Dra. Renata Barbosa Vicente
Instituição: UFRPE – Membro Titular

Ass.:



AGRADECIMENTOS

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), uma casa, meu pedaço de chão no mundo. Lugar onde me descobri aluna, professora, pesquisadora. Obrigada!

Imensamente, agradeço ao PPGLin-UESB. Esse brilhante Programa de Pós-graduação em Linguística, que me proporcionou o engajamento na pesquisa científica e que sempre esteve pronto para atender as nossas necessidades burocráticas e de orientação, quanto aos processos e mecanismos.

A Professora Dra Maria da Conceição Fonseca Silva, na direção do PPGLin, por, em momento ímpar, apesar de tantos alunos e demanda demasiada, ter se lembrado de mim. Também, ao corpo docente, ao qual tive o privilégio de ter aulas para compor os créditos necessários para esse programa de pós-graduação. Destacando, com amor, o nome do Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva e da Prof. Dra Vera Pacheco, que desde a graduação somam em meu saber científico e humano.

Agradeço a Profa. Dra. Elisângela Gonçalves pelo acompanhamento e orientação nos meus primeiros passos nesse programa de pós-graduação, doutoramento.

Agradeço ao corpo técnico que nos deu todo o suporte para tramitação de documentos, finalização de etapas e informações em geral. Especialmente, na pessoa de Vanêide, sempre solicita e eficiente em nos atender.

Agradeço as mantenedoras FAPESB e CAPES, por possibilitarem a realização desta pesquisa.

A minha orientadora Professora Dr^a Valéria Viana Sousa, que sempre esteve comigo, desde o meu início na vida acadêmica, até o presente momento. Ela, que sempre foi como um combustível para nós diante das adversidades próprias do fazer científico, se preocupando, também, com um detalhe crucial na relação acadêmica, a saber: a humanidade. Pois, se a ciência não servir para nos humanizar ainda mais, de diferentes maneiras, o que estamos criando, afinal?

A você, minha amada orientadora, *GRATIDÃO*, seguida de muitos sentimentos bons e adjetivos sem fim. Se chegamos até aqui, foi porque você não desistiu, nem me deixou desistir. Muito obrigada! Você se tornou dia após dia um exemplo de profissional, cientista e pessoa que o mundo precisa. Eu preciso.

Agradeço, com muito amor, aos meus filhos Pedro Vicente Brasil e Rafael Wilson Brasil, por ter suportado as dificuldades da vida de uma mãe, pesquisadora, professora em atividade e sobrevivente, simultaneamente. Cada abraço, cada lágrima, cada “calma, já volto”

compreendido. Eu os amo tanto, que as palavras não comportam. Foi por mim, mas foi, sem dúvida, por vocês! Sempre será por vocês! Conseguimos! É o que diremos!

Aos meus pais e minhas irmãs, minha maior torcida, sem dúvida! Muito amor envolvido!

A minha avó, por tanta oração e chá de capim santo! Te amo!

A Zaman khan, meu amor, por todo o incentivo. Obrigada, vida!

Aos colegas que trilharam, também, o percurso científico. Pelo compartilhar lá do início: a Vânia Raquel Santos Amorim. Pelo compartilhar cá, do final: a Ana Cristina Oliveira Santos e a Milca Cerqueira Etinger Santos. No meio dessas, fui agraciada com a presença da colega Elenita. Eu poderia citar tantas pessoas, poderia citar todos! Por isso, fica aqui a minha gratidão a todos os colegas e pessoas que direta, ou indiretamente, colaboraram para eu *CHEGAR* até aqui e dizer: mais um passo dado nessa vida! E, que passo!

Ao Deus criador dos céus e da terra, pela representação em seu filho amado Jesus Cristo, na doce presença do Espírito Santo, derramo meu profundo agradecimento. Tendo em mente que *“Se o Senhor não edificar a casa, emvão trabalham os que a edificam, se o Senhor não guardar a cidade, emvão vigia a sentinela”* (Salmos 127:1). Ciente de que, na caminhada da vida tudo que temos e somos vem d’ Ele e volta-se para Ele, dedico cada minuto debruçado para a realização desta pesquisa a *Ele*: que é, que era e que há de vir. Dono de toda a ciência, poder e saber.

Muito Obrigada!

RESUMO

Neste trabalho de pesquisa, objetivamos analisar o processo de mudança linguística do verbo *chegar* na língua portuguesa falada no Brasil, no que diz respeito à posição V1, dentro de estruturas perifrásticas do tipo [V_{cheg} (x) + V2]. Para isso, expomos os passos e as reflexões realizadas sobre o fenômeno de variação e mudança linguística do verbo *chegar* na língua portuguesa, a fim de realizar a análise sobre a categoria verbal a partir do foco na instanciação das construções linguísticas da língua em uso efetivo. Nessa direção, partimos dos conceitos fundamentais que regem o Funcionalismo Linguístico contemporâneo (Traugott; Trousdale, 2013; Croft, 2001; Goldberg 1995, 2006; Rosário, 2019; Fillmore, 1975; Lakoff; Johnson, 1980; Langacker, 1991; Bybee, 2016), aporte teórico que constitui a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). A LFCU delinea o caminho teórico desta tese para que, alcançando o objetivo proposto, apresentemos a rede construcional da construção em estudo, em uma investigação de cunho sincrônico, ancorada metodologicamente no método misto (Cunha Lacerda, 2016) e nos resultados fornecidos pelo Programa *Antconc*. A respeito do nosso objeto de estudo, observamos, nos *corpora* do Português Popular e do Português Culto de Vitória da Conquista, que, em construções complexas do tipo [V1_{cheg} (x) + V2], o verbo de movimento *chegar* pode indicar, a saber: i. Movimento espacial de um *ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y*; ii. Movimento físico/espacial de um *ponto físico + abstrato x a um ponto físico + abstrato y*; iii. Movimento com marcação de *ponto físico inicial*, apenas; iv. Movimento com marcação de *ponto de chegada*, apenas e, v. Movimento de gradação até limite inesperado; vi. Abstratização (quase) total do traço de movimento. Vale ressaltar que todas as funções encontradas nos *corpora* por nós selecionados são resultantes de novos usos semânticos e pragmáticos, que tiveram como ponto de partida a característica de movimento do verbo *chegar* prototípico, ou seja, são usos procedurais novos a partir do movimento espacial de um *ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y*.

PALAVRAS-CHAVE

Verbo *chegar*; Perífrase; LFCU; Construções

ABSTRACT

In this research work, we aim to analyze the process of linguistic change of the verb *to arrive* in the Portuguese language spoken in Brazil, with regard to the V1 position, within periphrastic structures of the type [V_{arriv} (x) + V2]. For this, we expose the steps and reflections carried out on the phenomenon of variation and linguistic change of the verb *to arrive* in the Portuguese language, in order to carry out the analysis on the verbal category based on the focus on the instantiation of the linguistic constructions of the language in effective use. In this direction, we start from the fundamental concepts that head contemporary Linguistic Functionalism (Traugott; Trousdale, 2013; Croft, 2001; Goldberg 1995, 2006; Rosário, 2019; Fillmore, 1975; Lakoff; Johnson, 1980; Langacker, 1991; Bybee, 2016), theoretical contribution that constitutes Usage-Centered Functional Linguistics (LFCU). LFCU outlines the theoretical path of this thesis so that, achieving the proposed objective, we present the constructional scheme of the construction under study, in a synchronic investigation, methodologically anchored in the mixed method (Cunha Lacerda, 2016) and in the results provided by the *Antconc* Program. Regarding our object of study, we observed, in the corpora of Popular Portuguese and Cult Portuguese of Vitória da Conquista, that, in complex constructions of the type [V1_{arriv} (x) + V2], the movement verb *to arrive* can indicate, namely: i. Spatial movement from a physical + concrete point x to a physical + concrete point y; ii. Physical/spatial movement from a physical + abstract point x to a physical + abstract point y; iii. Movement with initial physical point marking only; iv. Movement with marking of arrival point, only e, v. Gradation movement up to unexpected limit; vi. (Almost) total abstraction of the movement trace. It is worth highlighting that all the functions found in the corpora selected by us are the result of new semantic and pragmatic uses, which had as their starting point the movement characteristic of the prototypical verb *arrive*, that is, they are new procedural uses based on the spatial movement of a physical + concrete point x to a physical + concrete point y.

KEY WORDS

Verb *to arrive*; Periphrasis; LFCU; Constructions

RESUMEM

En este trabajo de investigación, pretendemos analizar el proceso de cambio lingüístico del verbo *llegar* en la lengua portuguesa hablada en Brasil, con respecto a la posición V1, dentro de estructuras perifrásticas del tipo [V_{leg} (x) + V2]. Para ello, exponemos los pasos y reflexiones realizadas sobre el fenómeno de variación y cambio lingüístico del verbo en portugués, con el fin de realizar un análisis de la categoría verbal a partir de un enfoque en la instancia de las construcciones lingüísticas en portugués en uso efectivo. En esta dirección, partimos dos conceptos fundamentales que rigen el Funcionalismo Lingüístico contemporáneo (Traugott; Trousdale, 2013; Croft, 2001; Goldberg 1995, 2006; Rosário, 2019; Fillmore, 1975; Lakoff; Johnson, 1980; Langacker, 1991; Bybee, 2016), aporte teórico que constituye la Lingüística Funcional Centrada en el Uso (LFCU). La LFCU traza el camino teórico de esta tesis para que, logrando el objetivo perseguido, presentamos el entramado constructivo de la construcción en estudio, en una investigación sincrónica, metodológicamente anclada en el método mixto (Cunha Lacerda, 2016) y en los resultados proporcionados por el Programa *Antconc*. Respecto a nuestro objeto de estudio, observamos, en los corpus de portugués popular y portugués culto de Vitória da Conquista, que, en construcciones complejas del tipo [V1_{leg} (x) + V2] el verbo de movimiento *llegar* puede indicar, a saber: i. Movimiento espacial desde un punto físico + concreto x a un punto físico + concreto y; ii. Movimiento físico/espacial desde un punto físico + abstracto x a un punto físico + abstracto y; III. Movimiento únicamente con marca de punto físico inicial; 4. Movimiento con marcación del punto de llegada, sólo e, v. Movimiento de gradación en límites inesperados; vi. Abstracción (casi) completa de la huella del movimiento. Vale la pena resaltar que todas las funciones encontradas en nuestra selección son el resultado de nuevos usos semánticos y pragmáticos, que utilizamos como punto de partida para la característica del movimiento verbal prototípico, es decir, sólo nuevos usos procedimentales basados en el movimiento espacial de un punto físico + x concreto a un punto físico + y concreto.

PALABRAS CLAVE

Verbo llegar; Perífrasis; LFCU; Construcciones

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de abstratização do verbo <i>chegar</i>	29
Figura 2 – Gradiência de <i>frames</i>	44
Figura 3 – Esquema- Antecipação do discurso segundo Bybee (2010)	51
Figura 4 – Esquema - Slots da estrutura perifrástica	52
Figura 5 – Esquema do pareamento forma e função	57
Figura 6 – Escala 1-grau de esquematidade	58
Figura 7 – Mudanças envolvidas na construcionalização	66
Figura 8 – Tipos de relações entre construções	68
Figura 9 – Exemplo de estrutura esquemática- Rede construcional dos quantificadores em Inglês	72
Figura 10 – Nível de composicionalidade de uma construção	74
Figura 11 – Esquema-centralidade e periferia	77
Figura 12 – Esquema: Motivação maximizada em construções com o verbo <i>chegar</i>	79
Figura 13 – Esquema- Ascendência do tipo Função -- Forma	81
Figura 14 – Mudança de esquemas imagéticos	91
Figura 15 – Denotação aspectual	95
Figura 16 – Informação de material lexical e gramatical das orações	99
Figura 17 – Apresentação da página inicial do Site de Laurence Anthony	108
Figura 18 – Tela inicial do Antconc	109
Figura 19 – Representação esquemática de rede construcional perifrástica	120
Figura 20 – Imagem- exemplo de rodada na ferramenta <i>Clusters/N-Grams</i>	121
Figura 21 – Gráfico 3 – Exemplos do verbo <i>chegar</i> segundo grau de animação	136
Figura 22 – Ocorrência de <i>chegar</i> em contexto de lugar virtual (a)	137
Figura 23 – Esquema- movimento virtual	138
Figura 24 – Gráfico- ocorrência de <i>chegar</i> em contexto de lugar virtual (b)	138
Figura 25 – Gráfico- ocorrência de <i>chegar</i> em contexto de lugar virtual (c)	139
Figura 26 – Gráfico- construção com ideia de tempo	140
Figura 27 – Imagem- observando o verbo <i>chegar</i> no Pretérito	142
Figura 28 – Imagem-Aspectualização de construções com o V1 no Pretérito	143

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Subcategoria verbal (Fase) de Bechara	93
Gráfico 2 – O verbo <i>chegar</i> no Presente do Indicativo	133
Gráfico 3 – O verbo <i>chegar</i> no Pretérito	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estudos recentes sobre verbos auxiliares não canônicos	25
Quadro 2 – Usos menos comuns do verbo <i>chegar</i> no Português falado no Brasil	28
Quadro 3 – Origem do verbo <i>chegar</i> de acordo com alguns autores	35
Quadro 4 – Gramática de construções cognitiva: características	62
Quadro 5 – Dimensões no pareamento forma-significado	64
Quadro 6 – Categorias analíticas	67
Quadro 7 – Tipos de relações das construções	68
Quadro 8 – Organização radial segundo Lakoff (1997)	86
Quadro 9 – Características da Gradiência e da Gradualidade	97
Quadro 10 – As ferramentas do Antconc e suas principais funcionalidades	109
Quadro 11 – Variáveis linguísticas selecionadas	111
Quadro 12 – A forma <i>chega</i> nos corpora PCVC e PPVC	117
Quadro 13 – Os sentidos das construções com o verbo <i>chegar</i> nos <i>corpora</i> no Presente do Indicativo	134

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Composição do Banco de dados	106
Tabela 2 – Resultado da rodada na ferramenta wordlist - frequência das forma.....	115
Tabela 3 – Ocorrências das preposições nos <i>corpora</i> em análise	122
Tabela 4 – Material intermitente a direita do verbo <i>chegar</i>	125
Tabela 5 – Contração das CFFs	127
Tabela 6 – Resultado de rodada na ferramenta <i>wordlist</i> - frequência das formas de acordo o tempo	132

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 SOBRE O OBJETO: DICIONÁRIOS, GRAMÁTICAS E PESQUISAS.....	23
2.1 O objeto de estudo	23
2.2 Verbo	26
2.2.1 Nas gramáticas, pesquisas e dicionários	26
2.2.2 Valores do verbo chegar.....	30
2.2.2.1 Argumentatividade.....	30
2.2.2.2 Tipo de sujeito	31
2.2.2.3 Tipo de complemento.....	31
2.2.2.4 Transitividade-	32
2.2.3 Os dicionários	34
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	37
3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso-LFCU.....	37
3.1.1 A questão referencial.....	41
3.1.2 Das categorias analíticas.....	46
3.1.3 Combinando Padrões	46
3.1.4 Padrões de domínio geral.....	48
3.1.4.1 A categorização	48
3.1.4.2 O chunking.....	50
3.1.4.3 Memória rica ou enriquecida	52
3.1.4.4 Analogia	54
3.1.4.5 Associações transmodais.....	54
3.2 Gramática de construção	56
3.2.1 Construções.....	60
3.2.2 Mudança construcional, construcionalização e construcionalidade	65
3.2.2.1 Mudança construcional e construcionalização: a diacronia	65
3.2.2.2 Construcionalidade: a sincronia	67
3.2.3 Fatores construcionais	70
3.2.3.1 Esquematicidade.....	71
3.2.3.2 Produtividade	73
3.2.3.3 Composicionalidade	73
3.3 Linguística cognitiva	75

3.3.1 <i>A metáfora</i>	77
3.3.2 <i>Organização radial das construções</i>	84
3.3.3 <i>A radialidade no movimento e na trajetória</i>	89
3.3.4 <i>A categoria aspectual</i>	92
3.3.5 <i>Variação é gradiência, mudança é gradualidade</i>	96
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	102
4.1 <i>Os corpora</i>	105
4.2 Ferramenta computacional <i>Antconc</i>	107
5 ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS	113
5.1 Primeira rodada no anticonc- wordlist.....	114
5.1.1 <i>Frequência, pessoa e tempo das formas verbais</i>	114
5.1.2 <i>Rodada na ferramenta clusters/N-grams -preposições</i>	121
5.1.3 <i>Outras rodadas-ferramenta clusters/n-grams</i>	125
5.1.4 <i>“Chegou falou”: construções do tipo “Foi fez”</i>	126
5.1.5 <i>Types e Tokens</i>	131
5.1.5.1 <i>O verbo chegar no passado</i>	142
6 O ESTUDO DA PERÍFRASE PELO VIÉS PROPOSTO NESTA TESE (LFCU) E O ENSINO DA CATEGORIA VERBAL	145
6.1 Os documentos oficiais e o ensino de língua materna	145
6.1.1 <i>Intervenção</i>	146
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	155

1 INTRODUÇÃO

A presente tese é fruto do trabalho de doutoramento em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), mais especificamente, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB) e do Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Sócio)Funcionalismo – LAPESF/CEPELin/PPGLin, do qual faz parte o projeto de pesquisa “*Estudos de Fenômenos Linguísticos na Perspectiva Funcionalista a partir da descrição e análise de corpus da comunidade de fala de Vitória da Conquista*”, coordenado pela professora Dr.^a Valéria Viana Sousa.

Neste trabalho de pesquisa, relatamos os passos e as reflexões realizados sobre o fenômeno de variação e mudança linguística do verbo *chegar* na língua portuguesa, especialmente no que diz respeito a sua relevância funcional dentro de construções do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]^1$.

Para isso, tendo em vista que a pesquisa científica é processual e não um fim em si mesma, tanto retomamos os nossos estudos feitos para dissertação de Mestrado, cujo foco era o processo de gramaticalização do verbo *chegar* em estruturas perifrásticas, com fundamentação teórica embasada nos pressupostos do Funcionalismo de vertente norte americana, como ampliamos o escopo desta tese, cujo foco é a instanciação das construções linguísticas a partir da língua em uso efetivo, acrescentando conceitos fundamentais que regem o Funcionalismo Linguístico contemporâneo, como os de construção, construcionalização (Traugott; Trousdale, 2013; Croft, 2001; Goldberg 1995, 2006) e construcionalidade (Rosário; Lopes, 2019), em uma intersecção com teorias cognitivo-funcionais (Fillmore, 1975; Lakoff; Johnson, 1980; Langacker, 1991; Bybee, 2016). Essa interface teórica e esses autores, entre outros, aqui apresentados, delineiam o caminho teórico desta tese.

Nesta pesquisa, dado o recorte teórico, propomos uma análise sincrônica e, assim, fazemos o uso das vertentes funcionalistas mais recentes, como já mencionamos, a saber: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), por ser uma corrente teórica capaz de abarcar

¹ Objeto esse que carrega em si algumas características que o colocam em um desafio para o pesquisador, pois, ao longo do tempo, veem sido debatidas nos estudos linguísticos questões de classificação e nomenclaturas que melhor se adequem ao composto perifrástico verbal. Isso corrobora para a importância dos estudos que se ocupam da análise da Língua Portuguesa em seu processo de variação e mudança linguística, não só por tentar nomear tais estruturas, mas por colaborar para os estudos sobre a função de verbos em posição V1 em sintagmas verbais compostos na língua portuguesa. Em $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]^1$, considerando o contexto perifrástico, o primeiro verbo (V1) é, em nesta pesquisa, o verbo *chegar*; o (x) é o slot que pode ser preenchido ou não por preposição ou conjunção; e o segundo verbo (V2) poderá ser preenchido por outros verbos, conforme discutiremos ao longo da investigação.

a Gramática de Construções, a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva, sendo o clímax da intersecção entre essas teorias, a saber:

- i. A análise da língua em uso efetivo;
- ii. A defesa de que toda língua sofre variação e mudança;
- iii. A importância dos processos cognitivos de domínio geral para compreensão dos fenômenos linguísticos.

Dando ênfase a esses pontos em comum, a escolha por uma investigação sincrônica se deu a fim de atender ao nosso objetivo para esta pesquisa, já que não nos detemos a uma investigação nas mudanças linguísticas pelo viés histórico, unidirecional, no qual há um *continuum* do que se encontra em um estágio [-gramatical] e avança para um estágio [+gramatical] e, por vezes, para um estágio ainda [+gramatical]. Optamos por analisar, neste momento de agora, o processo de variação linguística pelo viés sincrônico, por meio do qual é possível analisarmos as construções linguísticas tanto do ponto de vista sintático, quanto discursivo e pragmático (Hopper; Traugott, 1997), multidirecionalmente analisável.

Nesta direção, em nossos estudos, consideramos que a gramaticalização é um processo de mudança linguística, no qual os falantes usam parte de uma construção com uma função gramatical, que se sujeita a novas funções gramaticais resultantes do uso e da necessidade comunicativa. No entanto, mais do que isso, agora, analisamos esse processo considerando não só o item linguístico de forma isolada, mas, tomando-o como uma construção linguística instanciada na língua em determinado contexto que não pode ser deixado de fora da análise. Não tratamos, portanto, da gramaticalização de um item linguístico apenas, mas da sua relação com as demais construções ao seu redor, os sentidos operantes nessa relação e as suas funções comunicativas. Tais questões explicitam, sucintamente, como o que foi discutido em nossa dissertação de mestrado (Rocha, 2017) será ampliado nesta tese de doutorado.

Nesta tese, consideramos, também, o conceito de *gramaticalidade* para compreensão de como se dá a passagem de uma construção lexical para uma procedural. É o caso de estruturas em que V1 é o verbo *chegar* e V2 qualquer outro verbo do Português. Nesse esquema, V1 passa, nessas estruturas, a exercer várias funções procedurais dentro da construção, havendo sempre a possibilidade de aparecer na língua novas funções para esse verbo.

Para atender aos propósitos suscitados nesta tese, nos amparados na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), de acordo com os estudos pioneiros no Brasil do *Grupo*

de *Estudos Discurso e Gramática*², o qual ancora seus pressupostos no uso efetivo da língua em sociedade. Ancorados no aporte teórico selecionado para o desenvolvimento deste trabalho, demonstramos como ocorre o processo de mudança linguística (construcionalidade, construcionalização e a mudança construcional), com foco na construcionalidade do verbo *chegar* na língua portuguesa, em especial no que diz respeito às construções perifrásticas. Nesse intuito, apresentamos a rede construcional da construção em estudo, em uma investigação de cunho, sincrônico.

Nessa linha de pensamento, o objetivo geral desta pesquisa é o de analisar sincronicamente o processo de mudança linguística (construcionalidade, construcionalização e mudança construcional) do verbo *chegar*, em posição V1, dentro de estruturas perifrásticas do tipo [V_{cheg} (x) + V2], na língua portuguesa falada no Brasil, como modelo analógico para o estudo da categoria verbal. Para isso, ratificamos que nos ancoramos em abordagens funcionalistas mais recentes, por possibilitarem maior foco à língua em uso real de comunicação.

Como objetivos específicos, no nosso trabalho, nos propomos às seguintes ações:

- a. Identificar na literatura quais autores tratam das perífrases verbais;
- b. Apresentar a etimologia do verbo *chegar* a partir de gramáticas e dicionários da língua portuguesa do Brasil;
- c. Mapear e descrever os dados com o verbo *chegar* presentes nos *corpora* orais de Vitória da Conquista-Bahia (PPVC e PMVC) e, assim, apresentar os usos mais recorrentes do verbo *chegar* dentro e fora de estruturas perifrásticas, a partir dos *corpora* selecionados;
- d. Elaborar uma representação esquemática do processo de construcionalidade do verbo *chegar*, de acordo com a proposta de Traugott e Trousdale (2013) e, a partir disso, relacionar os processos de domínio geral com o processo de construcionalidade do verbo *chegar* na Língua Portuguesa falada no Brasil, ancorando-nos em Bybee (2016);
- e. Apresentar uma proposta didático-pedagógica para o ensino da auxiliaridade verbal no ensino fundamental II no Brasil.

Tendo em vista os objetivos definidos para esta tese, levantamos as seguintes questões problema:

² O Grupo D&G – UFF, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e sob nossa liderança, tem atualmente como docentes também os professores Ivo da Costa do Rosário e Monclar Guimarães Lopes, além do docente da UERJ-FFP Marcos Luiz Wiedemer, contando também com alunos de pós-graduação e de graduação do Instituto de Letras e da Faculdade de formação de professores da UERJ.

a. A partir do conceito de construção, como se dá o processo de mudança linguística do verbo *chegar* na língua portuguesa?

b. Quando funciona como auxiliar para V2, qual a interpretação composicional de estruturas perifrásticas com *chegar* em posição V1?

c. Qual o grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade de estruturas perifrásticas com *chegar* em posição V1?

d. Quais os processos de domínio geral arrolados na construcionalidade do verbo *chegar* em estruturas complexas no Português?

e. Como o estudo da auxiliariade verbal pode colaborar para o processo de aprendizagem de alunos?

Considerando, então, neste trabalho, a análise sincrônica da categoria verbal do português brasileiro, defendemos a tese de que o verbo *chegar*, dentro de estruturas do tipo $[V_{\text{cheg}}(e) + V2]$, passa por um processo de variação e mudança linguística, no qual a construção exerce funções não prototípicas, culminando em um processo de mudança linguística (construcionalidade, construcionalização e mudança construcional), com o surgimento de novas construções. Nesse processo e em consonância com a tese proposta, suscitamos algumas hipóteses, a saber:

a. O processo de mudança linguística do verbo *chegar* na língua portuguesa se dá por meio da analogização, a partir de um esquema convencional do Português falado no Brasil, do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, no qual *chegar* ocupa posição V1 e, na posição V2, é viável a incorporação de diferentes tipos semânticos verbais, bem como diferentes tempos e modos.

b. O subsquema do qual partimos instancia microconstruções auxiliares, que podem indicar aspecto terminativo, prospectivo, durativo e cursivo, entre outros, e funcionar como marcador discursivo de turnos de fala/ação.

c. Partindo dos *corpora* selecionados, é possível aferirmos qual o grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade da construção em estudo, propondo, ainda, uma rede taxonômica. A princípio, conjecturamos que a construção em estudo seja, do ponto de vista esquemático, parcialmente preenchida; com relação à composicionalidade, que seja menos composicional quanto mais o verbo *chegar* se afastar da prototipicidade; e que construções com o verbo *chegar* sejam produtivas nos *corpora* da pesquisa.

d. A análise semântica do verbo *chegar* só se dá por meio processos cognitivos de domínio geral, como é o caso da metáfora e da metonímia, da reanálise e da analogia, nos termos de Bybee (2013).

e. Temos por hipótese, também, a de que o estudante possa ampliar o seu aprendizado sobre a gramaticalidade do verbo na língua portuguesa, se exposto à reflexão sobre os usos linguísticos em aulas de Português que tratem da auxiliaridade verbal, ultrapassando a abordagem lexical.

Definidas as hipóteses, consideramos relevante explicar, ainda que rapidamente, como se deu a escolha do aporte teórico que fundamenta esta tese. Já mencionamos a teoria, contudo explicitamos, nesse momento, o porquê dessa opção teórica. A escolha da LFCU se deu pela necessidade de uma teoria holística para a análise linguística, ultrapassando o estudo normativo da gramática. Nesse sentido, a partir dessa escolha, encontramos suporte teórico para explicar os processos por que passa a construção em estudo, abrangendo tanto a Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006), a Linguística Funcional (Furtado Da Cunha; Bispo; Silva, 2016), bem como a Linguística Cognitiva (Fillmore, 1975; Lakoff; Johnson, 1980; Langacker, 1991).

Os *corpora* orais selecionados para esta tese são constituídos por 48 (quarenta e oito) entrevistas, são eles: o *Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC)* e o *Corpus do Português Culto de Vitória da Conquista (Corpus PCVC)*. Ambos, produtos do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Socio) Funcionalismo-CNPq (Grupo Janus), que faz parte da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, cuja construção e elaboração se deram entre os anos de 2011 e 2015, sob a supervisão e orientação da Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa e colaboração dos estudantes da graduação e da pós-graduação da mesma universidade.

A respeito do nosso objeto de estudo, observamos que, em construções complexas do tipo [V1_{cheg} (x) + V2]³, o verbo de movimento *chegar* pode indicar, a saber: i. Movimento espacial de um *ponto físico + concreto* x a um *ponto físico + concreto* y; ii. Movimento físico/espacial de um *ponto físico + abstrato* x a um *ponto físico + abstrato* y; iii. Movimento com marcação de *ponto físico inicial*, apenas; iv. Movimento com marcação de *ponto de chegada*, apenas e, v. Movimento de gradação até limite inesperado; vi. Abstratização (quase) total do traço de movimento.

Vale ressaltar que todas as funções encontradas nos *corpora* por nós selecionados são resultantes de novos usos semânticos e pragmáticos, que tiveram como ponto de partida a característica de movimento do verbo *chegar* prototípico, ou seja, são usos procedurais novos

³ Em [V1_{cheg} (x) + V2] , considerando o contexto perisfrástico, o primeiro verbo (V1) é, em nesta investigação, o verbo *chegar*; o (x) é o slot que pode ser preenchido ou não por preposição ou conjunção; e o segundo verbo (V2) poderá ser preenchido por outros verbos, conforme discutiremos ao longo da tese.

a partir do movimento espacial de um *ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y*.

Além dos seis tipos de movimentos que foram encontrados nos *corpora* selecionados, *chegar* aparece figurando, também, em construções não perifrásticas, cujo traço de movimento passa por um processo de apagamento semântico que o afasta de sua prototipicidade, como podemos ver a seguir nos exemplos 1 e 2, comuns na língua portuguesa falada no Brasil:

1. João só veste blusa *cheguei*.
2. Eu não sou muito *chegada em/a* bebida alcoólica.

Como é possível notar, no exemplo 1, o verbo *chegar* caracteriza o Sintagma Nominal (SN), sendo “*cheguei*” um termo para indicar que *João só veste camisa que chama a atenção*. E, em exemplos como esse, o traço de movimento/trajetória desse verbo só pode ser retomado por meio de uma análise semântica que se paute nos processos cognitivos de domínio geral, como é o caso da metáfora e da metonímia, nos termos de Bybee (2013). Além disso, nesse exemplo, há uma mudança categorial de *chegar* que passa a funcionar como nome e não como verbo.

No exemplo 2, não diferentemente, notamos a ausência do traço de [+ movimento], com a nominalização do verbo *chegar*, cuja acepção indica que o sujeito *não gosta muito de bebida alcoólica*. Nesse caso, poderíamos, ainda, partir para a análise da preposição e os efeitos dessa no traço de [+ movimento], ou [- movimento], do verbo *chegar*, o que faremos na seção de análise de dados.

Além de exemplos semelhantes a 1 e 2, neste trabalho mostramos que, na língua portuguesa (LP), há, em estruturas do tipo [V1_{cheg} (x) + V2]⁴, a ocorrência do verbo *chegar* (assim, como ocorre com os verbos *pegar*, *ir*, *passar*, entre outros), em posição V1, podendo exercer a função de auxiliar aspectual e que o seu principal traço como verbo pleno (+ movimento) é absorvido para um lugar de significação abstrata que só pode ser retomado a partir de processos de domínio geral, como mencionamos anteriormente. Nesse sentido, exemplos como em 3, a seguir, passam a ser analisados, nesta pesquisa, a partir das propriedades fundamentais do processo de construcionalização e/ou Mudança constucional (Traugott; Trousdale, 2013).

⁴ A respeito da nomenclatura dada para esse tipo de composição, podemos dizer que a definição de Locução Verbal e Perífrase Verbal vem sendo discutida nos estudos linguísticos, principalmente, quando se trata de definir o que é o verbo auxiliar. Mas, para esta pesquisa optamos por utilizar o termo *estruturas complexas* ou *perifrásticas*.

3. “Era assim dependent’ era cada um no seu direit’ era coisa aquel’ que tava errad’ **chegava e ficava** quet’ mais o ôto que tava certo.” [EPS H BC PPVC]

O exemplo 3 é um recorte de um trecho de entrevista de um dos *corpora* por nós selecionados, no qual o contexto discursivo nos permite compreender que, em “*chegava e ficava*” não há o movimento de deslocamento/trajetória do tipo i. Movimento físico/espacial de um *ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y*. Nesse exemplo, *chegar* funciona como aspectualizador da oração, com função auxiliar para V2.

Esta tese está organizada em 5 (cinco) seções, a saber:

Inicialmente, trazemos esta *Introdução*, na qual contextualizamos a pesquisa, expondo o primeiro momento em que investigamos o verbo *chegar* a partir de uma outra abordagem teórica e em uma outra perspectiva temporal; apresentamos as questões norteadoras, bem como as hipóteses desta pesquisa; informamos em linhas gerais os pressupostos teóricos e metodológicos que nos guiaram; e delineamos a estrutura da tese.

Em seguida, na Seção 2, *Sobre o objeto*, apresentamos o verbo *chegar* na visão de estudiosos do Português Brasileiro (PB), em estudos realizados em teses e dissertações, bem como acepções e funções registradas em gramáticas e dicionários comumente usados no Brasil, abarcando a etimologia da construção em estudo.

Na Seção 3, *Fundamentação Teórica*, dialogamos com as teorias que embasam a nossa discussão a respeito do processo de Variação e Mudança Linguística que o verbo *chegar* passa no Português falado no Brasil. Dessa forma, nesta seção, expomos os princípios basilares da: (i) Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), trazendo suas categorias analíticas, seu campo de atuação, seus padrões e características fundamentais; (ii) Gramática de Construções, expondo conceitos de construção, construcionalização e mudança construcional, bem como os fatores construcionais (esquematicidade, produtividade e composicionalidade); (iii) Linguística Cognitiva, abordagem, na qual, a partir dos conceitos de conceptualização e modelos cognitivos de domínio gerais, explicarmos a construção [V1_{cheg} + (x) + V2] a partir de uma intersecção entre linguística funcional e cognição.

Na Seção 4, *Metodologia*, delineamos os Procedimentos Metodológicos utilizados para a análise do verbo *chegar* e, também, mostramos a Ferramenta computacional *Anticonc*, sua aplicabilidade e relevância para esta tese. Na Seção 5, *Análise e discussão de dados*, expomos, a partir da rodagem dos dados, que foram extraídos dos *corpora* por nós selecionados, os resultados encontrados nesta investigação a fim de comprovarmos ou não as hipóteses expostas nesta pesquisa.

Na Seção 6, *O estudo da perífrase pelo viés proposto nesta tese () e o ensino da categoria verbal*, relacionamos o estudo da perífrase verbal pelo viés da LFCU e o ensino da categoria verbal na língua portuguesa falada no Brasil. Nesse intuito, propomos uma atividade de intervenção, com foco nas funções do verbo *chegar* em estruturas perifrásticas.

Em tempo, ressaltamos que, em muitas discussões arroladas nesta tese, optamos por resumir algumas ideias, pontuando-as, por vezes, como uma lista sequencial. Opção essa que se justifica devido a densidade e a complexidade do referencial teórico por nós selecionado para esta pesquisa.

Inteiramos, também, a nossa escolha de manter os exemplos dos *corpora* por nós selecionados desde a apresentação do referencial teórico até culminarmos na análise de dados, propriamente dita.

Por fim, nas *Considerações Finais*, apresentamos sucintamente o desenvolvimento da tese, os resultados em diálogo com as hipóteses e os objetivos presentes nesta *Introdução* e algumas provocações de estudos futuros.

2 SOBRE O OBJETO: DICIONÁRIOS, GRAMÁTICAS E PESQUISAS

Nesta seção, com o propósito de apresentarmos o objeto de estudo desta tese, a saber o verbo *chegar* em estrutura perifrástica do tipo [V1_{cheg} + (x) + V2], mencionamos alguns estudiosos que, também, estudam esse tipo de estrutura, nas quais um verbo não prototipicamente auxiliar ocupa posição V1, e delineamos algumas características do verbo em estudo de acordo com dicionários e gramáticas usadas no Brasil.

Por meio de um recorte sincrônico, demonstramos como o verbo *chegar* tem exercido funções que se diferem da tradição gramatical e comparamos o comportamento desse item com outros da mesma categoria linguística. Abordamos, ainda, a fim de compor a discussão sobre a complexidade do objeto, os valores gramaticais e lexicais do verbo *chegar*, bem como as suas características argumentais, seus complementos e sua transitividade, completando a apresentação do objeto de estudo desta tese. E, para além dessas questões, buscamos em dicionários a origem etimológica do verbo em estudo.

2.1 O objeto de estudo

O nosso objeto de pesquisa, conforme estamos mencionando de forma recorrente, é o verbo *chegar* em estruturas perifrásticas do tipo [V_{cheg} (x) + V2] na língua portuguesa falada no Brasil. A nosso ver, as pesquisas a respeito desse tipo de estrutura, apesar de poucas, têm crescido nos estudos linguísticos do PB, como mostram alguns trabalhos de mestrado e doutoramento mencionados a seguir:

- i. Ferreira (2007), que percebeu que as pesquisas sobre o verbo [*chegar* + (a)] em posição V1 se dão separadamente de V2, tido como seu complemento. Além disso, a pesquisadora destacou o caráter polissêmico desse verbo;
- ii. Betucci (2007), que, por sua vez, focalizou a auxiliaridade verbal de *chegar* a+ Infinitivo e analisou em que medida *chegar* cumpre critérios para ser incluído no grupo dos auxiliares e qual o seu papel nas perífrases verbais;
- iii. Marques (2009), que analisou sentenças do PB com o verbo de movimento *chegar*, na escrita e na oralidade, destacando a passagem de sua função lexical/pleno para verbo *quase auxiliar* em sentenças e, também, como verbo impessoal;
- iv. Rocha (2017), que fez um levantamento dos usos de *chegar* nos *corpora* orais de Vitória da Conquista, na Bahia e que observou os fatores cognitivos de domínio geral que influenciam os usos de *chegar* em estruturas perifrásticas, como a metáfora e a

metonímia. Além disso, esta pesquisadora afirmou que V1 funciona como suporte/auxiliar para V2 e pode exprimir modo e/ou aspecto na língua portuguesa, envolvendo processos de domínio geral como metáfora e metonímia (Ex. ***Eu cheguei, falei assim... eu lembro que senti que não tava muito bem, eu senti uma falta de ar muito grande eu sentei na cadeira e falei: “tia...” [LSS M C PPVC]***).

Além dos autores que mencionamos até aqui, trazemos outros pesquisadores que, mesmo não tendo o verbo *chegar* como objeto de estudo, abordam outros verbos, corroborando, por analogia, para os estudos a respeito da variação e mudança linguística da categoria verbal, a exemplo de:

v. Macedo (2008), que apresentou verbos como, *ir*, *pegar* e *virar*, em posição V1 como aspectualizador das orações, com indicação do caráter repentino, súbito e veloz sobre os quais o falante/ouvinte pode inferir surpresa/espanto, frustração//lamento ou irritação/crítica, a exemplo de: “[...] Depois de levar uma bronca de manhã bem cedo, eu e minha mãe fomos comprar uma roupa igual aquela, mas quando cheguei na loja era a última roupa e ***a moça foi e comprou***. Essa é a minha estória muito azarada.” (Rio de Janeiro, informante F., de 9 a 12 anos, 4ª série do ensino fundamental)).

vi. Martelotta (2011), que realizou um estudo com o verbo *ir*, cuja gramaticalização como auxiliar de futuro em Português demonstra que o novo uso de *ir* é inferido a partir de contextos ambíguos, como no exemplo: “[...] Ele vai falar com Paulo [...]” (Martelotta, 2011, p. 95). Esse exemplo pode significar: i. Que há um ente que se move até Paulo em um determinado lugar e fala com ele, ou, pode ser apenas, ii. Uma indicação de que a ação acontecerá no futuro.

É possível encontrarmos ainda outros trabalhos que destacam diferentes características do verbo *chegar*, bem como outros verbos de movimento, dentro de estruturas perifrásticas quer sejam análises mais, ou menos, direcionadas a compreender os aspectos cognitivos envolvidos no processo de variação e mudança linguística do tipo de construção a qual nos dedicamos nesta tese.

Nas pesquisas que se propõem a investigar o processo de mudança linguística a partir de aspectos da mente humana, podemos encontrar, além de classificações gramaticais e lexicais um olhar “para além das formas superficiais mutáveis”, considerando as forças que dão origem aos padrões observáveis, como propõe Bybee (2016).

Rocha (2017), após fazer um levantamento em gramáticas e dicionários diversos, parte da hipótese de que os usos do verbo *chegar* envolvem a incorporação de novos sentidos que perpassam por processos cognitivos, com destaque para os processos cognitivos da metáfora e

da metonímia. O que, segundo Bybee (2016), são processos de domínio geral e estão presentes nas diversas áreas da cognição humana, operando no uso da língua, impactando-a como um *sistema adaptativo complexo*, nos termos de Hopper (1987).

Como já dissemos, alguns estudiosos se dedicam ao estudo de verbos em posição V1, partindo do pressuposto de que estruturas do tipo [V1 (x) + V2] se expandem na língua e possibilitam a “entrada” de verbos em determinadas posições sintáticas, gramaticalizando-se e ocupando posições previstas, tradicionalmente, por verbos como *ter*, *haver* e *ser* (Rocha, 2017).

Bechara (2004) é um exemplo de estudioso das várias funções dos verbos auxiliares na língua portuguesa, mas sempre partindo dos verbos *ter*, *haver* e *ser*, que, como se sabe, são os que mais atuam como auxiliar/suporte em construções complexas. Por sua vez, Rocha Lima (2003) considera em seus estudos que, além dos auxiliares canônicos, há outros verbos em português, como é o caso dos verbos *querer*, *estar*, *ficar* e *ir*, que aparecem em muitos estudos podendo exercer função de verbo auxiliar, como é o caso dos trabalhos que estão no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Estudos recentes sobre verbos auxiliares não canônicos

Querer	Estar	Ficar	Ir
<i>A construção completiva com o volitivo querer</i> Autoria: Fernanda Cunha Sousa (UFJF) Nilza Barrozo Dias (UFF)/2012	<i>A perífrase [estar + gerúndio/estar + gerúndio] em Pretérito perfeito no português brasileiro e no espanhol</i> Autoria: Talita Vieira 2011	<i>Usos do verbo ficar no português do Brasil: classificação e análise</i> Autoria: Ida Rebelo Paulo Osório/2006	<i>O verbo ir nas construções em uso</i> Autoria: Milca Cerqueira Etinger Silva (UESB) e Valéria Viana Sousa (UESB)/2021.

Fonte: Elaboração própria a partir de buscas em revistas eletrônicas.

Os estudos citados na Quadro 1 são de base funcionalista e colaboram para o entendimento de como um verbo passa de pleno a auxiliar na língua portuguesa e por que isso acontece. A partir da leitura de trabalhos como esses, podemos, por analogia, aprofundar a nossa pesquisa sobre a mudança linguística que ocorre com o verbo *chegar*, o que acontece muitas vezes depois de retomarmos alguns estudos sobre gramaticalização, como é o caso de três dos trabalhos apresentados no Quadro em análise, sobre os verbos *querer*, *ficar*, *estar*. Ressaltamos que, entre as pesquisas citadas no Quadro 1, a que se mostra mais condizente com os estudos da língua em uso, em especial da gramática de construções, é aquela que trata sobre o verbo *ir*.

O trabalho sobre o verbo *ir* apresentado no Quadro 1 considera “*que a gramática é um sistema aberto, constituído pela língua em uso*”. Partindo desse princípio, as autoras buscam por um padrão de uso do verbo *ir* a partir das motivações formais e informações arroladas na construção a partir da Gramática de Construções (Goldberg, 1995; 2006; Traugott; Trousdale,

2013) e da Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado Da Cunha; Bispo; Silva, 2016). Os resultados da pesquisa mostraram que há processos cognitivos envolvidos e motivações discursivo-pragmáticas implicadas no uso das construções com *ir*, assim como temos visto em construções com o verbo *chegar*.

Apresentadas tais questões sobre o nosso objeto, na subseção 2.1, trataremos um pouco sobre o conceito de verbo de acordo com alguns gramáticos. Entendemos que, em função da especificidade do nosso objeto, seja interessante trazermos algumas considerações a respeito dessa categoria gramatical.

2.2 Verbo

Apresentamos, nesta subseção, o conceito e a classificação do verbo como categoria linguística de acordo com algumas gramáticas e alguns estudos de cunho funcionalista. Destacamos a importância de pesquisas a esse respeito, bem como salientamos a função primordial do verbo na construção dos sentidos de uma língua.

É a partir do verbo que os itens linguísticos se organizam. Costumamos dizer, na nossa prática pedagógica, que é por ele e para ele que os itens linguísticos se organizam e constroem o sentido textual, portanto o sentido do mundo ao nosso redor. Por isso mesmo, a relevância do estudo do verbo.

Ilari e Basso (2008, p. 164), por exemplo, afirmam que “preenchendo adequadamente certos espaços que são previsíveis a partir do verbo, chega-se a sentenças completas, que caracterizam conceitualmente certos estados de coisas”. Tendo essa ideia como ponto de partida, vejamos a seguir, resumidamente, como o verbo é caracterizado a partir de alguns gramáticos.

2.2.1 Nas gramáticas, pesquisas e dicionários

Não temos o intuito de aprofundarmos no estudo diacrônico do verbo *chegar*, dado que o nosso foco é a sincronia dessa construção instanciada em uma construção maior do tipo [V₁_{cheg} (e) + V₂], mas, a nível de conhecimento do nosso objeto de estudo, para ampliar as nossas possibilidades de análise e, ainda, levando em conta que um recorte sincrônico só é efetivado a partir de um todo, exibimos, a seguir, uma visão gramatical do verbo *chegar* no Português falado no Brasil e sua aplicação em construções perifrásticas de acordo com Almeida (2005).

Almeida (2005) apresenta, em sua *Gramática Metódica da língua Portuguesa*, um estudo minucioso da categoria *verbo*. Para ele, verbo é toda palavra que indica ação e se difere das outras categorias por princípios semânticos e morfológicos. É uma classe de palavras que exprime ideia de tempo, modo, voz, pessoa e número e, muitas vezes, algumas formas verbais recebem o auxílio de outros verbos. Segundo Almeida (2005), como a maioria dos gramáticos, são auxiliares autênticos os verbos *ser*, *ter*, *haver* e *estar*, ou nas palavras do gramático:

Em português, os auxiliares *ter* e *haver*, seguidos da preposição *de* e de um infinitivo (*tenho de louvar* ou *hei de louvar*, *tinha de louvar* ou *havia de louvar* etc.) formam locuções verbais, que significam resolução ou obrigatoriedade de praticar uma ação. Tais circunlóquios implicam sempre ideia de futuro e em latim se traduzem pelo particípio futuro seguido do verbo *sum*, conjugado no tempo em que se necessita (Almeida, 2005, p. 257).

Almeida (2005) afirma que a locução verbal é a expressão de uma ação por meio de uma frase, que pode ser constituída de dois ou mais verbos, sendo que, sempre que isso acontece, a ação é expressa pelo segundo verbo, ficando o primeiro verbo responsável por representar o modo, o tempo, a pessoa ou a ideia acessória da ação. Nesse ponto, concordamos que o verbo *chegar*, em posição V1 de estruturas complexas do tipo [V1_{cheg} + (x) V2], aspectualiza o segundo verbo e caracteriza o modo como a ação de V2 é realizada. Por exemplo dizer “*chegou suar*” não é o mesmo que dizer “*suou*”, pois V1 acrescenta a informação anafórica de que algo aconteceu até o sujeito “*chegar ao ponto de suar*”.

A partir dos estudos de Almeida (2005), é possível compreender que as locuções verbais se dividem em quatro tipos: 1. Que indicam passividade (*ser*); 2. Que indicam projeção (*ter* e *haver*); 3. Que indicam continuidade, frequência ou reiteração da ação (*estar* seguido do gerúndio ou do infinitivo impessoal do verbo principal, através da preposição *a*); 4. Que indicam começo ou desenvolvimento gradual da ação. Outros gramáticos, também, compreendem dessa forma, como, por exemplo Cunha; Cintra (1989), Rocha Lima (2003), Bechara (1999), entre outros estudiosos.

A divisão das locuções apresentada por Almeida (2005) pode ser observada nas perífrases verbais com o verbo *chegar* em posição V1. Pois, esse verbo pode transmitir passividade (*chegado a falar muito...*), agentividade (*Eu cheguei chorar ontem...*). E, também, encontramos esse verbo indicando projeção (*Chegar a vencer...*), frequência (*Chega a fazer trinta desses por dia...*), entre outras funções, que atestam a sua polissemia.

O verbo *chegar* pode ser considerado muito produtivo na língua portuguesa falada no Brasil, pois ele tanto exerce sua função prototípica de verbo pleno de movimento/deslocamento,

como em frases do tipo “*Ele chegou cedo!*”, como é empregado em expressões cristalizadas e estruturas complexas, como é o caso da perífrase verbal. Além disso, o verbo *chegar* pode atuar fora de sua categoria linguística, passando de uma categoria a outra como em “*não sou chegada*”, construção na qual o verbo atua como nome em posição V2. Esse verbo pode ainda atuar sozinho como uma interjeição, como em “*Chega!*”, no sentido de “*basta!*”. Contudo, em estruturas do tipo [V1_{cheg} +(x)+ V2], quando em posição V1, *chegar* não apresenta uma mudança categorial, mas adquire novas funcionalidades a partir de uma mudança semântica que é ocasionada dada a *composicionalidade*, que será explicada no decorrer dessa pesquisa, de acordo com o que propõem Traugott e Trousdale (2013).

Quadro 2 – Usos menos comuns do verbo *chegar* no Português falado no Brasil

Sentido	Houaiss	Luft	Michaelis	Novo D. Aurélio
Levar um animal a padreação	X (A égua chegou-se ao animal da roça vizinha)		X (Chegou a égua ao pastor)	
Oferecer como preço de compra		X (Posso chegá-lo por R\$ 200,00)		
Ir embora				(Veio ver-me à tardinha, disse que já ia chegando.)

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Se observarmos como aparecem dispostos os significados nos dicionários analisados, perceberemos que o verbo *chegar* apresenta usos que ultrapassam a sua função de verbo pleno, ainda que mantenha algum grau da sua característica de movimento.

Segundo Rocha (2017), etimologicamente, o verbo *chegar*, assim como o verbo *pregar*⁵, vem do latim *pliacare* ou *plicare*, com o significado de atracar ou aproximar as embarcações no porto (Boléo, 1946; Nascentes, 1955;), mas é possível encontrar gramáticos que, desde o século XVIII, prescrevem outros usos para esse verbo de movimento, como é o caso de Viterbo (1798-1799), que registra usos como “*chegar à Justiça*”, com sentido de castigar.

Os dicionários mais antigos utilizados por Rocha (2017) nos mostram que o verbo *chegar*, também, se refere à “*Plico*”, que significa dobrar (Bluteau, 1789, p.154). Outro dicionário que nos mostra o significado e a origem etimológica para o verbo *chegar* é o

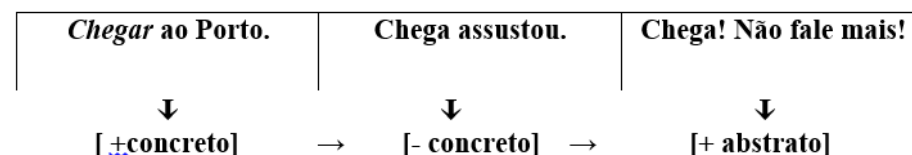
⁵ Para conferir a origem de *pregar*, indicamos a pesquisa de Faggion (2012).

dicionário da Língua Portuguesa de Boléo (1946), no qual esse verbo é originário de *plicare/adripare*, com sentido de dobrar, ou, ainda, por analogia do Latim, *venire/advenire* (vir e partir). Segundo o autor, haveria, então, uma evolução no sentido do vocábulo de um emprego da linguagem náutica para a indicação de movimento em outros contextos.

Em relação aos dicionários de uso, Rocha (2017) faz um levantamento e observa que neles o verbo *chegar* aparece tanto como verbo pleno, como com outros significados que fogem a sua prototipicidade⁶, é o caso das seguintes obras: Houaiss (2009), Luft (1998), Michaelis (1998) e no Novo Dicionário Aurélio da língua Portuguesa (1986).

Ainda segundo o levantamento feito pela pesquisadora, em todos os dicionários consultados o verbo *chegar* apresenta as mesmas acepções. Assim, é possível afirmar que todas as acepções são comuns no PB e indicam a presença do traço de movimento. No entanto, apesar de serem semanticamente próximas, podem variar quanto ao grau de abstratização⁷. Rocha (2017) explica que com a hipótese de que esse verbo traça um caminho do uso [+ concreto] > [+ abstrato] em perífrases do tipo [V1 (e) + V2], em que V1 é o verbo *chegar* e V2 o verbo principal, o percurso do verbo *chegar* rumo à abstratização se dá tanto dentro, como fora das perífrases verbais, sendo que, para a primeira modalidade, há o quesito auxiliaridade que aproxima o item ainda mais de uma possível mudança linguística. A Figura a seguir representa o esquema de abstratização do verbo *chegar*.

Figura 1 – Esquema de abstratização do verbo *chegar*



Fonte: Rocha (2017).

Como representado na Figura 1, ora *chegar* pode indicar movimento de ida e vinda de um ponto fixo ao outro, ora pode significar o alcance a um nível determinado, ou nivelamento, mas, também, pode evoluir para microconstruções que ultrapassam a categoria verbal, como, no caso de “*chega!*”, com sentido de “*basta!*”. O que acontece é que, a depender da acepção que o verbo *chegar* carrega, ele pode variar de mais icônico e transparente, como quando significa

⁶ Entende-se como prototípico o verbo que carrega significação plena, como núcleo da oração. (Cunha;Cintra, 2001).

⁷ Vale lembrar que, como proposto pelo Funcionalismo, a escala de abstratização se dá do sentido concreto para o sentido abstrato como no esquema de Heine (1991, p.182).

vir, atingir, alcançar, alçar, ou pode adquirir uma opacidade ao ponto de ser mais difícil perceber seu traço mais característico, que é o de movimento.

Além das acepções do verbo *chegar* identificadas, na língua portuguesa falada no Brasil encontramos construções⁸ do tipo: i. Advérbio de negação/intensidade+ verbo ser ou estar + **chegada/o/a** + verbo no infinitivo/nome” [Adv_{n/inf} + V_{s/e} + Cheg_{ado/ada} + V_{inf/n}], como em “Não sou muito chegada/o a cantar” e “*Não sou muito chegada/o a gato*”; ii. “Artigo definido ou indefinido + nome/advérbio de intensidade + cheguei [A_{dfn/indf} + N/Adv_{int} + Cheg_{uei}], como em “*A blusa é muito cheguei*”. Esses dados nos permitem constatar a polissemia do verbo *chegar* na língua portuguesa, bem como o processo analógico, metafórico e metonímico representado nas construções em destaque.

2.2.2 Valores do verbo chegar

Fazemos uso nessa subseção do trabalho de dissertação de Almeida Marques (2009), no qual a autora apresenta informações relevantes sobre a lexicalidade e a gramaticalidade do verbo *chegar* no Português. Destacamos algumas informações, como demonstradas a seguir, que tratam o verbo *chegar* como um verbo que:

- É lexicalmente bivalente e pode selecionar tipos diferentes de argumentos, mas pode ser monovalente, em caso de indicação de tempo;
- Possui sujeito explícito ou desinencial;
- Possui complemento locativo e indireto;
- Indica alcançar um ponto determinado;
- Pode ser transitivo (bivalente) e intransitivo (monovalente).

Almeida Marques (2009) traz os seguintes exemplos para mostrar essas características do verbo *chegar*:

2.2.2.1 Argumentatividade

➤ *Chegar* bivalente- mais de 1 argumento.

(1) Alice Tavares e Aluízio Gomes **chegaram** de um cruzeiro pela Patagônia, a bordo do navio Star Princess (Jornal Panorama - 07/02/08 – Douglas Fazolatto –p8).

⁸ O conceito de construção referido em toda a nossa pesquisa se enquadra nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e será detalhado ao longo do texto.

(2) A Beija-Flor ganhou de ponta a ponta, alcançando 393,3 dos 400 pontos em disputa. Com isso, a agremiação de Nilópolis **chegou** ao seu 11º título, com um detalhe: nos últimos seis anos, ganhou cinco desfiles, de 2003 a 2005, e 2007-2008 (Jornal Panorama - 07/02/08 – Nada de novo, deu Beijaflor – geral – p7).

➤ *Chegar* monovalente- 1 argumento.

(3) Já está **chegando** a época de apresentação da planilha e ainda não tivemos qualquer informação a respeito disso (Jornal Panorama - 23/01/08 – cidade – p3).

2.2.2.2 Tipo de sujeito

➤ Explícito-

[...] Com isso, a agremiação de Nilópolis **chegou** ao seu 11º título, com um detalhe: nos últimos seis anos, ganhou cinco desfiles, de 2003 a 2005, e 2007-2008 (Jornal Panorama - 07/02/08 – Nada de novo, deu Beijaflor – geral – p7).

➤ Desinencial-

(3) Já está **chegando** a época de apresentação da planilha e ainda não tivemos qualquer informação a respeito disso (Jornal Panorama - 23/01/08 – cidade – p3).

2.2.2.3 Tipo de complemento

➤ Locativo-

Alice Tavares e Aluizio Gomes **chegaram** de um cruzeiro pela Patagônia, a bordo do navio Star Princess (Jornal Panorama - 07/02/08 – Douglas Fazolatto –p8).

➤ Indireto-

(2) A Beija-Flor ganhou de ponta a ponta, alcançando 393,3 dos 400 pontos em disputa. Com isso, a agremiação de Nilópolis **chegou** ao seu 11º título, com um detalhe: nos últimos seis anos, ganhou cinco desfiles, de 2003 a 2005, e 2007-2008 (Jornal Panorama - 07/02/08 – Nada de novo, deu Beijaflor – geral – p7).

➤ Marco inicial e marco final- “*Chegaram de um cruzeiro*” -Marco inicial/partida. (verificar necessidade de explicação)

➤ “*Chegou ao seu 11º título*” – Marco final/chegada/abstrato

2.2.2.4 Transitividade-

- Transitivo- ausência de preposição-
- Intransitivo- presença de preposição.

Almeida Marques (2009), em seu estudo, do ponto de vista formal, sobretudo sintático, apresenta com rigor elementos do verbo *chegar*, caracterizando a transitividade e expondo as possibilidades de argumentos externos e internos. Do ponto de vista funcional, assim como temos evidenciado nos *corpora* falados de Vitória da Conquista utilizados nesta tese, Almeida Marques (2009) encontrou nos *corpora* por ela selecionados o uso do verbo *chegar* significando “existir” e “parar/bastar”, como em:

1. é:: **chegô** cheg chegou meis de de de de vim a boleta de um mês adiantado porque é:: é tudo numeradinho, né.
2. Num ligo pra essas coisa não, mãe **chega!**

Como vemos, no primeiro exemplo, “*chegô*” substitui “*existe*” e, no segundo exemplo, “*chega*” pode ser substituído por “*basta*” sem nenhuma alteração no sentido. Nesse caso, *basta* e *chega* são coocorrentes e coexistentes na língua portuguesa falada no Brasil, confirmando o processo de variação linguística pelo qual passa o verbo *chegar*. Almeida Marques (2009) ressalta, ainda, que, em casos como de *chega/basta*, não há necessidade de sujeito e o verbo *chegar* passa a constituir uma oração sem sujeito, um comportamento semelhante ao verbo concorrente.

Rodrigues e Damasceno (2020), também, fazem um levantamento de alguns estudos funcionalistas que se ocupam da análise linguística de fenômenos. Em um formato de dossiê os autores mostram diferentes pontos em comum das vertentes do funcionalismo (o Funcionalismo Clássico, a Linguística Sistemico-Funcional, a Gramática Discursivo-Funcional, a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Teoria da Estrutura Retórica e o Sociofuncionalismo), nos interessando para esta tese o que concerne a análise do verbo *chegar* e da categoria verbal na língua portuguesa, como pontuamos, a seguir:

- **Verbo + locativo-**

Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso, Maria Alice Linhares Costa, Gessilene Silveira Kanthack e Valéria Viana Sousa, no artigo *Construção verbo + locativo (VLOC): uma análise centrada no uso*, explicam que, no caso da construção verbo + locativo (Vloc), verbo e locativo evidenciam uma forte integração das subpartes e formam um

pareamento de forma e sentido, que não se enquadra, por exemplo, em categorias rígidas e discretas, como as que são encontradas nas gramáticas de orientação normativa. Com base nessa pesquisa, podemos pensar no pareamento forma-função em construções (Vloc), do tipo “*chegar lá e dizer*”, na qual o locativo confirma o traço de + movimento físico de V1.

- **Chega aí- vinculação semântico-sintática-**

Em artigo intitulado “*Níveis de vinculação semântico-sintática de chega aí no português do Brasil – uma análise centrada em contextos de uso*”, Mariangela Rios de Oliveira e Monique Borges Ramos da Fonseca investigam e classificam os níveis de vinculação de conteúdo e forma envolvidos nos distintos contextos de *chega aí* no português contemporâneo do Brasil, sendo identificado que *chega aí*, quando, em contextos isolados, é muito produtivo na língua portuguesa e indica um processo de mudança linguística em curso.

- **Verbo suporte- Dar-**

Pâmela Fagundes Travassos e Marcia dos Santos Machado Vieira fazem um estudo dos padrões construcionais de construções com verbo-suporte com o verbo *Dar*, instanciado em um contexto maior dentro de construções do tipo (um(a)) X- [a/i]da, (um(a)) X-[a/i]dinha, (um(a)) X-adela e (um(a)) X-(z)inh[o/a], . Os resultados mostraram que tanto o contexto semântico, discursivo, pragmático, cognitivo e social quanto o contexto linguístico influenciam na interpretação dos sentidos de construções desse tipo – o que, segundo as autoras, revela como é urgente que a contextualidade seja também um parâmetro explorado nas investigações construcionistas.

Além desses trabalhos que optamos por citar por serem, assim como a nossa tese, pautados no Funcionalismo em sua vertente mais recente, é possível encontrar outros pesquisadores que se dedicam ao estudo do verbo *chegar* e da categoria verbal como um todo, tendo como foco a língua em uso e os fatores pragmáticos envolvidos no pareamento forma e função, como temos defendido. Em função do nosso objetivo de analisar o processo de Construcionalidade e de Mudança Construcional do verbo *chegar*, em posição V1, dentro de estruturas perifrásticas do tipo [V_{cheg} (x) + V2] na língua portuguesa falada no Brasil, nos ancoramos em abordagens funcionalistas mais recentes, por possibilitarem maior foco à língua em uso real de comunicação.

2.2.3 Os dicionários

Os seguintes dicionários etimológicos foram consultados, a saber: Cardoso (1562), Bluteu (1789), Boléo (1946) e Bueno (1968). E, em todos esses dicionários, o verbo *chegar* aparece diretamente relacionado em sua origem com a linguagem náutica, dado o movimento das embarcações ao atracarem no porto, aproximarem-se ou mover-se para perto do porto, ou ainda, ao ato de dobrar as velas das embarcações. Um significado que evoca uma dada abstração, originada do Latim venire (vir), segundo Bóleo (1946). Assim o verbo que antes indicava movimento em um contexto específico, náutico, passa a indicar movimento em diferentes tipos de contextos e ultrapassando esses usos, a forma *chegar* passa a exercer outras funções em diferentes graus de abstratização, até compor construções como as analisadas nesta tese.

Partindo da etimologia até *chegarmos* nos estudos funcionalistas da categoria verbal, podemos entender que o que acontece com o verbo *chegar* em seu processo de mudança linguística, também ocorre com os demais verbos da língua. Pois, a categoria verbal do Português possui a característica de ser altamente funcional, o que significa dizer que tanto a forma quanto à função dos verbos no português passam por constantes variações em seus usos, ultrapassando a gramática tradicional e servindo para a língua em efetivo uso, ocupando lacunas e colaborando para a completude do sentido de acordo com a intenção e necessidade comunicativa dos usuários da língua.

Se retomarmos, por exemplo Bóleo (1946) e depois Machado (1967), veremos que ambos observam a evolução dos usos dos verbos do latim para o português. Isso significa que, apesar das décadas que separam esses estudiosos, a categoria verbal sempre esteve em processo de variação e mudança linguística de acordo com o contexto de uso linguístico. A esse respeito. Boléo (1946) faz uma interessante observação de como a origem do verbo *chegar* está diretamente relacionada com o contexto de uso, como podemos ver, a seguir:

[...] o representante de *plicare* em português e espanhol significa “*chegar*”, ao passo que em romeno “*pleca*” tem o sentido de “partir”. Como explicar o facto? É que a palavra *plicare*, naqueles idiomas, pertenceu originariamente ao domínio náutico: *plicare velam*, “dobrar a vela”, “*chegar*”; no romeno, à linguagem militar: *plicare tentoria*, “dobrar as tendas”, “partir” [...]. (Boléo, p. 607)

Observando o que Boléo (1946) nos informa, a origem do verbo *chegar* varia de acordo com o contexto que se fazia dessa construção desde a sua origem, sendo um sentido para a

linguagem náutica (*vir*) e outro sentido para a linguagem militar (*ir*). Contudo, observamos que há uma característica que acompanha o verbo em ambas as possibilidades etimológicas, a saber, o movimento. Destacamos essa característica, porque, nos dados que analisamos em Rocha (2017), são mostrados que, quanto mais o verbo *chegar* se afasta dessa característica, mais ele exerce funções não prototípicas.

Machado (1967) afirma que o verbo *chegar* já carregava essa carga semântica de movimento desde o Latim tardio, como em i. “ut per médium transsuersaremus caput ipsiud uallis, et sic **plecaremos** nos as montem Dei” (Etéria, *Jornal de Voyage*, p. 100, ed. D 1948)⁹. Por sua vez, Nascentes (1955) e Bueno (1968), também tratam da etimologia do verbo *chegar*, com uma importante consideração a respeito das acepções indígenas do verbo significando “Aproximar-se do ponto final a que se dirigia alguém ou alguma coisa em movimento” (Bueno, 1968, p. 248) ou, como afirma Nascentes (1955), no mesmo dicionário, faz referência ao verbo *chegar* como sendo, mesmo, oriundo da linguagem náutica, que, inicialmente, indicava o dobrar as velas na chegada ao porto. No intuito de resumirmos informações de outros autores que tratam da origem do verbo *chegar*, apresentamos o Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Origem do verbo *chegar* de acordo com alguns autores

Autor	Origem	Acepção
Cunha (1986)	lat. Plicare ‘dobrar, enrolar’	de ‘atingir um ponto fixo, (com dupla noção de tempo e de espaço)
Aurélio (1986)	lat. Plicare ‘dobrar, enrolar’	Ir, atingir, iniciar, ir ao extremo, alçar etc.
Lexilello (1989)	lat. Plicare ‘dobrar, enrolar’	Atingir, alcançar, aproximar, igualar
Luft (1998)	lat. Plicare ‘dobrar, enrolar’	Sobrevir, acontecer, aproximar, alçar etc.
Michaelis (1998)	lat. Plicare ‘dobrar, enrolar’	Aproximar, começar, atingir, igualar, bastar etc
Houaiss (2009)	lat. Plicare ‘dobrar, enrolar’	Atingir, alcançar, alçar, elevar, bastar, começar, empurrar etc.

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Constatamos, a partir do levantamento realizamos, que os dicionários presentes nesta seção, apresentam, consensualmente, a mesma origem latina do verbo *chegar* e trazem como principal acepção o movimento de ida e vinda.

⁹ “Então, pelo meio sigamos, pela cabeça do mesmo vale e assim nos dirigimos ao monte de Deus”

Constatamos, ainda, que, em se tratando das gramáticas prescritivas, como a que nos apresenta Cunha e Cintra (1995), Bechara (2004), Rocha Lima (2003), entre outros autores, a auxiliabilidade verbal na Língua Portuguesa, canonicamente, parte dos verbos *ter*, *haver* e *ser*. Esses verbos se diferenciam dos verbos plenos porque não funcionam como núcleo da oração.

Com a realização das discussões apresentadas nesta seção, nas quais buscamos contextualizar a origem etimológica do verbo *chegar*; apresentar como o verbo está prescrito nas gramáticas tradicionais e descrito em algumas pesquisas, tivemos como propósito construir o argumento de que o verbo *chegar* vem, em seu exercício na língua em uso, ocupando funções que ora são prototípicas e que ora são mais procedurais.

Seguiremos na próxima seção com a apresentação dos pressupostos teóricos que fundamentam a nossa pesquisa. Nesse momento, faz-se importante demonstramos estudiosos do Funcionalismo que trazem abordagens mais recentes a respeito da variação e da mudança linguística, elemento caros a esta pesquisa, em função das questões problema levantadas e, conseqüente, análise a ser realizada.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, nos propomos a apresentar o aporte teórico que sustenta a nossa investigação sobre o uso do verbo *chegar* em estruturas do tipo [V_{cheg} + (x) + V2]. Para tanto, nas subseções a seguir, tratamos da Linguística Funcional Centrada no Uso, sua origem no Brasil, a partir da influencia do grupo D&G, do Rio de Janeiro, bem como a respeito da abordagem construcionista e sua contribuição ao que já havia sido estudado sobre o Funcionalismo até então. Damos destaque a alguns conceitos, como os de forma, função, construção e gramática, tão caros a pesquisa que se empenha em analisar construções linguísticas por meio da LFCU.

Esclarecemos, mais uma vez, conforme destacamos na *Introdução* ao mencionarmos sobre a densidade teórica, que, diante do desejo de elencar diversos conteúdos que, a nosso ver, são significativos para melhor entendermos a complexidade do assunto, topicalizamos assuntos. Esclarecemos, ainda, que optamos por apresentar, após a exposição dos assuntos, o diálogo destes com o nosso objeto, antecipando, dessa forma, o que poderia estar, convencionalmente, na análise de dados. Diante disso, nesta seção, já traremos, como exemplos, em diálogo com o objeto teórico apresentado, excertos de análise.

3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso-LFCU

Nesta subseção, iremos discorrer sobre a *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU), termo originado no Brasil com o grupo de pesquisa funcionalista D&G, que tem colaborado de maneira particular para os estudos oriundos da união entre os pressupostos funcionalistas e cognitivistas. Essa corrente é reconhecida, especialmente, pelo acréscimo da abordagem construcionista ao Funcionalismo Linguístico e por comportar, dentro dessa abordagem, além da Linguística Funcional (LF), a Gramática de Construções (GC) e a Linguística Cognitiva (LC). Interface que nos possibilita uma análise mais holística dos fenômenos linguísticos.

Adotamos a LFCU como a abordagem linguística para fundamentar esta pesquisa, dado que a nossa investigação, no que diz respeito ao verbo *chegar* em posição V1, em construções do tipo [V_{cheg} +(x)+V2], foi concentrada nos usos efetivos da língua portuguesa falada no Brasil, especificadamente, em Vitória da Conquista, na Bahia. Portanto, ao considerarmos o estudo holístico das construções em análise, elencamos variáveis linguísticas, bem como os fatores pragmáticos e discursivos arrolados no processo de variação e mudança pelo qual passa o verbo

chegar, seguindo o princípio de que a gramática é um sistema de conhecimento linguístico hipotético, que, além da morfossintaxe, semântica e fonologia, inclui o pragmatismo e as funções discursivas (Traugott; Trousdale, 2013).

O termo *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU), adotado no nosso trabalho é, segundo Bybee (2010), uma nova nomenclatura para a Teoria da Linguística Baseada no Uso (*Usage-based Linguistics*), oriunda, por sua vez, do Funcionalismo Norte Americano (Talmy Givón, Paul Hopper, Elizabeth Traugott, Sandra Thompson, Bernd Heine). Trata-se de uma corrente linguística cujos conceitos de gramática e língua se associam permanentemente ao uso, somando-se a ela os pressupostos teóricos da linguística cognitiva (Lakoff; Johnson, Ronald Langacker, Leonard Talmy e Adele Goldberg).

Enquanto abordagem teórica cognitivo-funcional¹⁰ (Tomasello, 2003; Furtado da Cunha, 2012), ou LFCU, as expressões são sujeitas à análise tanto no nível cognitivo quanto no interacional. Além disso, essa corrente defende que a construção do sentido de uma língua está vinculada tanto à subjetivação, quanto à intersubjetivação próprias da interação entre falantes. Na interação, por conseguinte, é que o mundo físico e social passa a ser conceptualizado como resultado da experiencialização (Traugott; Trousdale, 2013).

Fried (2008, p. 25) diz que os fatores externos agem impulsionando as mudanças linguísticas e agem na maneira com que os falantes utilizam a língua, na maneira como eles tentam se comunicar, buscando mais expressividade. Nessa busca, novas nuances semânticas e pragmáticas são promovidas, além de fatores cognitivos e discursivos. Assim, construções perifrásticas com o verbo *chegar* em posição V1 apresentam alto índice de expressividade, marcado pela instanciação de novos conteúdos procedurais.

Nós, entretanto, adotamos a perspectiva de Traugott (2008), ou seja, uma análise linguística pautada tanto na influência dos fatores internos, como dos fatores externos, por meio da negociação de sentidos, em uma dinâmica *on-line*, na qual as formas em competição compartilham um mesmo chão comum (*common ground*). Vale mencionar, contudo, que o fato de muitas formas estarem em um mesmo chão, por assim, dizer, há o surgimento dos processos chamados de subjetivação e intersubjetivação¹¹ (Traugott, 2008), que dão origem, por sua vez, a contextos discursivos de indissociável ambiguidade pragmática.

¹⁰ A nomenclatura utilizada por Tomasello, 2003 e Furtado da Cunha 2012 é preferida por alguns autores e preterida por outros. Para nós, tanto Linguística Funcional Centrada no Uso, como Linguística Cognitivo-funcional expressam satisfatoriamente a relação entre função e cognição.

¹¹ Para mais informações sobre subjetividade e intersubjetividade, indicamos: Andrade, A. M. F. de. A (inter)subjetividade presente em construções subordinadas subjetivas: uma abordagem centrada no uso, Dissertação de Mestrado, UESB, 2022.

A partir do entendimento de que duas formas iguais podem expressar coisas diferentes, ou expressarem exatamente a mesma coisa, podemos analisar as construções de uma língua para explicar, por exemplo, porque o falante tanto pode usar *chegar a falar*, como pode optar por *chegar a dizer*, sem implicação para a sua expressividade, ou para o entendimento do ouvinte. Por outro lado, podemos explicar o que faz com que o falante diga *Ele chegou¹² e disse tudo*, ao invés de dizer, apenas, *Ele disse tudo*.

Um dos princípios evocados no processo subjetivação é o Princípio da Economia Linguística¹³ que trabalha em prol de fazer com que o falante diga não mais do que o necessário, da melhor maneira possível, sendo imposto ao receptor se esforçar para entender, também, da melhor maneira possível o conteúdo, selecionando informações mais relevantes. O resultado desse trabalho de “duas vias” gera ao falante a necessidade de codificar gramaticalmente “o material linguístico que ele já tem conceptualizado” (Cuenca; Hilferty, 1999, p.169), reforçando a informatividade e garantindo a economia linguística

Pensando no nosso objeto de estudo, e partindo do *Princípio da Economia Linguística* e da necessidade de melhor se expressar, na tentativa de ser compreendido, o falante opta por preferir usar o verbo *chegar* em instanciações do tipo “*Foi ficando zangado, zangado, zangado até começou a chorar*”, dando preferência a dizer “*Estava tão zangado, chegou chorar*”. Em seleções como essa, as quais utilizamos por serem comuns na língua portuguesa, podemos perceber o quanto é nítida a economia tanto no que diz respeito ao material lexical e o quanto é possível “dizer” a partir do material procedural, o que seria expresso por meio do material lexical.

Analisar a comunicação por meio do viés discursivo, como proposto pelas correntes funcionalistas mais recentes, é, sobretudo, considerar os mecanismos utilizados na interação comunicativa. Desse modo, tanto a subjetividade de quem fala, como a de quem recebe o conteúdo linguístico devem ser consideradas, pois, para haver a negociação de sentidos, nos termos de Traugott e Dasher (2002), são, minimamente, necessários dois participantes: um que elabora e entrega a informação e o outro que recebe e processa a informação. Vejamos a seguir que, mesmo para psicanálise, forma e significado, subjetividade e intersubjetividade tem a ver com a experiência humana, suas vivências e, até mesmo, suas características particulares, que constituem o “jogo” de entender e se fazer entendido.

¹² Considerando um contexto discursivo no qual chegar não indica movimento/deslocamento físico.

De acordo com os pressupostos da LFCU, os usuários não somente aprendem a gramática de uma língua, mas são os responsáveis de, além de codificá-la, estabelecer as relações integrando a fonologia, semântica, morfossintaxe e pragmática, de modo que, a partir da interação, produza-se comunicação (Traugott; Trousdale, 2013). Desse modo, a concepção de gramática para a LFCU está diretamente associada com interação social entre interlocutores reais, e não ideais como propunha a teoria universalista chomskiana. Quanto ao estudo da língua em uso, próprios da LFCU, são observados os aspectos estáticos e os dinâmicos, sendo possível analisar a mudança linguística tanto a partir das estratégias individuais na interação verbal, quanto daqueles aspectos estáticos ou “conjunto de regularidades linguísticas, como o modo ritualizado ou comunitário do uso” (Oliveira; Votre, 2009, p. 99). E, a partir desses estudos, a linguagem é compreendida na interação e em atividades socioculturais (Thompson; Couper-Kuhlen, 2005; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2014).

Podemos, ainda, citar o termo defendido por Traugott e Dasher (2002), a saber: *Inferência Sugerida*, que é um mecanismo pelo qual os interlocutores se apropriam de sentidos mais convencionalizados e, também, referenciais, reelaborando-os em determinados contextos, trazendo para o momento da comunicação o que lhe é subjetivo e intersubjetivo.

Traugott e Dasher (2002) afirmam que a *Inferência Sugerida* é um tipo de acordo entre os interlocutores, que negociam entre si as suas crenças e os seus sentidos atingindo um nível maior de abstração, que ultrapassa o plano informacional e desperta a (inter)subjetivação dos participantes do ato comunicativo. Esse tácito acordo entre os interlocutores se desenvolve por meio da manifestação daquilo que o falante/escrevente pretende dizer e a sua maneira pessoal de envolver o seu ouvinte/leitor. Nesse processo, novos sentidos são negociados a partir de sentidos já existentes na língua, por meio da abstratização, sem a qual o falante não consegue cumprir o seu objetivo comunicativo.

Assumimos, desse modo, que a (inter)subjetivação presente em construções do tipo $[V1_{\text{cheg}}(e) + V2]$ é resultado do recrutamento de construções que são instanciadas em estruturas complexas por questões discursivas e pragmáticas.

Na subseção 3.1.1, iremos apresentar algumas questões a respeito do conceito de referência, por nos ser útil para análise dos fatores gramaticais envolvidos na abstratização do verbo *chegar* em estruturas perifrásticas.

3.1.1 A questão referencial

Para tratarmos do conceito de *Referência* nos atemos as proposições de Fillmore (1982-1988), Lakoff (2004), Goldberg (1995), entre outros, dada similaridade em seus pressupostos e ao fato de que esses autores consideram que os processos referenciais devem ser analisados em situações reais de comunicação, no uso que se faz da língua. Da mesma forma, defendem a ideia de que, por ser fruto da língua em uso real, a referência envolve fatores de ordem social, cognitiva, interacional, discursiva e pragmática, ultrapassando a análise puramente gramatical.

Damos destaque ao nome de Fillmore (1982;1988), dada a relevância quando se trata da conceituação de *referência* nos estudos linguísticos. Um dos conceitos abordados na linguística para explicar a questão referencial é o de *Frames*, o qual apresentaremos brevemente nesta tese. Segundo ele, as palavras têm os seus sentidos diretamente relacionados com os seus domínios e é essa relação que recebe o nome de *Frames*. *Frames*, então, podem ser compreendidos como enquadramentos em domínios específicos e os seus sentidos são construídos entre os interlocutores de acordo com os outros *frames*, ou construções mentalizadas, que compartilham entre si (*background*).

Não vamos nos aprofundar nas complicações elencadas por alguns autores, ou, em seus pontos de divergências ao conceito de *Frames*, mas nos atendo ao que é pertinente para compreendermos como o verbo *chegar* é entendido semanticamente dentro de construções perifrásticas, nos detemos em algumas proposições de Fillmore (1982), a saber: i. *frames* são palavras que estão relacionadas e, para abstrair a essência de uma, é necessário que se compreenda também toda a estrutura a qual ela está inserida; ii. As palavras são categorizadas por meio da experiência e do conhecimento da língua; iii. As categorias são organizadas a partir de situações motivadoras.

Segundo Fillmore (1982), os *frames* são compostos por representações linguísticas que formam o “*know-how*” mental, que, por sua vez, é constituído de ideias que se interligam entre si, formando um determinado significado ou conceito. Se traçarmos uma analogia para o conceito de *frames*, podemos compará-la com uma aquarela. Se o artista possui somente as cores primárias e branca, mas precisa de outras cores, por exemplo, ele pode se valer do recurso de misturar as cores branca e vermelha, *mix* do qual obterá rosa, mais claro ou mais escuro, a depender da quantidade de tinta que for administrada de cada cor. As cores, então, se interligam formando outra cor, ou outro significado para as cores, cujo resultado pode variar de mais rosa a menos rosa.

Se compararmos a nossa analogia do mix de cores com o conceito de *frames*, teremos, então, duas cores que podem ser equiparadas a duas ideias interligadas, misturadas de forma gradiente, que apresentam um resultado que já não é mais nem branco, nem vermelho, mas, também não o deixa de ser. Substancialmente, ainda há ali todos os traços das duas cores, misturadas, contudo, juntas elas geraram outra cor/significado.

Do mesmo modo que ocorre com a analogia das tintas, o verbo *chegar* dentro de estruturas perifrásticas ao se “misturar” com a semântica dos outros membros da construção em que ele está instanciado, passa a desempenhar outros significados, mantendo, mais ou menos, a suas características iniciais de verbo pleno, mas evocando outras funções, ativadas na mente dos falantes por *frames* pré-existentes do tipo mais branco é igual rosa mais claro e, mais vermelho é igual a rosa mais escuro. Ou seja, $[V1_{cheg} + (x_a) + V2]$ é igual a maior permanência de traços de movimento, enquanto $[chegar + \text{Verbo no infinito}]$ é igual menos traço de movimento.

Para esclarecer a esse respeito, Lakoff (2004) explica que tanto as palavras evocam *frames*, quanto *frames* evocam palavras. Nessa implicatura, quando alguém ouve ou lê o verbo *chegar*, o ouvinte ou leitor tem ativado em sua mente questões que envolvem movimento/deslocamento. Mas, se ele ouve *chegou*, *cheguei*, *chegando*, *chegada*, *frames* de trajetória serão ativados, em maior ou menor grau. Nos perguntamos se é o que acontece com expressões do tipo *uma blusa cheguei* ou *eu sou chegada*, comuns na língua portuguesa falada no Brasil? Há, nessas expressões, uma ideia de trajetória > aproximação? *Rosa cheguei* representa uma cor forte, viva e presente. Quando ouvimos, lemos, falamos ou escrevemos que alguém é *chegado*, não há, também, um sentido sendo veiculado de trajetória > aproximação? Em uma resposta simplista, podemos dizer que, as características do verbo *chegar*, enquanto verbo pleno, são ativadas nesses casos, em maior ou menor grau, de acordo com a necessidade comunicativa. E, a medida que o verbo *chegar* se gramaticaliza, mais e mais se torna abstrato.

Retomando Fillmore (1982), podemos dizer que as palavras podem se relacionar, mesmo em caso em que as suas características sejam diferentes. Nesse sentido o falante pode, numa tentativa de maior expressividade, dizer tanto *deu no choro*, como *danou a chorar*, ou ainda, *caiu no choro*, *pegou chorar*, *chegou chorar*, *(a)garrou chorar*, *foi a chorar* etc. Assim, em um esforço de se comunicar melhor, o usuário da língua escolhe a construção que melhor se adequa ao seu discurso evocando a mesma cena/frame e construindo relações analógicas entre verbos com as estruturas verbais já homologadas nas interações.

De acordo com Lakoff e Wehling (2012), há um circuito de *frames* para o processamento lógico das palavras de uma língua, mas não se encerra aí. A organização lógica

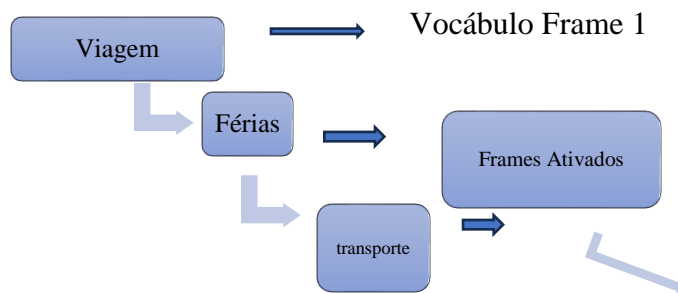
dos *frames* está associada com os esquemas imagéticos dos falantes de uma língua, que, por sua vez, carrega grande quantidade de material cognitivo, ou emoções envolvidas no processo. Portanto os *frames* são conceitos arquivados na memória que são ativados no ato comunicativo e se manifestam em forma de palavras/construções. (Lakoff, 2004). Fillmore (1982, p. 112) diz que

[...] É possível pensar num texto linguístico não como uma sucessão de pequenos significados, dando ao intérprete a função de colocá-los em um significado mais amplo (o significado do texto) mas sim como uma sucessão de ferramentas que alguém usou para fazer determinada atividade. A função de interpretar um texto, então, é análoga ao trabalho de entender a que atividade a pessoa se engajou ao organizar as ferramentas naquela ordem.

Goldberg (1995), por sua vez, explica que o significado das sentenças ultrapassa o significado das palavras, porque precisa tanto da ativação das cenas, como do conteúdo procedural. Para esclarecer, a autora nos dá o seguinte exemplo: “Sara enviou a fatura para Jeremy por fax”. Ela argumenta que, para entender a sentença, tanto o conceito de “fax” é ativado, como o de “enviar”. Da mesma forma quando alguém lê *chega choro*, não só a ideia de chorar é ativada, mas também a ideia de *chegar ao limite*, ao ponto de chorar.

Tomando os *frames* como possibilidade analítica para o nosso objeto de estudo, vale ressaltar que é, nas construções, que os *frames* se instauram e se manifestam. Pensando a esse respeito, podemos afirmar que o processo comunicativo se organiza a partir dos cenários em que as palavras trazem à tona à mente do falante, o que, por sua vez, só será compreendido se seu interlocutor possuir os mesmos cenários, ou esquemas imagéticos, e souber a acepção dos termos ditos. Se alguém diz, por exemplo, a palavra *velório*, várias cenas são ativadas na mente do falante ou ouvinte, como: morte, tristeza, caixão, enterro, choro, perda, até mesmo a noção de tempo é convocada, considerando a extensão temporal comum ao evento velório, de forma semelhante, acreditamos e defendemos que, se alguém diz o verbo *chegar*, na condição de pleno ou em estruturas perifrásticas, os *frames* relacionados a trajetória são ativados. A ativação dos esquemas imagéticos se dá como um efeito de cascata (MORATO, 2010), como podemos observar na Figura 2, a seguir:

Figura 2 – Gradiência de *frames*



Fonte: Elaboração da pesquisadora, com base em Morato (2010).

Como demonstrado na Figura 2, o vocábulo *viagem* evoca os *frames* férias e transporte, entre centenas de outros, que vão sendo postos “em jogo” na medida que os interlocutores se esforçam para compreenderem a mensagem e se fazerem compreendidos. Os *frames* evocados, por sua vez, trazem para a cena outros *frames*, como uma atividade gradiente e contínua, eu diria de possibilidades. Nessa atividade, duas condições se apresentam, que são: i. ambos os interlocutores possuem os mesmos esquemas imagéticos, ou bem parecidos, e a fluidez da comunicação se faz garantida, dada a preservação das cenas; Ou, ii. os esquemas imagéticos dos interlocutores não são semelhantes e a comunicação não flui com a eficácia desejada pelo falante ou escritor.

O nosso interesse pelo conceito de *frames* para esta tese se deu porque, como defende Morato (2010), para entender o seu processamento precisamos analisar as construções linguísticas cognitivamente. Dessa forma, os objetos vão sendo definidos e redefinidos simultaneamente no discurso, na língua em uso. Para clarificar essa ideia Morato (2010) exemplifica com a palavra “*restaurante*” convoca outros *frames* que se unem para constituir o significado do vocábulo de modo que “Ao retirarmos o *frame* ‘restaurante’ [...] evocamos os modelos de procedimentos, falas, rituais culturais etc. associados a ele, podendo apresentar características variadas e mesmo assim não deixa de ser por nós reconhecido” (Morato, 2010, p. 97).

Fillmore (1982), por sua vez, explica que seria difícil se cada palavra requisitasse um significado, ou se cada significado uma palavra, por isso, em busca da eficiência linguística, os vocábulos são redimensionados por meio dos processos cognitivos, como a polissemia, que permite a convocação de vários e diferentes *frames*. Para Fillmore (1982), a maneira como, enxergamos o mundo e como interagimos com ele influencia no nosso arquivamento e acesso aos *frames* e na interpretação que fazemos deles.

Resumimos, a seguir, mais algumas informações relevantes a respeito dos frames, a partir de Fillmore (1982):

- Os *frames* são aprendidos nas interações;
- Os *frames* evocam esquemas mentais;
- A esquematização dos *frames* é, também, do mundo e da situação de produção da linguagem;
- “*Frame interativo*” é o mesmo que enquadramento comunicativo.

Segundo Fillmore (1982), todas essas características a respeito dos *frames* se enquadram, também, com os pressupostos da Gramática de Construções, utilizados, motivo que justifica a necessidade de trazermos essa discussão para a esta pesquisa. Primeiro, porque os *frames* devem ser considerados a partir da língua em uso. Segundo, porque se trata de um processo que se dá na interação e por meio da interação. E, terceiro, mas não menos importante, porque a gramática dos *frames* é emergente e resulta de processos cognitivos de domínios gerais.

Para finalizarmos essa seção, vale mencionar que Langacker (1995) usa a expressão “*manipulação*” para definir os processos imbricados na comunicação, na interação social. E, Fisher (2013) e Dijk (1997) trazem, em seus estudos, questões que envolvem o vínculo que há entre a GC e o estudo dos *frames*. Sendo que este último, ainda, afirma que, além da questão da interação entre os interlocutores, os *frames* coincidem com as ideias da GC sobre microestruturas (construções emergenciais, flexíveis) e macroestruturas (generalidades/estratificação). Isso nos leva a perceber que o verbo *chegar* na língua portuguesa funciona com flexibilidade de funções que acionam os frames de movimento, ora mais contundente, ora mais abstrato.

A partir do entendimento da gramática dos frames é que chegamos à conclusão de que a construção de texto/discurso é resultante das possibilidades de os interlocutores agirem sociocognitivamente pela linguagem e que os processos referenciais têm papel essencial nesse agir social, não obstante as categorias e os objetos de discurso sejam marcados pela instabilidade constitutiva, algo intrínseco do discurso e da cognição, conforme assinalaram Mondada e Dubois (2003, [1995]).

A seguir apresentamos as categorias analíticas da LFCU, tão caras aos estudos linguísticos.

3.1.2 Das categorias analíticas

Partindo do pressuposto de que a língua é estruturada cognitivamente, por meio de fatores linguísticos e comunicativos, a LFCU se ocupa de análises linguísticas a partir de algumas categorias analíticas já mencionadas por Givón (1984, 1990, 2001) e um plano discursivo, que corrobora para a ideia de Bybee (2010) e Rosh (1973), a saber:

Iconicidade = correlação entre forma e função (Givón, 1984);

Marcação = presença e ausência de propriedades em par contrastante (Givón, 1990);

Perspectivação = semelhante à ideia de informatividade a partir de conhecimentos compartilhados pelos falantes no ato comunicativo (Givón, 2001);

Categorização e prototipicidade = identidade ou semelhança passível de percepção humana, em um *continuum* categorial (Bybee, 2010; Rosh, 1973));

Plano discursivo = percepção da organização estrutural do discurso a partir da noção de figura e fundo (Givón, 1995);

Projeções metafóricas e metonímicas- mapeamento entre domínios conceituais (Lakoff; Johnson, 1999).

Cada uma dessas categorias analíticas é importante, na medida em que o linguista pode se valer delas para explicar diferentes fenômenos próprios do processo de variação e mudança linguísticas (Traugott, 2004).

Na seção intitulada Análise e Resultados, apresentamos os usos que fizemos das categorias de análises como apresentadas na LFCU para explicar, por exemplo, quais as funções possíveis para a forma perifrástica na qual V1 é o verbo *chegar* (iconicidade), noções de auxiliaridade (prototipicidade), comparação de *chegar* com outros verbos de movimento em posição V1 (perspectivação), análise de contextos discursivos e sua relação com o uso de *chegar* em posição V1 (figura e fundo) etc.

Na próxima subseção, realizaremos um rápida abordagem sobre as teorias abarcadas pela LFCU e do recorte teórico selecionado para esta pesquisa.

3.1.3 Combinando Padrões

Quando se trata de estudos sobre mudança linguística, em uma perspectiva funcionalista, é notória a importância dos estudos de Joan Bybee (2015), que considera a língua como social e passível de mudança. Por isso, a seguir, compartilhamos algumas das ideias da

linguista sobre a relação entre os padrões mentais evocados na mudança linguística com o ato comunicativo, propriamente dito.

A busca de Bybee (2015), em entender por que as línguas mudam desde os tempos mais antigos, encaminha os estudos linguísticos ao entendimento de que se as línguas sempre mudam é porque estão sendo “usadas”. Essa conclusão, por assim dizer, ratifica a importância do estudo linguístico em uma perspectiva baseada no uso.

Para Bybee (2015), todas as línguas mudam da mesma maneira, por padrões mentais que se põem em jogo durante o momento da comunicação. A hipótese da autora, a qual abraçamos, é a de que, independentemente de qual seja a língua em estudo, o que podemos saber a respeito da mudança linguística está diretamente relacionado aos processos mentais dos quais falantes e ouvintes fazem uso no ato comunicativo. A mudança, portanto, é um processo que se dá por categorias encontradas em todas as línguas e, isso é um princípio, segundo ela.

Ao observar a estrutura das línguas e seus aspectos fonológicos, Bybee (2015) conclui que a mudança se dá tanto nos sons, como na sintaxe e na morfologia, com uma amplitude que alcança as palavras, os sentidos e as construções. E, essa extensão alcançada pela mudança linguística, resulta na propagação e perpetuação convencionalizada de geração em geração.

Partindo dessas ideias, a Bybee (2016) explica que o que faz a língua mudar é o movimento, como das dunas de areia, gradientes, cuja percepção da mudança só se faz visível no tempo e com o tempo, em um sistema que a autora denomina como *sistema adaptativo complexo*. Nesse caminho, o que há nas línguas é a regularidade de padrões que convivem o tempo todo com variações em todos os níveis. Ela afirma que uma teoria da linguagem deve focar na dinamicidade dos processos por meio dos quais a língua se estrutura e varia (Bybee, 2016, p. 18).

Dando ênfase para o fato de que toda língua muda da mesma maneira, Bybee (2015) nos explica que, ao utilizar a língua os falantes combinam e reforçam padrões (*pattern-matching*), como é o caso da marca de plural, da posição do sujeito em frases interrogativas e do adjetivo antes do nome, do uso dos auxiliares interrogativos, entre outros aspectos. Assim, o processo de mudança linguística se dá por meio do surgimento e da perda de novos padrões em uma língua e acontece ao longo do tempo e no tempo. E, nesse percurso, rumo à mudança, aspectos estruturais da língua, embora antigos, podem permanecer em uso (BYBEE, 2015).

A combinação dos padrões subjacentes ao processo de mudança linguística se dá pela regularidade x irregularidade, como veremos na subseção 3.1.3, a seguir.

3.1.4 Padrões de domínio geral

Partindo de Lakoff (1987), Bybee (2015) apresenta alguns padrões de domínio geral arrolados ao uso de uma língua, a saber: categorização, chunking, representação mnemônica rica, analogia e associação transmodal. Para esclarecermos como se dá a mudança linguística a partir do conceito de padrões de domínio geral, abordaremos, resumidamente, cada um deles.

3.1.4.1 A categorização

A categorização é, segundo Lakoff (1987), o processo pelo qual o indivíduo realiza operações mentais automatizadas e inconscientes, que é comum em toda a raça humana, sendo, portanto, comum a toda língua. Ao categorizar, o cérebro organiza os eventos e o mundo físico recortando e classificando o ambiente em que ele vive e, nesse processo, estão envolvidos fatores biológicos e socioculturais dos quais o ser humano faz uso (Bybee, 2016).

Lakoff (1987) afirma que a categorização se dá sobre os objetos, as pessoas, os ambientes e as instituições, por agrupamento de traços que podem ser presentes ou ausentes, mais ou menos gerais. Nesse sentido, quando um usuário da língua usa símbolos para se comunicar com outro, ele o faz a partir de sequências e padrões de uso que emergem e se consolidam. Isso significa dizer que a língua comporta padrões regulares e ritualizados, bem como padrões emergentes (Tomasello, 2005).

Conforme Thompson (2019), em sua tese de doutorado, em uma abordagem que parte da língua em uso e trata sobre as construções comparativas assimilativas com *tipo* e *igual*, o processo de categorização se dá por meio de uma correspondência de identidade que é “[...] quando palavras e sintagmas e suas partes constitutivas são reconhecidas e correlacionadas com representações armazenadas na memória” (Thompson, 2019). A autora explica esse fenômeno da seguinte maneira:

Para ilustrar esse processo, podemos pensar nas construções enfocadas nesta investigação. Ao se deparar com um enunciado como “cabelo tipo porco-espinho”, o falante identifica sua organização semântico-formal (cabelo: entidade 1; tipo: conector; porco-espinho: entidade 2) e a correlaciona com representações mentais similares (por exemplo: “um olhar igual fuzil”; “uma sala que nem cinema”), associando o referido enunciado ao grupo de construções comparativas disponíveis em sua memória (Thompson, 2019, p. 50).

O que Thompson (2019) defende é o pensamento de que categorias são organizadas por meio de protótipos que compõem escalas por similaridades. Nesse sentido, podemos dizer que a construção $[V_{\text{cheg}}(x) + V2]$ se organiza na mente do falante de maneira semântico-formal a partir de representações mentais semelhantes que, no português, têm origem em perífrases com verbos auxiliares prototípicos (*ter, ser e haver*), conforme estamos defendendo neste texto.

A busca por compreender o conceito de categorização nos faz indagar sobre como as palavras e as coisas as quais elas nomeiam se relacionam. Nessa busca por respostas para tal indagação, nos vemos diante da variabilidade das categorias linguísticas. E, isso implica o fato de que não se trata de uma relação direta significante-significado, apenas, mas, sim, de uma série de fatores e simbolismos que evocam os *frames* linguísticos e conseqüentemente as experiências individuais.

Delbeque (2006) afirma que, além de ferramenta de comunicação, a língua reflete a percepção do mundo de acordo com cada local e seu material cultural. Segundo a autora, a conceptualização está para além das categorias da língua e envolve as noções que temos do mundo ao nosso redor, que, por sua vez, influenciará na maneira como interpretamos os acontecimentos. Processo cognitivo que ocorre por meio da categorização e recategorização, meio pelo qual as categorias são organizadas na mente do usuário da língua. Com essa constatação, a autora ratifica a ideia por nós já defendida nesta tese, de que as construções são armazenadas na mente do falante ou ouvinte, mas elas não são estáticas, mas flexíveis, passíveis de reavaliação e de mudanças, ou seja, o que foi categorizado pode passar a ser recategorizado.

A respeito de um provável “caos” linguístico, Mondad e Dubois (1995, p.40) vão dizer que instabilidade não é sinônimo de “caos” e que, apesar da flexibilidade da categorização, as escolhas não são realizadas desordenadamente ou de maneira caótica, pois o que os falantes acessam em suas escolhas linguísticas faz parte do seu arquivo cognitivo, que aqui chamamos de arsenal.

A nível de exemplificação, tendo em conta a nossa própria experiência profissional, trazendo para esta investigação uma analogia da organização bélica de uma instituição militar, chamamos as categorias linguísticas arquivadas na mente do usuário da língua de *arsenal linguístico*. Nele, estão devidamente organizadas, em “prateleiras”, as categorias da língua de acordo com sua tipificação ou classes. A maneira como esse arsenal é organizado em uma dada língua é resultado de uma convencionalização. No entanto, se há uma demanda urgente, uma “ferramenta” pode ser recategorizada (material procedural) em outra prateleira (construção)

para facilitar o “manuseio” ou o acesso e, às vezes, o que está em uma dessas prateleiras é retirado dali e armazenado (instanciado) em outra prateleira para fins de uso imediato.

Assim como nessa analogia, as estruturas linguísticas estão organizadas de maneira que para sanar “buracos” na comunicação, em uma necessidade “emergencial” do falante em suprir lacunas no processo comunicativo, buscando maior expressividade, ele se utiliza do material linguístico, manipulando-o, nos termos de Langacker (1995), estrategicamente, categorizando e recategorizando a partir dos *frames* acessíveis em sua mente.

Com o que expusemos até aqui, defendemos que o verbo *chegar* sai de uma categorização já convencionalizada e alcança outros usos que se gramaticalizam na língua portuguesa, de modo que o que antes era um verbo pleno, prototípico, instanciador de movimento, passa a funcionar como aspectualizador para V2 em estruturas perifrásticas, com alto índice de polissemia e produtividade. Nesse sentido, esse verbo tanto evoca *frames* de movimento, próprios de sua categorização prototípica, como *frames* de intensidade, tempo, aspecto, entre outros.

Na subseção a seguir apresentamos o conceito de *Chunking*, nos termos de Bybee (2010), que é o resultado da fusão, ou surgimento de blocos, que constituem a língua, por meio da categorização que, segundo a nossa defesa, remete à construção $[V_{\text{cheg}}(x) + V2]$ a um paradigma de auxiliar.

3.1.4.2 O *chunking*

Outro fenômeno importante quando se trata da maneira como a memória processa as sequências de uma língua é o *chunking*. Esse é um fenômeno cognitivo que resulta de sequências de palavras em blocos, unificadas e que só possuem sentido completo quando consideradas juntas, como, por exemplo, a expressão da língua portuguesa falada no Brasil “chegou doer”.

Bybee (2010) diz que o *chunking* é um processo básico pelo qual sequências de unidade se juntam para formar unidades mais complexas, constituintes e idiomatismos que são acessados em bloco de forma simples, em um processo mnemônico. E, esse processo parte da experiência do falante com as propriedades fonéticas, semânticas, sintáticas e morfológicas de uma língua, mas, sobretudo, parte da experiência com os contextos de uso (Bybee, 2010).

Em outras palavras, podemos dizer que o *chunking* (processo) é cognitivamente como um mecanismo de organização da memória e, por sua vez, o *chunk* é o resultado, o

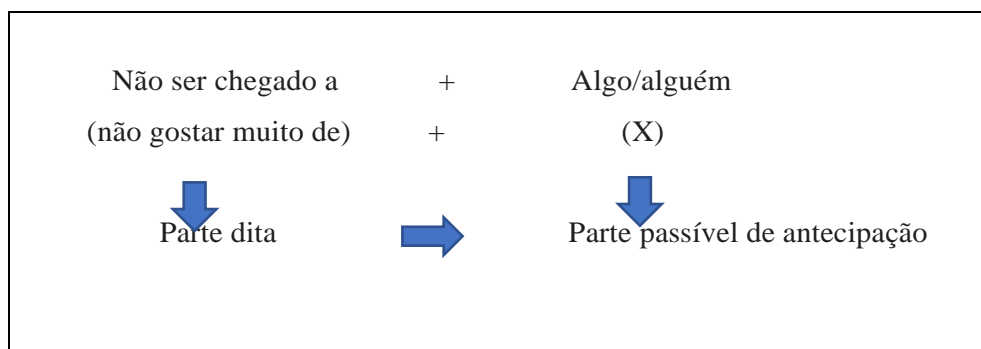
bloco, que, como unidade organizada em sequência, constitui unidades complexas. Essas sequências formadas são repetidas e encadeadas, formando *chunks* maiores ou, como propõe Bybee (2010), resultando em expressões pré-fabricadas, como nas expressões a seguir, que escolhemos utilizar por serem referentes ao nosso objeto de estudo e por serem comuns na língua portuguesa falada no Brasil:

- a. *Ela chegou chegando* [V_{cheg} + V_{base} + ando];
- b. *Ele chega ser bobo* [V_{cheg} + V_{Inf} + N/V];
- c. *Ele chega delirava* [V_{cheg} + V_{base} + ava];
- d. *Ela chega ser besta*. [V_{cheg} + V_{Inf} + N/V].

Nesses exemplos, o *chunking* acontece uma vez que o verbo *chegar*, nessas construções, não exerce a sua função prototípica de verbo pleno, com a indicação de movimento/deslocamento, nem está representando uma possível trajetória. Ao invés disso, V1 e V2 são reconhecidos como um único bloco, uma única expressão, na qual o verbo *chegar* auxilia V2 e aspectualiza a ação representada pelo verbo principal. Acontecem, ainda, casos em que *chegar* adquire novas significações, com mudança categorial, como é o caso de: e. *Eu não sou chegada a falar muito*. Nesse caso, seria o mesmo que dizer “Eu não gosto muito de falar”.

Bybee (2010) afirma, ainda, que estruturas compostas promovem a antecipação do que será dito. Isso implica dizer que, quando alguém fala “Eu não sou chegada...”, o interlocutor consegue fazer uma antecipação do que será dito dentro de um determinado contexto comunicativo, já que, dizer que “não é chegada/a” a algo ou alguém é o mesmo que dizer que *não gosta de x*, como no esquema a seguir:

Figura 3 – Esquema- Antecipação do discurso segundo Bybee (2010)



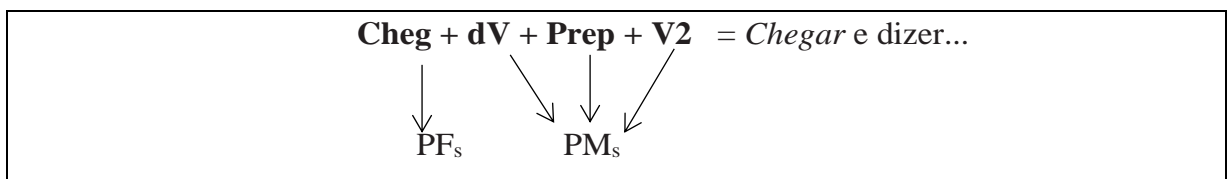
Fonte: Elaboração própria.

Observada a figura 3 e as proposições de Bybee (2010), podemos compreender que, nesse processo, ao perceber, identificar e antecipar, por meio do *chunking* o indivíduo organiza a língua hierarquicamente, sequencialmente, por convencionalização, repetição e,

segundo a autora, nesse processo, as construções podem ser mais ou menos esquemáticas, com partes que são fixas e outras que são móveis. Assim, de acordo com ela, observamos que o verbo *chegar* tanto atua em construções mais fixas, menos esquemáticas, como em *cheguei chegando*, como em construções mais esquemáticas como em *Chegou (x) + V2*, com diferentes possibilidades de preenchimento de *slots*.

Em uma organização esquemática de $[V_{\text{cheg}}(x) + V2]$, constatamos que há partes fixas (PF) e outras, partes móveis (PM), como demonstramos no Esquema 2, a seguir:

Figura 4 – Esquema - Slots da estrutura perifrástica



Fonte: Elaboração própria.

Na figura 4, está representada a estrutura perifrástica, na qual V1 é o verbo *chegar*. Podemos observar que o esquema possui mais partes móveis do que fixas. Para Traugott e Trousdale (2013), isso significa que o padrão construcional da perífrase apresenta possibilidades diversas de preenchimento, cujo grau de esquematicidade é alto e seus *slots*, portanto, são mais abertos. Nesse sentido, o verbo *chegar*, na estrutura em questão, pode estar em diferentes tempos verbais e, também, comportar tanto as três pessoas do plural, como as do singular (desinência verbal)¹⁴.

Na subseção 3.1.4.3, encontramos mais um dos processos envolvidos na maneira como a linguagem se relaciona com a cognição humana, a saber: a memória rica ou enriquecida.

3.1.4.3 Memória rica ou enriquecida

De acordo com Bybee (2016), é chamado de memória rica o processo cognitivo que possibilita o estoque de informações na mente dos usuários da língua. Isso implica dizer que, a

¹⁴ Neste trabalho, representamos com um *x* o *slot* da preposição (Prep) ou quaisquer outros materiais intermitentes, como dêiticos, e, observados os *corpora* (PPVC e PCVC), foi possível identificar diferentes tipos de preposição funcionando como material intermitente, a exemplos de *a*, *para*, *até*, *com*, *de* etc, ou quaisquer outros termos que se alocam entre V1 e V2.

partir das experiências linguísticas do falante, ocorre a estocagem dos dados por meio da categorização e do mapeamento mental das representações armazenadas.

Como diz Bybee (2016), as informações mentais estocadas na mente do usuário da língua podem ser tanto constituídas de detalhes fonológicos, como podem ser de construções complexas, que são ativadas de acordo com experiências anteriores, por meio de inferências sobre o significado e os contextos. Nesse processo, o conhecimento é estocado por feixe de exemplares de acordo com as categorias linguísticas e está diretamente relacionado com a representação cognitiva, envolvendo fatores como a frequência e a mudança gradual.

Por meio das construções armazenadas na mente do falante, um verbo pode passar de pleno a auxiliar ou suporte através do mapeamento das experiências anteriores do falante com a língua em uso. Dessa forma o verbo *chegar* passa a compor construções e microconstruções exercendo funções que antes eram realizadas apenas pelos verbos auxiliares canônicos.

Conforme Rocha (2017), em seu levantamento sobre a origem do verbo em gramáticas históricas, *chegar* indicava o ponto final do movimento dos barcos ao atracarem no porto, com a saída de um ponto X e a chegada em outro ponto Y, passando o verbo *chegar* a ser ou indicar o momento que se atinge um ponto físico no espaço. E, nesse movimento da passagem de verbo pleno a verbo auxiliar ou suporte, construções com o verbo *chegar* podem perder o traço de movimento dando origem a estruturas argumentais em diferentes níveis de esquematicidade e abstratização a partir construção/rede taxonômica [$V_{cheg} + (x) + V2$].

Cunha (2006) afirma que as estruturas argumentais dos verbos são multifuncionais e, por isso, servem simultaneamente a funções sintáticas, pragmáticas e semânticas e são cognitivamente motivadas. Isso posto, podemos entender que o verbo *chegar* em perífrases verbais, quando na posição V1, atua a partir dos critérios já existentes na língua portuguesa falada no Brasil, analogicamente aos verbos auxiliares canônicos, tanto servindo sintaticamente como pragmaticamente em tais estruturas, conforme temos mostrado.

Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 16) afirmam que a “[...] estrutura argumental (a relação entre o predicado e seus argumentos) é formada do mesmo modo que as outras categorias: por meio do contínuo processo cognitivo de classificação, refinamento e generalização a partir das interações comunicativas diárias”, ou seja, a partir da memória.

Abordaremos na subseção a seguir, um dos processos cognitivos fundamentais para o processamento da língua e para a variação e mudança linguística, a saber: A analogia.

3.1.4.4 Analogia

A analogia, também, é um processo cognitivo de domínio geral, por meio do qual novas formas passam a existir a partir de outras já existentes, ou, como afirma Bybee (2016, p. 101), o “processo pelo qual o falante passa a usar um novo item em uma construção”. Trata-se da possibilidade de se associar eventos e coisas cognitivamente, afirma Bybee, (2016).

Para compreendermos esse tipo de processamento, enumeramos a seguir algumas observações de Bybee (2016): i. A analogia é um processo de domínio geral que independe das propriedades do objeto; ii. Não há arbitrariedade na relação entre os componentes em analogia; iii. Há um contínuo entre similaridade e analogia; iv. São pré-requisitos para a analogia o conhecimento relacional e o alinhamento estrutural, nos termos de Gentner e Markman (1997).

Por similaridade, Bybee (2016) compreende ser atributos completamente ou parcialmente compartilhados pelos enunciados. Isso indica que não é aceitável a não similaridade, pois é necessário algum grau de aceitabilidade, frequência e convencionalidade das expressões linguísticas.

Bybee (2016) destaca que as nossas escolhas enunciativas são, na verdade, determinadas por um *chunk* maior (pré-fabricadas ou prefab). Essas estruturas são caracterizadas por serem sintagmas convencionalizados por meio da repetição, independente do grau de frequência. O que para a linguista implica dizer que há relação entre sintagmas mais frequentes e convencionalizados com a formação de novos sintagmas. A analogia ocorre, portanto, quando comparações exibem alto grau de similaridade relacional com poucas similaridades de atributos. Nesse sentido, o aumento da similaridade gera mais possibilidade de comparação, ou mais análoga a relação se torna.

Na subseção 3.1.8 apresentamos o processo cognitivo chamado de associação transmodal.

3.1.4.5 Associações transmodais

As associações transmodais são tipos de processos cognitivos gerais que se caracterizam por fazer a conexão entre forma e significado estabelecendo o elo desse pareamento (Bybee, 2016). Para que a associação aconteça, o usuário recorre ao repertório linguístico, a regularidade linguística de sua gramática internalizada. De maneira geral, os falantes de uma língua utilizam dos seus sentidos (audição, tato, olfato, visão, paladar) de forma simultânea para perceber o mundo a sua volta, associando e combinando dados a partir

da memória enriquecida, cujos significados no uso em uma dada língua surgem sempre situados no contexto (Bybee, 2016, p. 96) e, assim, são naturalmente associados.

Como exemplo de associação transmodal, podemos citar a habilidade que temos em compreender alusões, piadas, comparações, ou mesmo relacionar uma trilha sonora a um filme ou a um personagem específico. Isso se dá porque temos a capacidade cognitiva de criarmos associações a partir da memória enriquecida. O que significa afirmar que, por meio desse processo, experiências simultâneas tendem a ser cognitivamente associadas de acordo com os aspectos formais da construção e os significados que são representados nos eventos do mundo.

Se uma forma é utilizada com frequência na língua, como nos casos de perífrases canônicas do tipo [ter/haver/ser/estar + V2], o usuário da língua faz uma associação cognitiva da estrutura da construção, bem como do contexto no qual a forma é conceptualizada, tornando possíveis a entrada de outros verbos em posição V1, como em:

3. *E Larissa também foi assim? Bonitinha não é: não foi linda igual Isabel para, era só pequenini::nha. ela era tão galeguinha, que o cabelo dela **chegava ficar vermelho de lado, né?** já Isabela não. Isabela nasceu com aquele zóião azul e com o cabelo tão pretin0 que parecia uma peruquinha nossa! e agora loirinha depois que caiu nasceu loiroah...!mas Isabela nasceu com o cabelo bem pretinho, **chegava ser jogado** em cima da orelhinha. mar tão bonita a menina mermo que eu fiquei sem graça, na hora que chegou aquele tanto de criança feia lá e Isabela né?meu de::us do céu! . a enfermeira falo0 assim: oh!... você que é a mãe de isabela?. ai, eu já pensei logo: falo0 assim: <ô> os tribufú0. falei sou eu mesmo que sou a mãe de isabela. ai, ela falou assim: ô! sou eu que fico no berçário, toda noite eu namoro com ela lá. eu falei: vai namorando depois eu levo ela quer ter mais filhos? [PPVC -AABMC]*

No exemplo 3, que retiramos de um dos *corpora* por nós selecionados, podemos observar duas construções destacadas, ambas com a presença de *chegar* em posição V1, cujos contextos de fala não indicam, propriamente, *chegar a um ponto físico*, mas funcionam como 1. *chegar ao ponto de ficar vermelho* ou, 2. *chegar ao ponto de ser jogado*. Nesses casos, o exemplo 1 evoca movimento [+ abstrato] e não movimento de deslocamento físico. E, no exemplo 2, o *frame* de movimento está mais evidente. Em ambos os casos, o falante da língua saberá identificar a existência ou não de movimento de acordo com os contextos de uso.

A seguir, apresentamos a visão construcionista da gramática, partindo das proposições de Fillmore, Kay e O'Connor (1988), Lakoff (1977; 1987) e aprimorado, consubstancialmente, por Goldberg (1995).

3.2 Gramática de construção

Em se tratando das mudanças que ocorreram na forma como se estudam as línguas, bem como a maneira como elas mudam com o tempo, a década de 1980 é um marco no que diz respeito ao redirecionamento e a abrangência dos estudos linguísticos, especialmente, a partir do que fora desenvolvido nos Estados Unidos da América.

Destaca-se, nesse período, o interesse pelos padrões sintáticos e, também, surgem trabalhos como os de Fillmore (1979), Kay e O'Connor (1988) e Lakoff (1977; 1987), com a descrição dos idiomatismos da língua inglesa, seguidos dos trabalhos de Fillmore (1985; 1987; 1988; 1990), Fillmore e Kay (1993), Goldberg (1995), entre outros. Então, a partir dos questionamentos levantados sobre o que há de regular nas línguas e das novas pesquisas desenvolvidas a partir de 1980 em diante, surgem novas propostas teóricas e pressupostos que coadunam para melhor entendimento sobre como se dá a variação e a mudança linguística.

A abordagem construcionista concebe a língua como uma rede interconectada de construções, sendo a construção o resultado do pareamento forma x significado (Goldberg, 1995; Langacker, 2008). A partir do estudo desse pareamento, a construção passa a ser a unidade básica da gramática e a língua é, seguindo essa perspectiva, um inventário de construções.

Além disso, assim como os demais sistemas cognitivos humanos, a língua é uma rede de nós ligados por elos, a partir dos quais se tornam entidades interconectadas (Langacker, 1987). Essa rede, por sua vez, não é estática, mas dinâmica, na medida em que novos elos e novos nós passam a ser estabelecidos continuamente.

A perspectiva da Gramática de Construções emanada desses novos estudos possibilita a análise das expressões linguísticas das mais simples às mais complexas, considerando-as como unidades simbólicas baseadas no pareamento forma-significado, como mencionamos, explicando o que há de regular na língua, por meio de esquemas abstratos gerais (Bybee, 2016). Nesse intento, Fillmore (1988), Kay e Fillmore (1999), Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e Fillmore e Kay (1999) procuraram explicar o valor significativo das irregularidades das línguas.

Vale mencionar que, diferentemente de outras abordagens, na GC a *Construção* é a unidade linguística. Esse detalhe, tão crucial, levou estudos nessa perspectiva a superar as teorias gramaticais, até então existentes, alargando as possibilidades de se analisar as mudanças

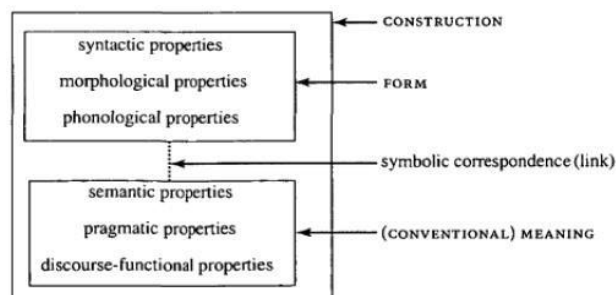
das línguas naturais. No entanto, Croft (2001)¹⁵ reconhece que há questões subjacentes àquilo que se convencionalizou como Gramática de Construções.

Na tentativa de alinhar e aproximar as abordagens construcionistas, Croft (2001), valendo-se do seu saber tipológico, apresenta algumas características comuns a todas elas, a saber:

- i. As construções estão na mente do usuário da língua e, como tais, são entidades organizadas em conjuntos que se integram;
- ii. As construções são unidades simbólicas, convencionais que se manifestam por meio do pareamento forma x função;
- iii. As construções variam quanto ao grau de esquematicidade e vão do lexicalmente preenchidas a altamente abstratas;

Identificando essas características, o autor elabora uma representação simbólica da relação entre forma e função de uma dada construção. Esse modelo simbólico de Croft (2001) possibilita o estudo tanto da parte formal (sintaxe, morfologia e fonologia), como da parte funcional das construções (semântica, pragmática e discursivo-funcional), como um esquema que representa tanto uma construção morfêmica, como palavras, idiomatismos, padrões frasais e sentenças completa.

Figura 5 – Esquema do pareamento forma e função



Fonte: Croft (2001).

No esquema simbólico de Croft (2001), a construção é revelada como um feixe de propriedades organizadas em dois eixos centrais – o da forma e do sentido. Esses dois eixos não se relacionam hierarquicamente, pois o mais central nessa representação é, justamente, a

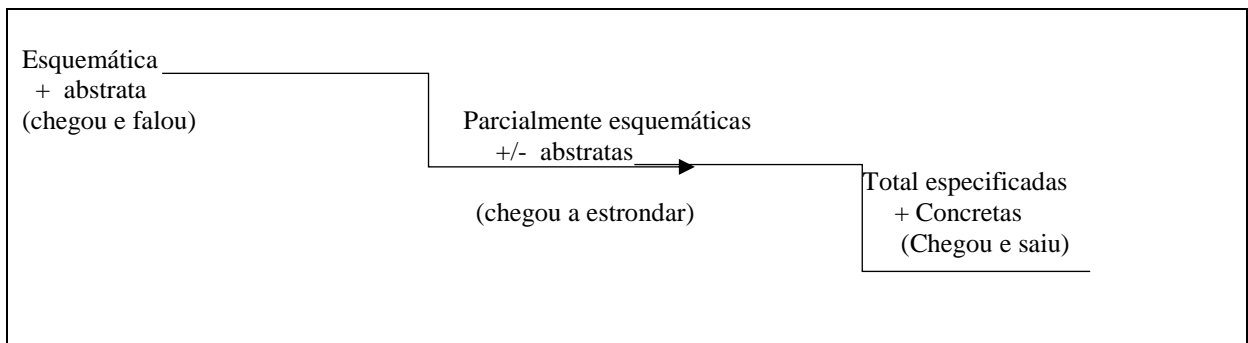
¹⁵ Croft (2001) é representante da *Gramática de Construções Radical*. Essa teoria tem relação maior com a Gramática de Construções do que com a Gramática Cognitiva, apresenta-se como “radical”, por quatro motivos: (i) considera as categorias gramaticais (classes de palavras e funções sintáticas) não como primitivos, mas como construções específicas; (ii) define as construções como unidades básicas de representação sintática; (iii) não existem relações sintáticas como entidades independentes da construção; e (iv) cada língua tem construções específicas.

correspondência simbólica entre os dois. O autor proporciona, então, a partir dessa representação, a possibilidade de se analisar e se descrever a língua enquanto rede interconectada, de onde se originam os constructicons, que é o inventário de construções de tipos diversos.

No elo presente na Figura 5, cada construção é uma unidade convencionalizada que está presente na mente dos usuários da língua, como componentes do processo mental de pareamento. A unidade é, por sua vez, simbólica, devido a característica arbitrária do signo linguístico e, também, é convencional, já que na medida em que os falantes utilizam determinada construção, mais ela se torna comum. (Traugott; Trousdale, 2013).

Croft (2001) e Croft e Curse (2004), tratando das dimensões representadas no elo simbólico (forma e sentido), afirmam que ambas motivam e são motivados pelo uso. A correspondência na trajetória é o resultado da correlação de forma e função. Portanto, o uso contextualizado leva em consideração as seis propriedades correlacionadas e possibilita o estudo diacrônico da gramaticalidade. O polo da forma abrange a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe, enquanto o polo da função é composto da Semântica, da Pragmática e/ou discurso. Os pares de forma e função são constituídos como representados na escala, a seguir:

Figura 6 – Escala 1-grau de esquematicidade



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

O grau de esquematicidade vai variar de acordo com o tamanho, a forma e a complexidade. E, em se tratando do verbo *chegar*, como acontece com os outros verbos, a sua estrutura argumental se organiza de acordo com seu tipo semântico e sintático, a saber um verbo de movimento que, tradicionalmente, é considerado verbo pleno. A partir de então, surgem construções que podem variar de mais a menos abstratas compondo uma rede construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

Na *escala 1*, vemos que *chegou e saiu* apresenta semântica mais próxima do verbo pleno, com o sentido de deslocamento, já no segundo nível da escala temos a construção *chegou*

a *estrondar*, com a presença, ainda, do sentido de movimento, reforçado pela preposição “a”. E, no nível mais alto temos a expressão *chegou e disse*, na qual *chegou*, em contextos maiores nos corpora por nós selecionados, não indica movimento com deslocamento de um ponto *físico* *x* a outro ponto *físico* *y*. Mas, na verdade, marca um turno de fala, ou enfatiza o contexto discursivo de V2, portanto, é uma construção mais esquemática, aspectual. Como podemos constatar no exemplo 2 a seguir:

4. *E Pedro ficou parado... o queixo caiu por que só eu que falava na aula de Pedro praticamente, né? Era eu e Sirlene e aí Pedro fez esse comentário, Pedro ficou parado observando ele assim, mas Pedro não tem contato, não tinha nem contato com criança, 'tão ele achou surpreendente, **uma amiga minha chegou e falou**: “é um anão, seu filho não é uma criança, é um anão”. [PPVC/LSS MC]*

No exemplo 4, após análise do contexto, concluímos que o verbo *chegar* na construção *chegou e falou* não indica movimento ou deslocamento de um ponto ao outro, mas apenas intensifica a ação representada por V2. Em caso como esses, *chegar* ocupa um nível de generalização mais alto, mais abstrato, menos ligado ao sentido de verbo pleno/prototípico.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), em casos como o do exemplo 4, no qual *chegar* se enquadra no nível mais alto de um sistema hierárquico com alto grau de abstração, temos, então o esquema compondo o nível 1. Os subesquemas, por sua vez são menos esquemáticos e formam o nível 2 e as microconstruções, que são tipos individuais de construções instanciadas por constructos, são o nível 3. Esses constructos ou *tokens* são formados a partir de ocorrências produzidas por um falante particular para atender a um determinado propósito comunicativo e são, portanto, empiricamente testadas. Os autores sinalam que

A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem, do mesmo modo, ser criadas gradualmente, mas elas podem ser também instantâneas. Microconstruções gradualmente criadas tendem a ser procedurais, e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

Dentre as características apresentadas no modelo de Traugott e Trousdale (2013), está a independência parcial da construção em relação as palavras que a constituem e o significado próprio, que serve de modelo para o surgimento de outras construções. Nesse sentido, o verbo *chegar* em perífrases verbais apresenta significações que podem variar de mais ou menos

esquemáticas, cujo surgimento na língua se dá pela necessidade comunicativa, para melhor expressividade do falante, aspectualizando ou intensificando o valor semântico de V2.

Tomando como exemplo a língua inglesa, Goldberg (1995) analisa cinco modelos de construção, a saber: i. *Construção ditransitiva* (*X causar Y receber Z*); ii. *Construção resultativa* (*X causar Y tornar-se Z*); iii. *Construção conativa* (*X dirigir ação a Y*); iv. *Construção de movimento causado* (*X causar Y mover-se para Z*); v. *Construção de movimento intransitivo* (*X mover Y*). Desses modelos, destacamos nesta tese as construções de movimento.

É válido mencionar, em função da especificidade da nossa pesquisa, que, de acordo com Goldberg (1995), uma dada construção pode apresentar um sentido central e ser pareada com significados distintos, no entanto sempre haverá uma correlação entre esses significados por meios de extensões metafóricas e metonímicas, configurando a polissemia construcional. E, uma característica fundamental no processo de convencionalização de uma construção, segundo Bybee (2016), é a Frequência. É a partir dessa característica que há um correspondente entre forma e função criando o elo, que, por sua vez, se dá por meio do acionamento de informações armazenadas na mente do falante.

A implicação dessa constatação é a de que aquilo que foi mais frequentemente utilizado pelo usuário será mais forte e mais requisitado. Nesse processo, há a inovação dos usos e, conseqüentemente, a criação de novas categorias que, com a rotinização, vão se disseminando e se cristalizando na língua (Bybee, 2016).

Isso nos mostra o caráter ou a natureza funcional da língua, que se organiza em rede, com seus nós, que nada mais são do que as próprias construções. Nesse sentido, o surgimento de novos nós é o mesmo que o surgimento de novas construções pareadas, ou taxonômicas, como afirma Croft (2001)

A seguir, na subseção 3.3, apresentamos o conceito de construção, que redefiniu a maneira como um fenômeno linguístico pode ser estudado.

3.2.1 Construções

Fillmore, Kay e O'Connor (1983), também Lakoff (1984), propuseram que a unidade mínima do conhecimento gramatical de um falante é a construção. Segundo eles, é, a partir de uma construção, que compreendemos, de forma geral, as informações lexical, sintático-semântica e pragmática. Centra-se, aqui, uma das razões pela qual uma língua natural se difere, indiscutivelmente, de qualquer língua artificial, pois, se a língua que não é natural pode ser

considerada degenerada na medida em que compreendem informações sintáticas e semânticas, mas carecem de informações lexicais e pragmáticas.

A partir do conceito de construção, Fillmore, Kay e O'Connor (1983) e Lakoff (1984) explicam que as generalizações podem ser traçadas sobre sintaxe e semântica, mas se forem abstraídas de informações sobre léxico e pragmática, necessariamente, limitam-se a um subconjunto de conhecimento tácito de sintaxe e semântica possuído pelo falante nativo, real ou ideal. Para Kay (1983), contudo, é possível, sim, tratar fenômenos sem considerar as forças pragmáticas envolvidas convencionalmente, mas assumir, como o faz a linguística formal, não é o ideal, dado o conhecimento que já se tem sobre a linguagem humana. A partir dessa abordagem, ele desenvolve seus estudos defendendo a ideia de que:

[...] se as linguagens naturais são como as linguagens formais em que todas as regras sintáticas e semânticas que as compreendem envolvem minimamente o léxico e nenhuma pragmática, então a suposição de que a sintaxe e a semântica devem ser estudadas isoladamente do léxico e da pragmática é sensata. Mas, provavelmente, seria uma coisa boa se nem todos os gramáticos operassem dentro da estrutura dessa suposição apenas para o caso de ela se revelar menos do que absolutamente verdadeira. Parece que fenômenos como sentenças envolvendo *kinda* e *sorta* não são convenientemente estudáveis em uma abordagem que isola o léxico e a pragmática do resto da gramática, precisamente porque o conhecimento dessas sentenças é o conhecimento de uma construção que tem léxico, aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. (Kay, 1984, p. 168. Tradução nossa.)¹⁶

Kay (1984) observou que os termos *kinda* (*kind of*) e *sorta* (*sort of*) do Inglês ocorrem tanto coloquialmente, como em contextos mais formais, o que, segundo ele, mostra a disseminação desse tipo de estrutura e, também, confirma a ideia de que conhecer uma sentença é conhecê-la, necessariamente, nos seus aspectos semânticos, sintáticos e pragmáticos.

Considerando a língua como um conjunto de construções, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), nesta pesquisa, entendemos que, no processo de variação e mudança por que passam as línguas, há um movimento gradual, que possibilita o surgimento de novas formas/funções que se automatizam no sistema. Nesse movimento, na constituição

¹⁶ If natural languages are like formal languages in that all the syntactic and semantic rules that comprise them involve lexicon minimally and pragmatics not at all, then the assumption that syntax and semantics should be studied in isolation from lexicon and pragmatics is sensible. But it would probably be a good thing if not all grammarians were to operate within the framework of this assumption just in case it should turn out to be less than absolutely true. It appears that phenomena such as sentences involving the hedges *kinda* and *sorta* are not conveniently studiable in an approach that isolates lexicon and pragmatics from the rest of grammar, precisely because knowledge of these sentences is knowledge of a construction that has lexical, syntactic, semantic, and pragmatic aspects.

arquitetônica da gramática, há o pareamento forma e sentido, em um modelo construcional que é organizado em rede, como temos mencionado várias vezes.

No modelo construcional de língua descrito por Traugott e Trousdale (2013), algumas características precisam ser, primeiramente, consideradas na análise linguística, como demonstramos a seguir:

- a. As construções são convencionais. → O grupo de falantes compartilham forma e função.
- b. As construções são simbólicas. → Associações arbitrárias de forma e significado.
- c. As construções são unidades. → Fixação de aspectos idiossincrático frequentes.

A partir desse grupo de características, ao analisar o que ocorre com o verbo *chegar* na língua portuguesa, fica evidente que estruturas nas quais esse item atua como auxiliar de V2, aspectualizando a oração, são convencionalizadas na língua, ainda que compostas arbitrariamente, de maneira idiossincrática. Isso significa dizer que, em *Ele chegou e disse...*, tanto o falante, quanto o seu interlocutor são capazes, por assim dizer, de identificar se V1 carrega o sentido de + movimento/- movimento.

A gramática de construção cognitiva, que temos apresentado até aqui, tem como base os estudos de Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006) e o que se desenvolve, a partir desses autores, passa pelo estudo de estruturas argumentais, como as bitransitivas do inglês e sobre padrões não previsíveis e “desapegados” de predicados lexicais, até a consideração de que as construções são consideradas como um pareamento de forma e significado, que podem ser ou não previsíveis, desde que se considere a frequência, nos termos de Goldberg (1995, p.4). Para sintetizar, podemos apresentar algumas características fundamentais para a Gramática de Construções, no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4 – Gramática de construções cognitiva: características

Tamanho	Frequência	Níveis	Constituição
Grandes	Gradual e Relativa	Semântica	Forma x Significado
Pequenas (afixos)	Frequência Relativa ou suficiente	Sintaxe e Pragmática	Esquemática, + esquemáticas e especificadas

Fonte: Elaboração das pesquisadoras a partir de (Goldberg, 2003; 2006).

Algumas informações sobre a Gramática de Construções são possíveis de serem pontuadas, como mostraremos a seguir. Algumas delas se apresentam por meio do Quadro 4 e outras por meio da literatura específica. Vejamos:

1. Em uma perspectiva sincrônica, a construção é a unidade básica da gramática e os grupos de construções de uma língua são organizados em rede (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995; 2006). Além disso, a língua, assim como outros sistemas cognitivos (visão, habilidades musicais, a fala etc) se forma a partir de uma rede de nós ligados por elos, e as associações entre os nós tomam a forma de hierarquias de herança, de acordo com o que propõe Langacker (1987);
2. Essa rede chamada *língua* tem como uma das principais características a dinamicidade, pois novos elos e novos nós estão sempre se formando, de forma contínua, sendo a mudança linguística moldada pelo uso que se faz da língua (Bybee, 2010);
3. A Gramática de Construções radical tem como principal nome Croft (2013). Os seus estudos defendem que, enquanto modelo, interessa a essa abordagem o estudo descritivo e tipológico das línguas. Segundo ele, as construções são específicas a cada língua, sendo suas categorias definidas de acordo com a ocorrência das construções.

Goldberg (2006) e Langacker (2008), reforçam o que apresentamos, quando postulam que a Gramática de Construções é organizada em uma rede de construções e está vinculada a uma perspectiva sincrônica e, nesse postulado, a unidade básica da gramática é a Construção.

Buscando situar, ainda mais especificamente, as características de uma construção a partir do posto por determinado linguista, trazemos, a seguir, tópicos que deram origem ao que foi pontuado por Traugott e Troudale (2013), conforme mencionamos anteriormente. Na perspectiva construcionista, então, a Construção é considerada, como:

- Unidade simbólica básica (Langacker, 1987; Croft, 2005);
- Unidades idiossincráticas (Goldberg, 1995);
- Unidades abstratas (Kay; Fillmore, 1999, p. 2);
- Unidades simbólicas convencionais (Langacker, 1987; Croft, 2005);

A Gramática de Construções, assim, constitui uma abordagem que se ocupa do estudo das motivações da construção. Nessa direção, as construções são unidades simbólicas (pares) básicas (conhecida), porque são constituídas do pareamento forma-função, que nada mais são do que construções aprendidas pelo falante que são comuns em sua língua. As construções, além de seres unidades, são simbólicas, tendo em vista que são signos, associações arbitrárias

de forma e significado. E, por fim, além de serem unidades e simbólicas, também são convencionais, por serem compartilhadas por um grupo de falantes (Langacker, 1987; Croft, 2005).

Pensando em estruturas do tipo [V1_{cheg} (e) + V2], afirmamos, a partir dos pressupostos construcionistas (Langacker, 1987; Croft, 2005), que a unidade simbólica se apresenta com morfologia que se diferencia do protótipo (como em *chegar* e V2, *chegar a V2* etc), se diferenciam sintaticamente (verbo principal ocupa posição sintática de verbo auxiliar) e se diferenciam, também, semanticamente (“chega aqui” e “chega/basta”) e, por fim, se diferenciam pragmaticamente (aspectualizador, auxiliar, suporte, marcador discursivo). Mas, dada a frequência de uso e a capacidade de generalização essas construções, ou unidades simbólicas, são básicas ou comuns para o falante de uma determinada língua.

Nas palavras de Goldberg (1995), as construções são unidades idiossincráticas porque são tão frequentes que se convencionalizam na língua de tal forma que as construções, enquanto signos ou unidades simbólicas, se pareiam na mente do falante como um bloco constituído de forma-função. Enquanto unidades simbólicas, as construções são, também, abstratas. E, a questão da abstração das construções se explica por meio do pareamento forma-significado (Kay; Fillmore, 1999, p. 2) ou, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), os quais se constituem em dimensões variadas, gradientes entre si (grau de especificidade fonológica, conceito e extensão), como mostramos no Quadro 5 a seguir:

Quadro 5 – Dimensões no pareamento forma-significado

Dimensões	Tipos
<i>Grau de especificidade fonológica</i>	Preenchida, esquemática, parcialmente esquemática
<i>Tipo de conceito</i>	Lexical e/ou procedural
<i>Extensão</i>	Atômicas, intermediárias ou complexas

Fonte: Elaboração da pesquisadora com base em Traugott e Trousdale (2013).

Por meio do Quadro 5, podemos afirmar que, no que se refere à dimensão fonológica, o que “está em jogo” é se a construção está fonologicamente especificada ou se há apenas partes especificadas (não preenchidas) ou, ainda, se as partes estão totalmente preenchidas. Com relação à tipologia do conceito que envolve a construção, com a gramaticalidade, quanto mais gramatical mais procedural, mais a serviço das relações no texto e, quanto menos gramatical, mais lexical. Quanto à extensão, uma construção pode ser mono-morfêmica, parcialmente analisável ou completamente analisável.

Agora que já explicamos o conceito de *Construção*, na subseção a seguir apresentamos os processos de mudança linguística, a saber: a construcionalização e mudança construcional.

3.2.2 *Mudança construcional, construcionalização e construcionalidade*

Nesta subseção, trataremos sobre os processos de construcionalização e mudança construcional para analisarmos o processo de variação e mudança linguística por que passa o verbo *chegar* no PB.

3.2.2.1 *Mudança construcional e construcionalização: a diacronia*

As abordagens baseadas no uso defendem que as mudanças linguísticas observadas nas construções podem ocorrer na sintaxe, fonética, morfologia, semântica, bem como na pragmática e no discurso. Isso implica afirmar que toda construção pode passar por mudança em quaisquer níveis e, segundo Traugott e Trousdale (2013), é fundamental considerar nesse processo o contexto discursivo.

A partir do que propõe Traugott e Trousdale (2013), é possível dizer que a construcionalização é um processo no qual se dá o surgimento de novas construções na língua e, se isso não ocorre, o que se tem é a mudança construcional (mudança em percurso). Sendo assim, Traugott e Trousdale (2013) dão o exemplo da forma linguística *will* da língua inglesa, que, por um processo de mudança construcional, passou a marcar a futuridade nessa língua, atuando como auxiliar, precedido de pronomes pessoais, em um processo de redução morfofonológica e aglutinação (*I will/I'll*).

A construcionalização não ocorre no exemplo dado com *will*, pois, para que isso acontecesse, seria necessário que surgisse uma nova forma, mas, nesse caso, o que vemos é um reaproveitamento, por assim dizer, de uma forma antiga para uma nova função. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.1), por outro lado, a construcionalização ocorre como um “novo pareamento *forma nova – função nova*”. Desse jeito, a alteração não é realizada apenas na forma ou na função, mas no pareamento forma-função de forma holística.

A seguir apresentamos a Figura 7 (Traugott; Trousdale, 2013), que representa os estágios do processo de construcionalização:

Figura 7 – Mudanças envolvidas na construcionalização

PreCxzn CCs



Cxzn



PostCxzn CCS

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 28).

Como se vê na Figura 7, os estágios da mudança linguística vão desde as mudanças construcionais, passando pela pré-construcionalização (PreCxzn CCs/ semanticização, expansão pragmática, mismatch etc), e, também, pela construcionalização, propriamente dita, até a pós-construcionalização (PostCxzn CCS/ expansão colocacional ou *host-class* e a mudança de categoria, redução morfológica e fonológica e perda e obsolescência). Dessa maneira, o primeiro estágio, como nós já mencionamos, não resulta no surgimento de uma forma nova, mas é quando uma forma já existente passa a ser usada com novas funções. Já, a pré-construcionalização se dá quando as mudanças construcionais ocorrem antes da construcionalização e, por sua vez, a pós-construcionalização é o processo pelo qual as mudanças construcionais sucedem a construcionalização (Traugott E Trousdale, 2013).

Nessa abordagem, há a preocupação de se compreender como as construções surgem na língua e como se dá a organização taxonômica em redes interconectadas e organizadas de forma hierárquica. Além disso, estudos nesse viés se ocupam em elaborar um modelo que dê conta tanto da mudança construcional, quanto da construcionalização. Nessa abordagem, há ainda a preocupação em sistematizar se a mudança gramatical e a lexical.

Temos afirmado a partir da abordagem construcionista da linguagem, que a construcionalização é um processo pelo qual novas construções emergem na língua, por meio do pareamento forma e função. E, esse movimento acontece por meio da neoanálise e da analogia, nos níveis pragmático, semântico e formal (Traugott E Trousdale, 2013). Nesse primeiro nível, ou seja, no pragmático, ocorre, então, a negociação de inferências sugeridas que, depois de uma dada frequência, são convencionalizadas por meio de esquemas ou macroconstruções.

A mudança que ocorre no nível da pragmática possibilita, também, a mudança em diferentes níveis (fonologia, morfossintaxe etc.) e isso significa que a construcionalização pode se dar em camadas procedurais e, também, lexicais. Somamos a essa informação o fato de que, durante o processo de construcionalização gramatical, mudanças vão ocorrendo gradualmente,

por micropassos, enquanto, que quando ocorre a construcionalização lexical, há o surgimento de novos pareamentos forma e significado. Por outro lado, quando se trata da mudança construcional, resultado do uso linguístico, são as construções já existentes na língua que sofrem alguma alteração na forma ou no significado, sem darem origem a novas construções.

3.2.2.2 Construcionalidade: a sincronia

Nesta subseção, apresentamos o conceito de Construcionalidade, dado que a nossa pesquisa se ocupa de uma abordagem sincrônica do estudo da mudança linguística. Isso implica dizer que, enquanto a *Construcionalização* compõe uma abordagem diacrônica da mudança, a *Construcionalidade*, por sua vez, ratifica e complementa a ideia de que os processos de variação e mudança linguística se dão tanto historicamente, como podem ser vistos a partir de um recorte de tempo (Rosário; Lopes, 2019).

Rosário e Lopes (2019) defendem que o estudo diacrônico da mudança linguística é de suma importância para entendermos como as línguas mudam, no entanto, tratar apenas de Construcionalização é deixar de lado o estudo em um dado momento no tempo e no espaço, com o olhar mais voltado para a língua em uso. A partir dessa ideia, eles colaboram com os estudos funcionalistas da linguagem apresentando o conceito de *Construcionalidade*.

Os autores afirmam que enquanto a Diacronia trata da mudança, a Sincronia se ocupa da variação e, validando o dualismo tão característico dos estudos linguísticos, eles apresentam as seguintes correspondências como organizados no Quadro 6, a seguir.

Quadro 6 – Categorias analíticas

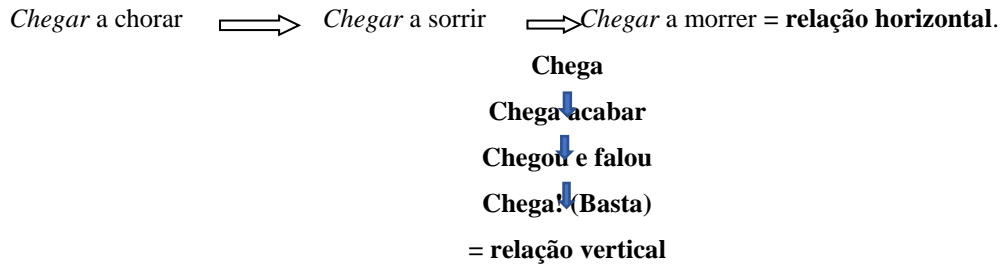
Abordagem	Processo	Tipo	Modo	Efeito
Construcionalização	Mudança	Gramaticalização	Gradual	Construcional
Construcionalidade	Variação	Gramaticalidade	Gradiente	Construcionista

Fonte: Elaboração da pesquisadora com base em Rosário e Lopes (2019).

Como vemos no Quadro 6, o acréscimo da construcionalidade como uma abordagem sincrônica não anula o estudo diacrônico, mas o complementa, como a outra face de uma mesma moeda. Ou seja, a língua sendo analisada do ponto de vista histórico e do ponto de vista sincrônico (horizontalmente ou verticalmente). Ainda, segundo Rosário e Lopes (2009), a construcionalidade é o nome dado recentemente para as abordagens que visam analisar as relações entre as construções de forma sincrônica. Nesse caminho, são horizontalmente observadas as semelhanças entre duas construções. A observação horizontal acontece porque

de alguma maneira essas duas construções apresentam um grau de parentesco. E, se isso não ocorre, passamos para a análise vertical, na qual se associam construções mais esquemáticas, como representamos na Figura 8, a seguir:

Figura 8 – Tipos de relações entre construções



Fonte: Elaboração da pesquisadora, com base em Rosário e Lopes (2009).

Como podemos observar na Figura 8, as construções mais esquemáticas se vinculam a construção menos esquemática, enquanto, verticalmente, as construções guardam semelhanças entre si, quer seja na forma, ou no conteúdo. No Quadro 6, a seguir, apresentamos as características das relações sincrônicas que ocorrem entre as construções.

Quadro 7 – Tipos de relações das construções

Horizontais	Subesquemáticas, mesmo nível hierárquico,
Verticais	Esquemáticas, diferentes níveis hierárquicos.

Fonte: Elaboração da pesquisadora, com base em Rosário e Lopes (2009).

Considerando esses dois tipos de relação entre as construções, neste trabalho, apresentamos o padrão construcional licenciado por $[V_{\text{cheg}} + (\text{material intermitente}) + V2]$. Nessa instanciação, o verbo *chegar* compõe um esquema parcialmente preenchido, no qual os slots podem ser preenchidos por preposição + diferentes tipos de verbos, como podemos constatar nos exemplos 5 a 7, a seguir, retirados dos *corpora* por nós selecionados:

5. Não. Num **chegava pensá** assim de ir tão longe não. [EPS H BC PPVC]
6. Era assim dependent' era cada um no seu direit' era coisa aquel' que tava errad' **chegava e ficava** quet' mais o ôto que tava certo. [EPS H BC PPVC]
7. (...) assim, tê, tem, mas assim pra lembrá... tipo... deixa eu pensá... aí que **aí** quando chegô lá no Guarani eu olhei assim pra cara de Ingrid e falei: "oh Ingrid bora na casa do meu avô?! Viajar?!" ela "Agora?" sem toma banho nem nada "é agora" **aí eu cheguei, peguei ela** aí chamou Aline, aí a gente subiu e fomo pra roça do meu avô, aí a gente foi lá, passou o dia aí no segundo o no terceiro dia (...). [P U G B PCVC].

Os excertos 5, 6 e 7 apresentam a estrutura [$V_{\text{cheg}} + (\text{material intermitente}) + V2$], na qual o segundo verbo pode ser preenchido por alguns tipos de verbo, a saber: i. que compõe construções predicativas (ficar quieto); ii. verbo de estado; iii. e verbo de ação; v. verbo de ligação; v. verbos com *irrealis*¹⁷ inerente (pensar); vi. no infinitivo ou conjugado segundo um dos tempos verbais (presente, passado e futuro e suas variações) e das pessoas da frase. Sendo assim, todas essas características de V2 atestam, na verdade, a polissemia de V1, pois *chegar* é licenciado para atuar como auxiliar/suporte independente de qual tipo verbal ocupe a posição V2.

Como já mencionamos, quando nos propomos a uma análise horizontal, estamos dando foco para microconstruções, como “chegou e disse”, “chegou e falou”, que são aproximadas por suas semelhanças tanto na forma, como no conteúdo. E, quando nos referimos a análise vertical estamos tratando de relações *up-down* (de cima para baixo) and *bottom-up* (de baixo para cima). Isso confirma que, neste último tipo de análise, o linguista vai se deparar com microconstruções cada vez menos esquemáticas se olhar de cima para baixo e mais esquemáticas se olhar de baixo para cima e, nesse processo analítico, observa-se que a associação das construções pode se tornar cada vez mais procedurais e menos lexicais.

Mais uma vez, esclarecemos que o conceito de *Construcionalidade* não foi fincado nos estudos linguísticos para suplantam o conceito de *Construcionalização*. Mas, soma-se a esse para aprimorar as investigações e não foge aos pressupostos de Traugott e Trousdale (2010). Segundo esses autores, há uma estrita relação entre sincronia e diacronia, pois a análise histórica também perpassa pelos recortes sincrônicos da língua em um determinado momento de uso. Sobre isso, Rosário e Lopes (2009) fazem a seguinte colocação:

O conceito de Construcionalidade não se opõe aos estudos de construcionalização. Ao contrário, os completa, ao lançar um passo à frente e suprir uma lacuna, visto que uma série de investigação linguísticas levadas a cabo na atualidade carece de uma base teórica concreta alinhada a essa vertente bastante atual dos estudos funcionalistas (Rosário; Lopes, 2009, p. 91).

Levando em consideração que, nesta tese, analisamos recortes sincrônicos do Português falado no Brasil, afirmamos que o verbo *chegar* aparece nos *corpora* por nós selecionados, majoritariamente, em três *types*, a saber: “*chega* + (x) + V2”, com 46 (quarenta e seis) ocorrências, “*chegô* (u) + (x) + V2”, com 26 (vinte e seis) ocorrências, “*chegava* +

¹⁷ Cf. ELLIOTT, Jennifer. Reallis and irrealis. Forms and concepts of the grammaticalization of reality. *Linguistic Typology*. Berlin. v. 4. n. 1. p. 55-90. 2000.

(x) + V2”, com 19 (dezenove) ocorrências. Exemplificaremos a partir dos *corpora* por nós selecionados cada um desses types.

8. Aí eu falei assim: “não moça vamo {risos}, vamo armá um encontro não {risos} mas isso foi verdade vamo armá um encontro, fala que eu vou e você vai, *aí chega lá* cê fala que cê gosta dele que cê tá a fim dele, eu num quero nada não {risos} aí ela foi lá né, ele achou que era eu que ia né, e aí se empolgô todo e foi pra esse encontro, *chegou lá tava* ela... [S. J. S./M/PPVC]

9. *Chegô (u) me dar agonia.* [P U G B /PPVC]

10. “Era assim dependent’ era cada um no seu direit’ era coisa aquel’ que tava errad’ **chegava e ficava** quiet’ mais o ôto que tava certo.” [EPS H BC PPVC].

Após observarmos esses exemplos, podemos dizer que os tipos 8 e 9 são menos esquemáticos, pois a essência dêitica do material intermitente aponta e testifica o movimento/deslocamento até um marco final onde a ação representada por V2 é realizada. Acontece, então, que, anaforicamente e por indução, o ouvinte ao tomar conhecimento do adverbio de lugar deve reconhecer o traço de + movimento de V1.

Já o exemplo é mais procedural, dado que nele o verbo *chegar* apenas aspectualiza a ação de V2, ficando evidente, após a análise do contexto discursivo, que, nesse exemplo, o traço de movimento só pode ser recuperado se V1 estiver significando “*chegou ao ponto de ficar quieto*”.

A partir da ideia central de rede de Traugott e Troudale (2013), apresentamos nas subseções a seguir os fatores construcionais, com destaque a três propriedades fundamentais para a compreensão dos estágios presentes no processo de mudança linguística via construcionalização e mudança construcional, quer seja gramatical ou lexical, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

3.2.3 Fatores construcionais

Como temos mostrado nesta tese, na ampliação dos estudos sobre gramaticalização, alguns conceitos, como o de unidirecionalidade, passam por uma revisão e relativização, dando origem a questionamentos como sobre o cline **discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmico > zero** representar apenas uma das possibilidades de análise linguística e não a única.

Nesse sentido, Traugott e Troudale (2013) apresentam dois tipos de gramaticalização- Redução e Expansão- e consideram que a unidirecionalidade está ligada à gramaticalização por

redução, na qual se desenvolvem as microconstruções e, por conseguinte, os esquemas. Partindo dessa ideia e como próprio nome sugere, a gramaticalização por redução está ligada ao conceito clássico de perdas fonológicas, sintáticas ou semânticas. E, por expansão se entende a ampliação do uso e do significado de uma construção. Contudo, essas duas perspectivas de análise são complementares e não antagônicas, pois, muitas vezes, um processo de redução pode gerar a gramaticalização por expansão (Traugott; Trousdale, 2013).

Vale ressaltar que é importante tratarmos dos dois tipos de gramaticalização porque um deles está relacionado com a construcionalização, na medida em que a produtividade e o surgimento de funções procedurais se dão de acordo com a frequência de uso. E, o outro, ocorre a partir da redução da composicionalidade das construções. O que implica dizer que, grosso modo, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a gramaticalização por expansão pode ocorrer por meio de três processos construcionais que são a classe hospedeira (*host class*), sintático e semântico-pragmático. Por meio desses três processos, é possível compreender como a mente humana conceptualiza o mundo ao seu redor por meio da gramaticalização e da lexicalização.

Não podemos deixar de reforçar que há, também, outros dois conceitos fundamentais sobre a maneira como a mente conceitualiza a sua experiência de mundo, a saber: subjetividade e intersubjetividade. E, dada a sua relevância para compreendermos como a língua muda, faz-se necessário considerar os graus de especificidade/esquematicidade, produtividade e composicionalidade, nos termos de Traugott e Trousdale (2013).

As propriedades apresentadas nas subseções a seguir são fundamentais nessa abordagem teórica, porque corrobora para compreendermos como se dá o processo de convencionalização das construções, bem como a maneira como elas se estabilizam, ou não, na língua.

3.2.3.1 *Esquematicidade*

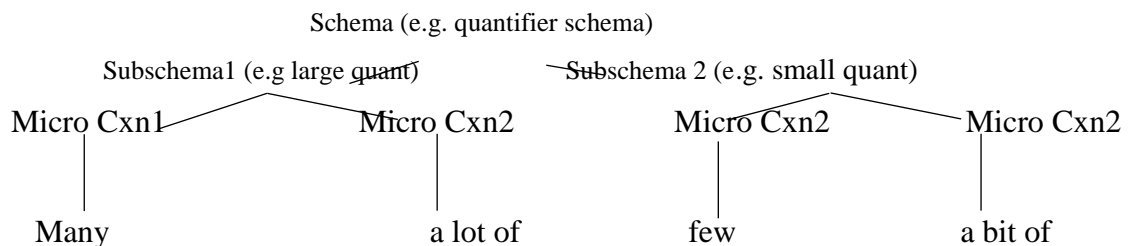
A partir do que propõe Langacker (1987), Traugott e Trousdale (2013) explicam que a esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve graus de abstração. Nesse sentido, a língua, enquanto rede interconectada, se apresenta por meio de esquemas, parcialmente preenchidos, que nada mais são do que a maneira taxonômica como as categorias se organizam. Os autores, citando Tuggy (2017) e Barddal (2008), ainda explicam que:

[...] esquemas e subesquemas são subpartes do sistema linguístico que o linguista seleciona para discutir e analisar [...]. A esquematicidade de uma

construção linguística está relacionada ao grau em que ela captura padrões mais gerais em uma série de construções mais específicas [...] (Traugott; Trousdale, 2013, p. 45).

Croft (2001), por sua vez, afirma que as construções apresentam semelhanças e diferenças entre si, que variam do caráter mais geral ao mais específico, em uma relação hierarquizada e taxonômica. E, segundo Langacker (2008), a língua deve ser interpretada como um inventário estruturado de unidades convencionalizadas e organizadas em rede. A partir do conceito de esquema, Traugott e Trousdale (2013) estabelecem quatro níveis de abstração presentes nas redes construcionais, a saber: construto, microconstrução, subesquema e esquema. Esses quatro níveis podem ser observados na Figura 9, a seguir

Figura 9 – Exemplo de estrutura esquemática- Rede construcional dos quantificadores em Inglês



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17).

Como podemos ver na Figura 9, os autores demonstram como que ocorre o processo de esquematização de construções quantificadoras do Inglês, na qual o nível inferior representa as microconstruções (*tokens*), no nível intermediário encontramos os subesquemas (*types*) e, no nível mais alto, está a construção mais abstrata, ou mais esquemática.

A abordagem construcionista, é norteada, então, por quatro níveis de abstração, que são: i. Esquemas (construções abstratas ou generalizações taxonômicas); ii. Subesquemas (subgrupos de esquemas, menos abstratos, mas ainda assim construções esquemáticas); iii. Microconstruções (construções do tipo individual, como um subesquema pequeno); iv. Constructos (Instâncias de microconstruções, *tokens* de uso real, o lócus da mudança que está diretamente relacionado à frequência token, ou o número de ocorrências de determinada construção (Bybee, 2003, 2006, 2011).

Na subseção a seguir, apresentamos o conceito de produtividade na visão de Traugott e Trousdale (2013).

3.2.3.2 *Produtividade*

A respeito do fator produtividade, Traugott e Trousdale (2013) explicam que uma construção pode ser mais, ou menos, produtiva na língua de acordo com o grau de extensibilidade dos esquemas ou subesquemas a que está vinculada.

Um subesquema, na abordagem construcionista, tem relação direta com a noção de produtividade, uma vez que, quando mais microconstruções há na rede, maior o número de padrões existentes e isso ocorre de forma gradiente, com a presença de esquemas parciais e diferentes níveis extensionais, oportunizando o sancionamento de outras construções menos esquemáticas.

Na perspectiva sobre a qual se dedicam Traugott e Trousdale (2013), outro conceito importante e diretamente relacionado com a produtividade é o de Frequência, que, como já mencionamos anteriormente, é um conceito explicado por Bybee (2003, 2006 e 2011) e que é subdividido em frequência *type* (*hostclass expansion*) e *token* (extensão de uso).

O estudo dos tipos de frequência é importante para o pesquisador nessa perspectiva teórica por permitir a análise das construções em seus diferentes contextos de usos e por fornecer evidências a respeito das inovações e de como as construções emergem na rede.

A subseção a seguir apresenta mais uma das propriedades próprias da Construcionalização e da mudança construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a saber: a composicionalidade.

3.2.3.3 *Composicionalidade*

A composicionalidade é a propriedade que se refere ao quão transparente é o elo no pareamento forma e função (Traugott; Trousdale, 2013). Para entendê-la, faz-se necessário saber a respeito de dois fundamentais termos em inglês, que são: *match* e *mismatch*. O primeiro conceito carrega o sentido da convergência, que acontece entre as características da forma e do significado de uma construção (transparência) e o segundo conceito diz respeito, justamente, a falta dessa convergência.

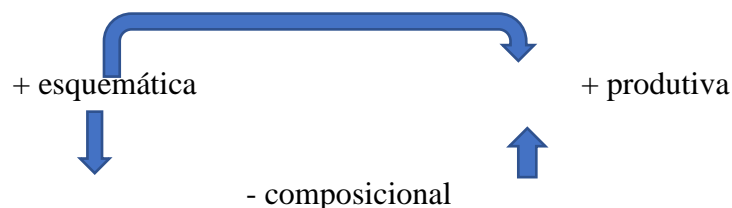
De maneira simplista, podemos dizer que, de acordo com o que propõem Traugott e Trousdale (2013), quando o falante produz uma sentença, espera-se que o seu interlocutor compreenda a escolha sintática eleita e seja capaz de identificar tanto os itens constituintes, como compreender o sentido como um todo (*match*). E, se isso não ocorre, temos a divergência

(*mismatch*), ou seja, nesse último caso, o falante não é compreendido pelo seu interlocutor no momento de interação, na troca, na negociação de sentidos, no uso (Traugott, 2011).

Na abordagem construcionista, a composicionalidade pode ser observada na emergência de novos constructos e na reorganização contínua da rede construcional de uma dada língua, assim como na observância do nível de congruência ou incongruência dos aspectos formais e funcionais do pareamento. Nesse desenrolar, aspectos semânticos e sintáticos são postos em “jogo”.

Outro detalhe relevante é quanto ao nível de transparência das construções. Considera-se uma construção mais composicional aquela que é mais transparente quanto ao pareamento forma e função. Nesse sentido, a respeito do nosso objeto de estudo, podemos dizer que a expressão a. “Chegou (a) estourar” é menos composicional do que b. “Chegou de São Paulo”. Isso ocorre porque i) o nível de analisabilidade da sentença b é muito maior do que na sentença a; e, também, porque ii) quanto mais esquemática e produtiva é uma dada construção, menos ela será composicional, como podemos observar na Figura 10, a seguir:

Figura 10 – Nível de composicionalidade de uma construção



Fonte: Elaboração das pesquisadoras a partir de Traugott e Trousdale (2013).

Como é possível observar na Figura 10, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a esquematicidade está diretamente relacionada com a produtividade de uma construção, na medida que quanto mais esquemática for, mais produtiva ela será na rede. O que nos permite dizer, também, que, quanto mais esquemática e produtiva for, será menos composicional.

Traugott e Trousdale (2013) apresentam, ainda, um subtipo da composicionalidade que é a analisabilidade das construções, que não se ocupa da composição das partes de uma construção, mas, sim, do reconhecimento que os falantes têm de uma determinada extensão de construção, distinguindo as suas partes componentes. E, para além das questões postas até então, ressaltamos que a investigação que se debruça no estudo das construções a partir da teoria construcionista deve partir dos seguintes pontos cruciais:

- As mudanças que ocorrem na língua (rede) podem atingir as duas faces do elo

- (forma e significado), ou pelo menos uma delas; O surgimento de um novo pareamento (forma/ significado) dá origem a novo nó;
- A construcionalização é o nome dado para o surgimento de um novo nó;
- As alterações que ocorrem antes ou depois da Construcionalização são chamadas de Mudança Construcional, se acontecem em apenas um dos polos;
- É possível analisar tanto a Construcionalização, quanto a Mudança Construcional que ocorre na rede;
- Para analisar uma rede linguística pela abordagem construcionista, é necessário considerar as alterações na esquematicidade, produtividade e composicionalidade de uma dada construção na língua (rede).

Na subseção seguinte nos propomos a apresentar algumas das principais considerações acerca da linguística cognitiva, baseando-nos, sobretudo, nos trabalhos de autores como Langacker (1987, 1991), Goldberg (1995, 2006), Fauconnier (1997), Croft (2001), Fauconnier e Turner (2002), Geeraerts (2006), Ribeiro (2007), Ferrari (2010, 2014) bem como e Martelotta (2012). Valemo-nos, ainda, dos pressupostos de Chomsky (1975), quando forem interessantes em nossa abordagem de natureza funcionalista e construcional.

3.3 Linguística cognitiva

Retomando os estudos linguísticos entre as décadas de 70 e 80, é possível encontrarmos o termo Linguística Cognitiva (LC), linha de pesquisa que partiu de interrogações a respeito dos estudos da semântica e da pragmática dentro do modelo da Semântica Gerativa. Destacam-se, nesse período, estudiosos, como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, *personas* para os quais, de acordo com Ferrari (2014), “a linguagem é o espelho da mente”, assim como propunha Chomsky (1975). No entanto, eles visionavam uma abordagem teórica que fosse capaz de analisar e entender a relação entre sintaxe e semântica, em especial, forma e significado, se afastando da ideia de que a linguagem é independente de outros módulos cognitivos.

Dada essa proposta, os Croft e Crusel (2004) passaram a levantar questões sobre a ideia do conhecimento inato e da empiria, da representação do conhecimento, da memória, da mente e da cognição, dando início, assim, a uma abordagem que se ocupava de três hipóteses, a saber:

1. A língua não é uma faculdade cognitiva autônoma;
2. Gramática é conceptualização;

3 Conhecimento da língua emerge do uso.

(Croft; Crusel, 2004; P.1.).

Esses autores passam a questionar a partir daí a não autonomia da linguagem e reforça-se o pressuposto de que há princípios gerais que são compartilhados entre a linguagem e outras capacidades cognitivas. Vale destacar que a Linguística Cognitiva oportuniza o entendimento a respeito da relação entre a estrutura linguística e o conteúdo conceptual e dá início a proposta experimentalista de Lakoff e Johnson (1980). Para os quais, o pressuposto de que a forma como conceptualizamos e categorizamos o mundo está diretamente ligada a função do corpo humano (Ferrari, 2001).

A LC ultrapassa o mentalismo como proposto pela Linguística Gerativa, como já dissemos, associando o que é mental às experiências do corpo. Lakoff (2012 [1990]) opta por explicar a língua pelo viés da cognição a partir do que ele nomeia como compromissos primários. Um deles é o *Compromisso de Generalização* e o outro o *Compromisso Cognitivo*.

A respeito do *Compromisso de Generalização*, Lakoff (2012 [1990]) propõe que se trata da categorização por meio de princípios gerais, enquanto o *Compromisso Cognitivo* é aquele que faz o papel de ligar os estudos mentalistas às explicações a respeito da linguagem. A nosso ver, o que o linguista propõe é o viável e necessário aproveitamento nos estudos da linguagem, daquilo que já se descobriu sobre a mente e o cérebro humano para estruturar as teorias oriundas a partir daí.

Seguindo uma preocupação tanto metodológica quanto teórica, os compromissos da LC ampliam o recorte teórico gerativo e consideram a mente mais do que modular, sendo entendida como experiência corporificada, como resultado das “[...]sensações, emoções e percepções, e as experiências sociais, o que ativa a capacidade de estabelecer projeções em domínios cognitivos diferentes” (Silva, 2020, p. 4).

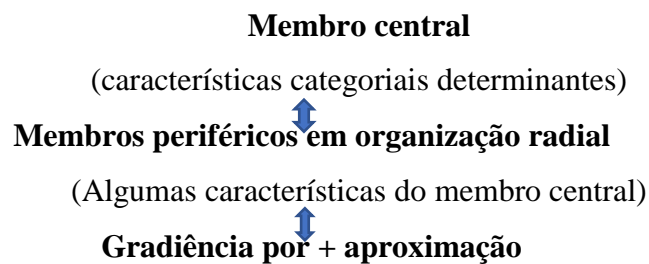
Uma consequência dessa perspectiva é o entendimento das conceptualizações enquanto geradas pela interação humana no mundo, através do corpo. Assim, por exemplo, conceitos de profundidade e altitude advêm das respectivas percepções experimentadas mediante noções de verticalidade e equilíbrio proporcionadas pelo corpo humano. Tais conceitos, por sua vez, são manifestados linguisticamente em elaborações (as chamadas expressões metafóricas) como *estou no fundo do poço*, que apontam para metáforas conceptuais como “mau é para baixo” (Lakoff; Johnson, 2002[1980], p.63).

Essas relações entre espaço e proposição metafórica fornecem uma amostragem de que a metáfora não é mais entendida, sob essa perspectiva teórica, como um ornamento da

linguagem, mas corresponde ao modo como o ser humano conceptualiza suas experiências, por meio de modelos cognitivos idealizados, em interação com o mundo e o seu corpo. Partindo disso, a Linguística Cognitiva preconiza princípios de ordem geral, cujas hipóteses se relacionam com outras abordagens cognitivas de diferentes campos, como a Filosofia, a Psicologia, a inteligência artificial etc. Nesse caminho, cuja característica é a generalização, os diferentes módulos da linguagem são evocados permitindo a abrangência dos estudos linguísticos.

Esse (re) alinhamento abre espaço para o surgimento e o aprimoramento de pesquisas interdisciplinares, com destaque para a Psicologia Cognitiva, por exemplo, cujo estudo da categorização passou a ser considerado de maneira que membros mais centrais se organizam em direção a membros mais periféricos Lakoff (1990), como pode ser observado na figura 11, a seguir:

Figura 11 – Esquema-centralidade e periferia



Fonte: Elaboração da pesquisadora com base em Lakoff (1990).

Segundo Lakoff (1990), há vários aspectos cognitivos comuns nas diferentes línguas naturais e que conceptualizamos a partir de parâmetros por meio de modelos cognitivos gerais. E, com o propósito de abordarmos conceitos que se fazem necessários para a análise do nosso objeto de estudo, na subseção 3.7, continuando a discussão à luz da LC, apresentamos a metáfora e, depois, trataremos do conceito de radialidade da organização das construções, nos termos de Lakoff (1987).

3.3.1 A metáfora

Para tratarmos das questões abstratas envolvidas na significação das construções com o verbo de movimento *chegar*, trazemos, nesta tese, após a contextualização da LC os conceitos de Lakoff e Johnson (1980), retirados da obra “*Metaphors we live by*”. Nesse livro, os autores reapresentam um tipo de metáfora já desenvolvida nos estudos de Reddy (1979), que é a

Metáfora do Conduto (Conduit Metaphor), que influenciou os estudos posteriores, como os que tratam da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980). Tratamos, nesta subseção, ainda, sobre o pareamento forma e função de acordo com os estudos de Goldberg (1995).

Sabemos que, depois de Reddy, muitos estudiosos vêm questionando detalhes a respeito da metáfora do conduto, com críticas sobre a relação direta que o autor estabelece entre falante e ouvinte, na qual um envia a mensagem e o outro a recebe e a codifica, não considerando, no entanto, em suas análises e exemplificações, o contexto e outras questões, cognitivas e pragmáticas, que podem influenciar na compreensão total ou parcial, ou mesmo na falta de compreensão da mensagem por parte de quem a recebe.

Apesar das críticas e dos acréscimos dado a teoria metafórica de Reddy (1979), não se pode negar a sua contribuição para o que temos atualmente na literatura a respeito do conceito de metáfora. Para esta tese, importa mencionarmos a metáfora do “*conduit*”, para, pelo menos, emprendermos quem são os entes participativos do processo comunicativo e como a linguagem é composta demasiadamente por processos metafóricos, na transmissão e recepção de conteúdos.

De forma muito simplista, podemos dizer que a metáfora do conduto explica a transmissão de conteúdos mentais, trazendo para mais concreto conteúdos muito abstratos na comunicação verbal (Reddy, 1979). Nesse processo, algumas das características fundamentais da metáfora do conduto, como proposta por Reddy (1979), são:

- i. A comunicação verbal é o resultado da transferência de objeto por meio de um conduto, em um processo do tipo fonte → objeto → recipiente;
- ii. A comunicação é composta de várias etapas, muitas delas são inacessíveis ou invisíveis até mesmo para o falante da língua, que faz usos de metáforas todo tempo, muitas e muitas vezes, inconscientemente;
- iii. As ideias que tentamos transmitir não podem ser perfeitamente transferidas para a mente do outro, pois produzimos os signos linguísticos convencionalizados, mas não acessamos o processamento na mente do ouvinte/leitor;
- iv. As ideias elaboradas na mente da “fonte” são processadas na mente do “recipiente” a partir de vários processos cognitivos, do contexto discursivo, do conhecimento linguístico e do conhecimento de mundo do receptor, entre outros fatores.

A nós interessa, para esta tese, sobretudo, o que Goldberg (1995) acrescenta à metáfora do conduto e sua contribuição para analisarmos as motivações das construções gramaticais. Para Goldberg (1995), partindo da metáfora do conduto de Reddy, tanto a construção do tipo

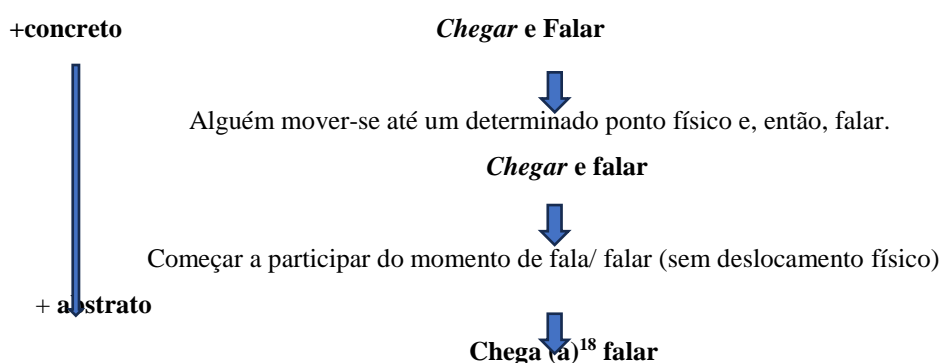
dativo (de transferência de um objeto de um agente para um paciente), quanto a construção do tipo *movimento causado* se relacionam por meio de extensões metafóricas, em uma relação de herança.

Para dar conta, portanto, de explicar a relação pareada entre a forma e o significado de uma construção, Goldberg (1995) parte da generalização de princípios cognitivos e de herança que estão presentes em todo tipo de construções e que são agrupadas de acordo com esses princípios, dos quais a autora destaca o “Princípio da Motivação Maximizada”. A autora afirma que: “Se uma construção A está relacionada com uma construção B sintaticamente, então a construção A é motivada de acordo com o grau em que está relacionada com a construção B semanticamente” (Goldberg, 1995, p. 67).

Sobre essa relação sintática e semântica entre construções, podemos dizer, inspiradas em Goldberg (1995), que estruturas com verbos auxiliares canônicos, do tipo “ter feito”, “havia feito” ou “ser feito”, estão parcialmente relacionadas e motivam estruturas com verbos auxiliares/suporte do tipo “ir (e) fazer”, “chegar a/e fazer”, “pegar a/e fazer”. Construções essas que formam uma rede organizada de acordo com as relações de herança (generalizações) entre elas, motivando construções específicas do tipo *chega sorri*.

Vejamos, na figura 12, a seguir, como a motivação pode ser projetada em uma relação do tipo $A_{\text{sint}} \rightarrow B_{\text{sint}} = B_{\text{sema}} \rightarrow A_{\text{sema}}$, nos termos de Goldberg (1995), usando o nosso objeto de estudo:

Figura 12 – Esquema: Motivação maximizada em construções com o verbo *chegar*



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

¹⁸ Rocha (2017) observou em seu trabalho de dissertação, cujos *corpora* são exatamente os mesmos que os nossos (PPVC e PCVC), que, no Português falado em algumas cidades da Bahia, como em Vitória da Conquista, a construção “*Chegar a falar*” pode se apresentar sem a presença do elemento intermitente, por isso usamos parênteses.

Das três ocorrências representadas na Figura 12, vemos que, em uma direção *up-down*, “*chegar e falar*” representa a construção prototípica, na qual V1 indica movimento/deslocamento de um *ponto físico x* a outro *ponto físico y*, como em “É só *chegar* (lá) e *falar*”, sendo V1 e V2 semanticamente independentes entre si, ou mais composicional, nos termos de Traugott e Trousdale (2013). A segunda ocorrência, por sua vez, mantém um paralelismo sintático com a primeira construção, mas, semanticamente, se diferenciam, pois V1, nesse caso, não indica um movimento/deslocamento físico, já que não há a presença de um ente que se move em uma trajetória, quer seja concreta ou abstrata. Sendo assim, na segunda ocorrência, *chegar* exerce a função de marcar o turno de fala ou a entrada de um novo ente no discurso (lugar abstrato). E, na terceira construção com o verbo *chegar* há movimento em um sentido mais abstrato ainda, podendo ser facilmente substituído por “*chegar ao ponto de falar*”.

O que constatamos, nas três construções do Esquema 4, é que, em relação a primeira, as outras duas construções apresentam extensões metafóricas distintas, mas ambas conservam características, tanto semânticas, como sintáticas herdadas por herança da primeira, mas em graus diferentes de ligação.

Consideramos relevante apresentarmos, ainda, como, segundo Goldberg (1995), as construções se relacionam entre si por meio de quatro tipos de ligações. Assim, as resumimos e apresentamos a seguir:

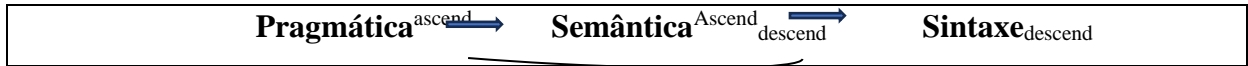
- i. A *polissemia*: acontece por meio da relação entre um sentido específico e a extensão do sentido inicial;
- ii. A *subparte* se dá pela independência entre as partes de uma construção;
- iii. A instanciação é um processo pelo qual construções específicas surgem a partir de elementos fixos da construção *fonte*;
- iv. A extensão metafórica, por sua vez, se dá com a projeção do sentido de uma construção (Fonte), para outra construção (Alvo).

Seguindo os mesmos princípios de Goldberg (1995), sobre como se dá a relação das construções com seus elos de herança, Traugott e Trousdale (2013) apresentam o pressuposto no qual o sentido primeiro, ou prototípico, de uma construção passa a conviver com as suas extensões. Nesse sentido, os subesquemas vão surgindo na língua a partir dos elos polissêmicos dos verbos, que licenciam microconstruções.

Mantendo os nossos olhos voltados para o Esquema 4, podemos dizer que as três ocorrências correspondem sintaticamente entre si, mas há um hiato semântico, não completo, entre essas construções. Desse modo, como defende Goldberg (1995), a forma como está organizada a sintaxe de uma construção pode prover e transmitir sentidos mais ou menos

relacionados entre si, desde que se priorize possível correspondência semântica em um processo em que a *função* motiva a *forma*, conforme mostramos na figura 12, a seguir:

Figura 13 – Esquema- Ascendência do tipo Função -- Forma



Fonte: Elaboração da pesquisadora, com base em Goldberg (1995).

A figura 13 representa as relações de descendência e ascendência, como proposto por Goldberg (1995). Nesse contexto, a pragmática, ou seja, o uso da construção e sua função está em uma posição ascendente em relação à semântica que, por sua vez, está em uma posição ascendente em relação à sintaxe, mas em uma posição descendente em relação à pragmática. Isso nos remete ao fato de que a língua se constitui no uso que se faz dela e, que os sentidos são construídos na língua a partir desses usos, sendo a sintaxe também responsável pela veiculação desse sentido.

Em nossas palavras e usando uma analogia bem simples para entendermos as três camadas representadas no Esquema 5, dizemos que, em nossa compreensão, a sintaxe é “a cereja do bolo”, o visível e superficial e a pragmática é “o recheio”, onde “sabores são misturados” dando as características especiais para cada construção e microconstruções que surgem na língua, sendo a semântica, por seu turno, “a massa”, que faz com que o “bolo” seja, de fato, ele mesmo (a língua).

Retomando os pressupostos de Goldberg (1995), vemos que ela esclarece que é, por meio dos links de herança, que as construções carregam diferentes tipos de informações, dando origem a uma rede taxonômica de construções, hierarquicamente organizada, com seus vários nós, que são apreendidos a partir da experiência/uso.

Trazendo essas informações para a nossa análise a respeito do verbo *chegar* (V1) em estruturas perifrásticas, em relação a motivação no pareamento forma e função, como proposto por Goldberg (1995), podemos entender que, quando se trata das construções em análise, V1 passa a exercer função auxiliar ou suporte para V2, resultando, como defende Rocha (2017), na saída de um verbo pleno e prototípico, para um verbo que auxilia V2 (verbo principal), compondo uma rede de construções nas quais estruturas com funções não prototípicas surgem e se estabelecem na língua.

Através do que propõe Goldberg (1995), analisemos os exemplos, comuns na língua portuguesa do Brasil e retirados de Rocha (2017), a seguir:

- a. *Chego (a) fazer tudo correndo.*

- b. *Chegou (a) suar.*
- c. *Chega dói.*

Fonte: Rocha (2017, p. 55)

Como podemos observar nos exemplos a, b e c, há uma similaridade de características que permitem que V1 aspectualize o evento representado por V2 e, que entre as construções “faço tudo correndo” e “chego (a) fazer tudo correndo”, por exemplo, haja uma relação semântica, mas uma construção não significa, exatamente, a mesma coisa que a outra. Assim “suar” não é o mesmo que “chegou (a) suar” e, também “dói” não é “chega dói”. Portanto, esses exemplos nos mostram que o papel exercido por V1 é necessário para maior expressividade do falante, pois V2 não expressa o suficientemente atuando sozinho nessas construções, pois perder-se-ia os frames de tempo, duração, intensidade, entre outros esquemas imagéticos necessários para maior compreensão da informação da construção como um todo.

Nos exemplos a, b e c, o verbo *chegar* aspectualiza a ação representada por V2, que, para fazer isso, V1 precisa ter características e propriedades específicas, constituindo esquemas imagéticos próprios de estruturas perifrásticas, pois, como defende Goldberg (1995), as construções não são organizadas aleatoriamente, mas por propriedades especiais e por elos de herança. Portanto, a partir de generalizações, *chegar* ultrapassa seus usos prototípicos de verbo pleno que indica movimento/deslocamento e passa a integrar construções por meio do princípio da motivação maximizada, relacionando-se com construções do tipo “vai e faz”, “pega e faz”, “toma e faz”, em uma rede onde vários tipos de verbos herdaram esquemas imagéticos similares.

Temos até aqui mostrado como a metáfora é um mecanismo linguístico fundamental para o processo comunicativo. Por meio dela a linguagem e o pensamento se organizam e se constituem, pois a linguagem humana é, em grande parte, analógica e abstrata. E, como abstrair o sentido da metáfora? Lakoff e Johnson (2000), na obra *Metáforas da vida Cotidiana*, afirmam que a metáfora está em todo lugar, fazendo parte do sistema conceitual dos falantes de uma língua, portanto sendo passível de interpretação.

Há duas maneiras de conceituarmos a metáfora a partir de Lakoff e Johnson (2000):

- i. De maneira simples podemos dizer que a metáfora é a transferência de sentido de um domínio a outro, em uma relação na qual um elemento recebe características de outro;
- ii. De maneira um pouco mais aprofundada, dizemos que a metáfora é um processo cognitivo no qual a palavra é movida de um conceito ao outro, perdendo a sua significação literal e adquirindo nova conotação em outro contexto discursivo.

A metáfora em um sentido mais complexo se dá na adequação de uma palavra em um determinado contexto, ou em contextos diversos, com diversas significações. O que implica dizer que uma mesma palavra pode metaforizar diferentes conotações de acordo com a situação comunicativa e com a capacidade interpretativa do receptor. Vale ressaltar que a interpretação de uma mesma construção metafórica pode se dar de maneira diferente para pessoas diferentes. Isso confirma o fato de que não há um controle da interpretação pretendida pelo falante ou conservação da mensagem transmitida, já que, ao receber a informação, o ouvinte poderá compreender parcialmente/ou não a mensagem inicial. Ou seja, em uma construção como “Ela *chegou e disse*”, na qual o contexto maior indica que não houve movimento/deslocamento de um ponto físico *x* a um ponto físico *y*, comum ao verbo *chegar*, não há a certeza de que esse detalhe será abstraído pelo receptor e como será por ele compreendido, em outras palavras se haverá de fato o *match*, ou não, o *mismatch*.

Para avaliar a participação do receptor da mensagem no processo comunicativo, poderíamos pensar nos seguintes questionamentos:

- i. Qual o nível de envolvimento do receptor no discurso?
- ii. O contexto discursivo colaborou para que a mensagem fosse completamente entregue (ruídos, entrada súbita de pessoas no ambiente, acontecimentos inesperados ou inevitáveis);
- iii. A construção utilizada é nova ou já se encontra na Rede?

Sabemos que essas questões não podem ser respondidas com exatidão, tratando-se de valores intersubjetivos e cognitivos sobre o quão nem falante, nem ouvinte estão em pleno domínio no que diz respeito à metalinguagem. Sendo assim, comunicar-se é um efetivo e constante esforço de expressão, que faz com que a língua seja um objeto dinâmico e passível de constante análise.

Considerando que não temos domínio sobre como o outro nos entende quando nos comunicamos, como, então, a língua se faz inteligível? Essa resposta está no fato de que há na comunicação não só a transferência direta de um objeto para um recipiente, mas processos cognitivos que mapeiam os domínios conceituais. A metáfora é, nesse contexto, um processo fundamental que suplanta a ideia de ferramenta literária e passa a ser vista como presente em todo processo comunicativo.

Lakoff e Johnson (2003, p. 4) afirmam que: “[...]a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza”.

Com a descoberta e os estudos a respeito das metáforas cotidianas (Lakoff; Johnson, 2003), tornou-se fundamental compreender a conceptualização metafórica e a sua presença nas atividades comunicativas mais corriqueiras. Isso leva o estudo a respeito da semântica a um entendimento do que é concreto e do que é abstrato na língua. Nesse sentido, Lakoff (2006) trata de cinco evidências que colaboram para a conceptualização das metáforas, como resumimos a seguir: 1. Generalizações são polissêmicas; 2. Generalizações são constituídas de padrões de inferência; 3. Generalizações criam novas metáforas (Lakoff; Turner, 1989); 4. Generalizações dão origem a padrões de mudança semântica (Sweetser, 1990); 5. Experimentos psicolinguísticos atestam a existência de um sistema de metáforas conceituais convencionais (GIBBS, 1990).

Na próxima subseção, para compor argumento que estamos discutindo na presente seção, apresentamos a noção de radialidade das construções linguísticas nos termos de Lakoff (1987), como mecanismo de organização dos esquemas linguísticos.

3.3.2 Organização radial das construções

Segundo Lakoff (1987), a partir de um estudo intitulado *Women, fire and dangerous things- what categories reveal about the mind*, as construções são consideradas parâmetros de forma e sentido que podem ser descritos por meio de modelos cognitivos gerais, sendo as construções organizadas radialmente na língua (Lakoff, 1987).

Analisando a rede de construções com *There, do inglês*, Lakoff, no final da década de 1980, partindo das questões a respeito das redes polissêmicas, propõe um estudo sobre as redes construcionais. Segundo ele, essas composições partem de projeções conceituais instanciadas em construções gramaticais. Assim, em *Women, fire and dangerous things- what categories reveal about the mind*, Lakoff (1987) apresenta a complexidade da Teoria da Categorização (Prototype Theory). Essa teoria mostra que a categorização humana é baseada em princípios que se estendem muito além dos princípios previstos na teoria clássica. Para explicar isso, Lakoff (1987) se propõe a pesquisar as complexidades sobre a maneira como as pessoas realmente categorizam, a saber: por propriedades comuns. O teórico explica o trivial da categorização da seguinte maneira:

Não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação e discurso > toda vez que vemos alguma coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando. Sempre que raciocinamos sobre os tipos de coisas-cabelos, nações, doenças, emoções, qualquer tipo de coisa- nós

estamos empregando categorias. Sempre que realizamos intencionalmente algum tipo de ação, digamos, algo tão mundano quanto escrever com um lápis, martelar com um martelo, ou passar roupas com um ferro, estamos usando categorias. A ação que realizamos nessa ocasião é um tipo de atividade motora (por exemplo, escrever, martelar, passar ferro), ou seja, está em uma categoria particular de ações motoras (Lakoff, 1987, p. 6).

Portanto, para Lakoff (1987), a categorização é muito mais do que organizar o mundo por propriedades. Primeiro, ele explica que a categorização é inconsciente e, como tal, a realizamos cognitivamente. Nessa perspectiva, ele aprofunda as suas pesquisas e apresenta a *Radialidade* como um fenômeno próprio da constituição das categorias, que pode ser compreendido partindo de três suposições:

- a. *As construções gramaticais são pares de forma e significado;*
- b. *O aspecto estrutural do significado pode ser descrito usando modelos cognitivos;*
- c. *As construções gramaticais formam categorias estruturadas radialmente.*

(Lakoff, 1987; p. 378)

Se observarmos as colocações de Lakoff (1987) e o aprofundamento dado por Goldberg (1995; 2006) ao estudo das construções, é notória a necessidade de observarmos a radialidade inerente ao processo de mudança e variação linguística de *chegar* em estruturas do tipo [V1 (x) + V2] a fim de compreendermos como se dá o processo de construcionalização do verbo em estudo e como algumas construções se aproximam da sua versão plena e outras se mantêm mais afastadas.

Primeiro, a partir da afirmação de Goldberg (1995) de que uma construção tem o seu sentido para além das palavras que a compõem, construções do tipo: i. “*Ele chegou e disse tudo de uma vez*”, presentes da língua portuguesa falada no Brasil, nas quais *chegar* não indica movimento físico de um ponto x a um ponto y, podemos inferir que construções como essa compõem o leque de um novo pareamento de forma e significado, nos termos de Lakoff (1997) e Goldberg (1995).

Assim, utilizando-nos da noção do pareamento forma x função a partir do nosso objeto de estudo, podemos fazer 3 observações:

- i. Em relação ao pareamento forma e significado, a perífrase é constituída como um bloco, que abrange mais do que o sentido lexical das partes que a compõem, abarcando questões cognitivas e esquemas abstratos de domínio geral, influenciando todo o significado da construção. Dessa forma, podemos encontrar no PB construções do tipo [V1_{cheg} (x) + V2], nas

quais o pareamento forma e significado podem ser mais ou menos influenciados pelo seu principal traço, a saber: o de movimento.

ii. Em segundo lugar, observamos que, a partir da análise dos dados por nós selecionados e que apresentamos na seção *Análise e Resultados*, fica evidente primeiro, que para além do sentido lexical, existem fatores cognitivos que, de maneira subjacente, coadunam para o significado da construção perifrástica em que *chegar* ocupa posição V1 (como a metáfora, a metonímia e fatores imagéticos), nos termos de Johnson (2007).

iii. Em terceiro lugar, entender como as construções gramaticais formam categorias estruturadas radialmente implica elucidar as escolhas dos falantes. Ou seja, é entender a necessidade do uso de expressões do tipo [V1_{cheg} (x) + V2], a partir do pressuposto de que a arquitetura da língua se dá no uso que se faz dela.

Ferrari (2011) aponta vários acréscimos ao estudo das construções gramaticais a partir da organização radial proposta por Lakoff (1997). Conforme a linguista, uma das importantes vantagens desse modelo de análise é o fato de não serem incumbidos a um mesmo verbo vários significados, como propunha o Gerativismo. Ao invés disso, há instâncias prototípicas na língua de onde surgem subconstruções que se organizam radialmente.

Segundo Lakoff (1987), as subconstruções de uma instância prototípica se relacionam de maneira radial com as demais subconstruções. E, para exemplificar, o linguista mostra como a locução dêitica Central *There* pode ter tanto a função dêitica prototípica, de apontar (*There's Harry with the red jacket on*) como funções que se afastam da função dêitica e são, metaforicamente, mapeadas. Lakoff(1997) apresenta essa radialidade, como vemos no Quadro 8:

Quadro 8 – Organização radial segundo Lakoff (1997)¹⁹

a.	perceptual	(There goes the bell now!)
b.	discursiva	(There is a nice point to bring up in class)
c.	locativo-existencial	(There goes our last hope);
d.	de início de atividade	(There goes Harry, maditating again)
e.	de entrega	(There's your pizza, ready to go!)
f.	de modelo ideal	(Now there...is a great centerfield!)
g.	de exasperação	(There's go Harry again...)
h.	de foco narrativo	(There I was in the middle of the jungle.)
i.	de apresentatividade	(There on that hill will be built a ping-pong facility)

Fonte: Adaptação de Lakoff (1987, p. 490).

^{19 19} Tradução Nossa: a. Lá se vai à sirene, agora; b. Há um bom tema para trazer para a aula; c. Lá se vai a nossa última esperança; d. Lá vai Harry, meditando dinovo; e. Lá vai sua pizza, pronta para ir; f. g. Lá vai Harry, dinovo; h. Lá estva eu o meio da selva; i. Lá naquele hill será construído um ping-pong.

Lakoff (1987, 490) explica que, em casos como o de *There* do Inglês, há, pelo menos, quatro condições para definir na relação radial qual a construção (dêitica) central, a saber:

1. O falante tem acesso visual a uma entidade;
2. A atenção do falante se volta para essa entidade;
3. No evento de fala, o ouvinte pode ou não perceber a presença da entidade;
4. A atenção do ouvinte é direcionada para a entidade pelo falante no evento de fala.

Assim, a construção central é identificada e surgem, a partir dela, outras construções metaforicamente mapeadas. Lakoff (1987) salienta que, muitas vezes, a construção central parece muito com a radial, como a construção dêitica e a existencial, mas há diferenças. Pois, entre essas duas possibilidades, enquanto uma indica presença de uma entidade (espaço, percepção, discurso, entre outros), a outra indica espaço mental com a conceptualização e localização de uma entidade.

Entender o conceito lakofiano de radialidade é importante para a nossa pesquisa, pois, se considerarmos que o verbo *chegar* traça um caminho do uso [+ concreto] para [+ abstrato] em perífrases do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, em que V1 é o verbo *chegar* e V2 o verbo principal, implica afirmarmos que há um mapeamento metafórico na língua portuguesa que sanciona o uso de *chegar* prototípico/pleno e, também, acepções desse item que se afastam do centro e se organizam radialmente, de forma que, quando mais se afastam da construção central, menos apresentam características que indicam movimento/trajetória.

No esquema imagético da radialidade de *chegar* no português falado no Brasil, temos, ao centro, o verbo prototípico/pleno, com sua característica de movimento/trajetória preservada, mas as subconstruções que surgem, quando esse verbo figura em estruturas complexas, podem indicar extensões metafóricas aspectualizadoras da oração, que apresentam um percurso do mais concreto ao mais abstrato, em diferentes níveis de abstratização.

Em se tratando das perífrases verbais, o quesito auxiliaridade é que aproxima o item ainda mais de uma possível mudança linguística, como em “Ele chegou e disse: estou em Portugal, e você?”. Exemplo no qual V1 exerce a função não prototípica, de auxiliaridade, para V2. E, como propõe Lakoff (1987), as construções são metaforicamente construídas e mapeadas, podendo dar origem a espaços mentais com a localização e a conceptualização de entidades, como já dissemos.

Após entendermos a radialidade proposta por Lakoff (1987) e, para compreensão das funções do verbo na Língua Portuguesa, faz-se necessário tratarmos brevemente sobre o estudo da classe verbal a partir do ponto de vista discursivo, ampliando a investigação de fenômenos

que versam sobre a língua em uso real e a análise do verbo *chegar* em estruturas perifrásticas, bem como de outros verbos, como *pegar* ir, por exemplo, ou quaisquer outras construções verbais.

Observando as sentenças a e b a seguir, podemos notar que o verbo em posição V1 ora se apresenta como verbo de movimento, ora exerce função auxiliar para V2, trazendo ao cenário a forma como a construção é conceptualizada.

- a. Ela *chegou* lá na sala e falou tudo o que queria;
- b. Paulo *chegou e disse*, no meio da discussão, que não dava mais.

Para explicarmos a radialidade das construções linguísticas precisamos retomar a noção de metáfora como ocorre nos exemplos a e b e que, para Lakoff e Johnson (2013), é um mecanismo natural do sistema conceptual humano. Segundo eles, essa é a fonte das metáforas enquanto expressão linguística. A metáfora é, para esses autores, parte integrante do próprio sistema mental humano, sendo, portanto, naturalmente, componente de suas ações e uma ferramenta indispensável no discurso.

O sistema humano é metafórico, como temos mostrado nesta tese, por isso, a constatação de Lakoff e Johnson (2013) é que, nas diferentes línguas do mundo, existem metáforas que se repetem regularmente e, isso só é possível porque existem, justamente, domínios conceptuais que organizam de maneira coerente às experiências humanas, permitindo conectarmos ideias e pensamentos para compreendermos o mundo a nossa volta Bybee (2016).

Não podemos deixar de mencionar, ainda que brevemente, um outro estudo realizado por Johnson (2007), no qual há a discussão de que a maneira como o ser humano percebe as suas atividades motoras está diretamente relacionada com os esquemas imagéticos. Nesse sentido, ele afirma que nós entendemos o mundo ao nosso redor a partir dos seguintes esquemas, a saber: *vertical, horizontal, trajetória, movimento, dentro-fora*, entre outros conceitos que nos ajudam a entender a nossa experiência com o mundo e a relação entre ele e os significados das coisas.

Na visão de Johnson (2007), o pensamento se organiza em sincronia com o corpo, por meio da experientização, assim como aprendemos e nos relacionamos com a linguagem/língua no uso, ou na experiência que adquirimos a usar a língua. Seguindo essa explicação, o autor faz uma longa e detalhada defesa a respeito do significado como resultante das nossas experiências sensorio-motoras. São essas experiências, portanto que nos permitem captar conceitos e abstrações temporais e espaciais.

Johnson (2007) explica que, por meio das vivências arquivadas na mente do falante, é que os esquemas imagéticos são instanciados. Depois, os esquemas são utilizados e reutilizados

em outros contextos de acordo com a necessidade do falante/ouvinte no ato comunicativo, dando origem as relações de causa, tempo, ideia de parte/todo, eventos, instrumentos, agente, paciente etc., e outras significações que dependem de noções abstratas ou mais abstratas ainda.

Os esquemas imagéticos, como propostos por Johnson (2007), podem ser considerados pelas partes que os compõem (número) e pelas capacidades de serem reutilizados em diferentes contextos (flexibilidade). Pensando nisso, podemos dizer que o verbo *chegar* tanto atua sozinho, prototipicamente, na língua portuguesa, de forma singular, como em “*cheguei!*”, “*chegada*”, “*chegante*”, como pode compor outras construções exercendo diferentes funções, como temos demonstrado ao longo desta tese.

3.3.3 A radialidade no movimento e na trajetória

Destacamos, nesta tese, ainda a noção de *Movimento* e *Trajétória*, como apresentada por Johnson (2007), por ser essa uma característica intrínseca ao significado do verbo *chegar* da maneira como o concebemos hoje em dia.

Johnson (2007) explica que a trajetória é o caminho que se faz de um ponto específico ao outro ponto específico por meio do movimento de um ente. É, portanto, o percurso, que pode ser livre, ou com impedimentos. Como é uma conceituação muito abstrata, o autor elenca alguns atributos dos esquemas imagéticos, a saber:

- Emergem da experiência e se repetem;
- Conservam a topologia do *Todo*;
- São dinâmicos e atemporais;
- São resultado da experiência sensório motora e, por isso, resultam da experiência do corpo e da mente;
- São mapas topológicos de redes neurais;
- São conceptualizados por experiência sensório-motora;
- A estrutura é simples e suscetível a inferências.

Fonte: Adaptado de Johnson (2007)

A partir da tipificação e caracterização dos esquemas imagéticos, como propostos por Johnson (2007), podemos compreender que os significados das coisas não estão em si mesmas, mas nos resultados de abstrações e associações construídas na mente dos falantes. Lakoff (1987) explica que os esquemas imagéticos são polissêmicos por natureza e, por isso, quando se trata dos conceitos de trajetória, logo outras noções são requisitadas.

O verbo *chegar*, por exemplo, evoca tanto a ideia de ponto de partida, como de ponto de chegada, mas, também a de percurso. Assim, as construções nas quais o verbo *chegar* se instanciam por apresentar as três noções, ou só a de saída, só a de chegada, ou só a de percurso, como em: a. *Ela chegou de São Paulo* (saída); b. *Ela chegou em São Paulo* (chegada); *Ela chegou a correr* (percurso).

Podemos observar que, nesses exemplos, as preposições exercem um papel semântico fundamental em uma relação que pode ser entendida da seguinte maneira:

- Quem chegou “de” = saiu de um ponto físico/abstrato x;
- Quem chegou “em” = chegou em um ponto físico/abstrato y;
- Quem chegou “a” + V2 = chegou ao ponto de.

Com base nesse raciocínio, as construções vão sendo construídas radialmente na língua, na qual a *trajetória* evoca ponto de partida/chegada. Para deixar isso mais claro Lakoff (1987) exemplifica a partir de algumas preposições do Inglês. Segundo ele, *over* em “*Sam walked over the hill*”, não focaliza o fato de ele ter caminhado, pois a preposição, nesse exemplo, evoca o lugar, que é a colina. Em outras palavras, o foco está no ponto ou marco onde a ação aconteceu e não na ação em si mesma. Dois pontos, portanto, precisam ficar claros a respeito do conceito de *trajetória* nos termos de Lakoff (2007). Primeiro, tanto podemos focalizar o ponto de chegada, ou o marco, como podemos focalizar o deslocamento, o movimento na trajetória.

Em exemplos como o de *over*, o sentido é adquirido por meio de um alto nível de abstração, o que nós afirmamos ser bem comum quando se trata do papel das preposições nas construções da língua portuguesa, pois, de certa forma, as preposições direcionam o foco das construções e estão diretamente relacionadas com o nível de abstração de uma dada construção.

Johnson (1987, p.32) explica que transformamos os esquemas imagéticos para sanar lacunas na comunicação de maneira que uma mesma construção possa ser utilizada em contextos diferentes. Para esclarecer ele dá exemplos, também, com *out* do Inglês, trazendo as seguintes sentenças: i. *John went out of the room*; ii. *Poor out the beans*. iii. *Write out your ideas*; iv. *He squeezed out some toothpaste*.²⁰ Observa-se que, em cada um desses exemplos, a palavra *out* significa uma coisa diferente (sair, despejar, escrever, espremer). Mas, há algo que se mantém em comum entre eles: o movimento em diferentes graus de abstração.

Podemos, com isso, afirmar, de acordo com a organização dos padrões imagéticos, que a radialidade é a maneira que as várias construções se organizam e se instanciam em

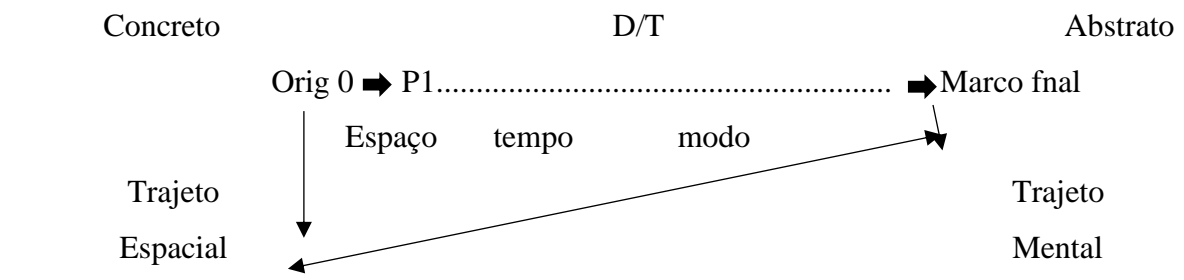
²⁰ John saiu da sala; ii. Despejar o feijão. iii. Escreva suas ideias; 4. Ele espremeu um pouco de pasta de dente

relação a uma construção matriz. Desse modo e a partir das noções de radialidade, é possível, então, ratificarmos que estruturas do tipo $[V1_{cheg} (x) + V2]$, nas quais *chegar* figura na posição V1, podem, também, dar origem à diferentes sentenças que necessitam de interpretação semântica, envolvendo informações diversas que evocam a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Nessas construções, podemos encontrar tanto o verbo *chegar* como aquele que indica movimento físico, como o uso desse mesmo verbo com outras funções, cujo traço²¹ de movimento parece se apagar, ora mais, ora menos, compondo a radialidade, segundo a proposta de Lakoff (1987).

Como temos demonstrado repetidas vezes nesta tese, Lakoff (1987), Johnson (2007; 1987), entre outros autores, discutem a respeito do significado dos esquemas imagéticos, a partir da ideia de que esses esquemas se modificam e limitam as inferências dos falantes/ouvintes. Essa limitação é que faz com que não ocorra o “caos” linguístico, como já mencionamos. Pois, não é a troca de “tudo” por “tudo”, mas o resultado de inferências mapeadas dentro de um certo domínio. No caso do verbo *chegar*, metaforicamente, a mudança nos esquemas imagéticos se dá no mapeamento *trajetória espacial* para *trajetória mental*, acionando padrões que comportam ponto de origem, ponto de partida, espaço, tempo, modo, partido sempre de domínios concretos para outros abstratos, ou mais abstratos, ainda, como representado na Figura 14, a seguir:

Figura 14 – Mudança de esquemas imagéticos



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

²¹ A permanência do traço de movimento é uma das características próprias do processo de gramaticalização, que grosso modo, é quando o item gramaticalizado, ou em processo de gramaticalização, traz em si características do item lexical de origem (Hopper; Traugott, 1993). E, se expressões como “*Chegar à justiça*” já apareciam em textos do século XVIII, podemos supor, por ora, que o processo de gramaticalização do item *chegar* não é novo. Portanto, o traço de movimento do verbo *chegar* é uma das suas principais características desde o Latim tardio até os dias de hoje no Português. Isso implica dizer que o verbo *chegar* vem preservando determinados traços semânticos da forma fonte até a forma gramaticalizada, sempre com a sugestão de um movimento, ainda que, muitas vezes, só percebido de forma inferencial dentro de determinados contextos, com, ou sem, a saída e a chegada a pontos fixos distintos (Rocha, 2017).

A partir do conceito de Construção, Fillmore, Kay e O'Connor (1983), também Lakoff (1984), explicam que as generalizações podem ser traçadas sobre sintaxe e semântica, mas se forem abstraídas de informações sobre léxico e pragmática, conforme mencionamos no início desta Seção. Como vemos na Figura 14, o acionamento dos esquemas imagéticos ativados na mente do usuário da língua pode compor frames que partem de uma origem (ponto zero), antecedendo o primeiro movimento (P1), seguido de deslocamento em uma dada trajetória (D/T), até um marco final. Trajeto esse que envolve diferentes níveis de Abstrações, de mais espacial a mais mental, como revelam sentenças comuns na língua portuguesa, evidenciadas, a seguir:

- a. Ele *chegou* da escola e foi direto para o campo.
- b. Ele saiu de baixo e *chegou* no auge.

Como vemos, no exemplo *a*, o verbo *chegar* indica movimento mais concreto e, no exemplo *b*, por sua vez, *chegar* indica movimento espacial mais abstrato. Nesses contextos, as inferências dos falantes/ouvintes vão variar de acordo com o nível de abstração mais adequado.

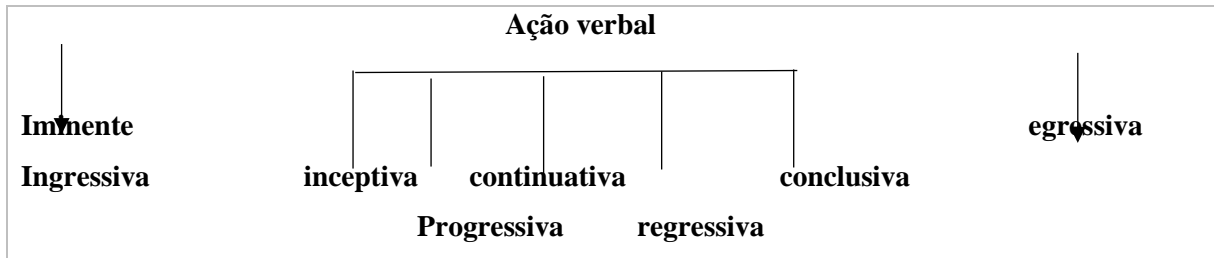
A seguir apresentamos a categoria aspectual para esclarecermos sobre as funções desenvolvidas pelo verbo *chegar* em seu processo de construcionalização dentro da língua portuguesa.

3.3.4 A categoria aspectual

A partir do que nos mostra a tradição gramatical, consideramos relevante pontuar a respeito da categoria aspectual, abordando, ainda que, sucintamente, as suas propriedades e a sua relevância para a análise a que nos propomos nesta pesquisa. Para tanto, apresentaremos as considerações de alguns gramáticos e teóricos que tratam do tema.

Para Cunha e Cintra (1985), a categoria aspectual é constituída de oposições e, quando se trata do verbo fora de estruturas perifrásticas, o aspecto se divide em: 1. Aspecto pontual ou durativo (de acordo com o tempo da ação verbal); 2. Aspecto contínuo e descontínuo (desenvolvimento da ação); 3. Aspecto inicial ou conclusivo. Já para as estruturas perifrásticas, os autores apresentam as seguintes oposições: forma simples (canto)/ durativa (estou a cantar) e forma que indica ação (estar) ou passividade (ser).

Assim como Cunha e Cintra (1985), outros autores contribuem para os estudos da categoria aspectual. Bechara (2009), por exemplo, apresenta um gráfico que representa as diferentes *Fases* na consideração da ação verbal no tempo, como podemos conferir no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Subcategoria verbal (Fase) de Bechara

Fonte: Elaboração nossa adaptada de Bechara (2009, p.259).

Bechara (2009) propõe que a fase ingressiva ou iminente seria o começo da ação, nós, no entanto, consideramos que seria um momento antes da ação iniciar, ou quando a ação está prestes a ser iniciada, como mostramos no Gráfico 1, (estar para/por + infinitivo). A fase inceptiva seria o começo da ação propriamente dita e indica a velocidade, ou o quão repentina uma ação acontece (pegar a + infinitivo) Já a fase progressiva se trata do desenrolar da ação (ir + gerúndio).

Por sua vez, a fase continuativa, apesar da nomenclatura se aproximar da progressiva, tem a ver com o que Bechara (2009) nomeia como zona medial do desenvolvimento da ação (seguir/contínuo + gerúndio/a). A respeito da fase regressiva e conclusiva se trata do final da ação (terminar + de + infinitivo). Por fim, temos a fase egressiva, que marca a ação após o seu término (acabar de + infinitivo).

Observando a ação verbal e suas fases, a partir de Bechara (2009), bem como a partir da Gráfico 1 de Rocha (2023), ainda que, nessas fases ele tenha dado exemplo com os verbos auxiliares canônicos e que nos pareça mais uma relação temporal, por analogia fazemos, a seguir, observações a respeito do verbo *chegar* na composição perifrástica.

Quanto ao aspecto, consideramos que o verbo *chegar* pode indicar algumas das fases, como organizadas, a seguir:

- Fase ingressiva (*chegar* + para/por)- “Esse trabalho *chegou* para fazer.”
- Fase inceptiva (*chegar*+ a)- “*Chega a falar* a verdade”;
“Chego-me a aproximar.
- Fase Progressiva (*chegar* + gerúndio)- “*Chegou dizendo*”.
- Fase continuativa (*chegar* + Gerúndio/a)- “*Chego cantando*”

Fonte: Elaboração nossa, adaptada de Bechara (2009)

O preenchimento de algumas das Fases mencionadas, a partir do aporte teórico que temos adotado se dá porque há a formação de novas construções, novos nós na rede e esses novos nós podem se expandir mudando a estrutura morfossintática, ou mesmo o significado de

uma construção. E, nesse sentido, quanto à aspectualização o que ocorre com o verbo *chegar* é que ele acaba por funcionar como um auxiliar na língua portuguesa.

Para Luft (2002, p. 166-167), o verbo se diferencia dos nomes porque, enquanto esses apresentam a realidade estaticamente, o verbo se encarrega de fazê-lo dinamicamente. Ou seja, é a ideia de tempo que se encarrega de diferenciá-los, marcando-os aspectualmente (duração ou resultado do processo), ou temporalmente (momento de sua ocorrência). Dessa maneira, pelo verbo:

- O ser é situado no espaço;
- O ser é figurado no tempo;
- O ser é representado sob forma de ação, movimento ou estado.

Fonte: Elaboração da pesquisadora, a partir de Luft (2002, p.166-167)

Assim como para a maioria das gramáticas, o verbo é, na obra de Luft (2002), um elemento fundamental na frase e um termo essencial na oração, pois não se pode construir oração sem verbo. Partindo do fato de que quando falamos de aspecto, também retomamos a noção de tempo dada a relação semântica entre eles, e, assim, faz-se notória a diferenciação entre ambos, pois, quando se trata de tempo, logo partimos dos conceitos de presente, passado e futuro, mas, ao tratarmos de aspecto, remetemos aos conceitos de repetição, hábito, fim, duração, instantaneidade, começo e desenvolvimento, nos termos de Costa (2016).

A respeito do aspecto em verbos em posição V1, Rocha (2017) afirma que, para além das formas nominais, o verbo auxiliar pode exercer aspecto verbal diferente de quando ele figura como verbo pleno. E isso nos leva a ideia de que o verbo *chegar* em sua prototipicidade tem inerente a ele um tipo de aspecto verbal que está diretamente relacionado com deslocamento ou movimento. No entanto, quando atua em posição V1 e se torna um auxiliar do segundo verbo, ele passa a possuir outros aspectos que ultrapassam o sentido de movimento/trajetória. Vejamos os exemplos na Figura 15, a seguir:

Figura 15 – Denotação aspectual

- a. João *chegou a igreja* atrasado.

Pontual) Aspecto verbal que denota o fim de um movimento/trajetória. (Aspecto Pontual)

- b. João *chegou dizendo* tudo na cara dela.

Aspecto verbal que pode indicar:
 O lugar de chegada. (Aspecto pontual) Marcador discursivo. (Aspecto inceptivo)

Fonte: Elaboração própria utilizando sentenças comuns na língua portuguesa.

Como podemos observar, no exemplo *a*, o verbo *chegar* exerce função prototípica e, apesar de não ter sido marcado o lugar de partida, tem-se claro que se trata da culminância de um deslocamento, com chegada em um lugar físico específico, a saber, a igreja. Nesse caso, a tradição gramatical considera esse como sendo o aspecto pontual, aquele que denota a culminância do evento ou uma ação momentânea, que não nos permite acesso ao evento como um todo²².

Partindo para o exemplo *b*, podemos fazer duas considerações: i. se o contexto discursivo maior indicar que João fez um deslocamento/trajetória do ponto físico *x* e se moveu até o ponto físico *y* para então proclamar o que tinha a dizer, temos o verbo *chegar*, novamente, denotando o aspecto pontual.²³ Contudo, se *chegar* estiver apenas funcionando como um marcador discursivo intensificador da ação de João dizer “*tudo na cara dela*”, temos o verbo funcionando como auxiliar/suporte, cujo aspecto inceptivo se manifesta, dado que enfatiza o início da ação de João.

Quando o verbo apresenta aspecto pontual, geralmente o foco recai sobre ele mesmo e não sobre os seus argumentos. No entanto, notamos que, quando o verbo *chegar* apresenta aspecto inceptivo, como em *b*, a aspectualidade recai sobre seus argumentos, especialmente o argumento interno, pois o auxiliar propicia foco, intensidade, importância e, até mesmo, veracidade²⁴ ao evento.

²² Nós, no entanto, valendo-nos do aparato da Linguística Cognitiva e do conceito de Processos Cognitivos de domínio geral, nos termos de Lakoff (2006) e Bybee (2016), consideramos esse aspecto verbal, também, como perfectivo, pois subtende-se, cognitivamente, que para chegar à igreja, João saiu de algum lugar e se moveu por meio de uma trajetória até o ponto de chegada. E, os usuários da língua, locutor e interlocutor, acessam o processo de deslocamento, ainda que inconscientemente, ao nosso ver.

²³ Ou perfectivo, com a mesma justificativa que apresentamos no exemplo *a*.

²⁴ Ex. Ela é tão agitada, que as bochechas *chegam a ficar* vermelha.

Travaglia (2006, p. 161)), assim como nós, entende que perífrase verbal é “[...] qualquer aglomerado verbal”, no qual se tenha um verbo auxiliar e outro verbo em uma das formas nominais. Para ele, as perífrases são responsáveis em marcar aspecto, marcar a voz e marcar o tempo e modo, noções semânticas ou, até mesmo, duas coisas ao mesmo tempo, como mostram, respectivamente os exemplos, a seguir:

- a. Rogério *estava almoçando*, quando telefonei. (imperfectivo, cursivo, não-acabado, durativo);
- b. A tinta *vai esparramando* sobre o papel. (Ir + gerúndio: noção semântica; Progressão; aspecto: durativo).

Fonte: Travaglia (2006, p.)

Nesse sentido, observamos que, na Língua Portuguesa falada no Brasil, o estudo da aspectualidade verbal é muito produtivo, pois, por meio desse tipo de investigação, podemos analisar as relações entre os verbos e os demais componentes de uma oração, bem como a relação constituída entre a categoria verbal e seus argumentos.

Considerando que estamos trabalhando a partir de uma abordagem construcional e que, segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções podem ter tanto função referencial como processual, o que ocorre com verbos, como o que analisamos neste trabalho, é que eles, assim como o verbo *chegar*, vêm servindo a novas funções gramaticais aspectualizando as orações, como já fazem os verbos auxiliares tradicionais em um *continuum* entre os polos de conteúdo (lexicais) e de processamento (gramaticais).

Fato é que, em construções compostas do tipo perifrástica, o verbo auxiliar executa função aspectual para a ação de V2, como um bloco unificado, salientando o evento e compondo o sentido total da construção perifrástica e da construção maior em que o composto verbal está inserido. Verificamos, assim, que, em uma construção do tipo “Ele chegou a berrar”, o significado do evento está em V2, mas a intensidade, a emoção e a novidade do evento ficam por conta de V1. Ressaltamos, contudo, que o sentido total da sentença só se dá no elo entre V1 e V2.

A seguir traçamos a diferença entre gradiência e gradialidade.

3.3.5 Variação é gradiência, mudança é gradualidade

Os micropassos que acontecem no processo de mudança linguística se dão gradualmente, diacronicamente, enquanto as mudanças pelo viés sincrônico só podem ser observadas em escalas menores, em um dado recorte, na convivência entre formas e sentidos

que variam entre si de acordo com os usos e as necessidades comunicativas dos falantes, de forma gradiente.

A gradiência é, nesse processo, um fenômeno sincrônico, por meio do qual podemos observar o nível de proximidade entre a construção mais esquemática e as menos esquemáticas, de acordo com a sua esquematicidade e composicionalidade, que as torna mais ou menos abstratas. Ou, nos termos de Traugott e Trousdale (2010, p. 39), “[...] a variação, ao longo do tempo, envolve a emergência de construções gramaticais: um processo gradual e global que envolve uma série de microrreanálises locais discretas”. Trata-se, portanto, da organização categorial, contínua e gramatical do material linguístico.

Contudo, a gradualidade não pode ser analisada se não pelo viés diacrônico. E nele, observamos a organização discreta dos micropassos que resultam na mudança linguística. Sobre essa descrição, Traugott e Trousdale (2010) defendem que, quando há uma mudança do tipo categorial, por exemplo, diacronicamente não são os micropassos que ficam em evidência, mas a polissemia originada das construções variantes.

Resumimos no Quadro 9, a seguir, algumas características da gradiência e da gradualidade segundo o conceito de *construcionalidade e construcionalização*:

Quadro 9 – Características da Gradiência e da Gradualidade

GRADIÊNCIA	GRADUALIDADE
Construcionalidade	Construcionalização
Destaque para alguns membros do processo	Mudança individual (discretas) e coletiva (não são abruptas nem tampouco discretas)
Fronteiras não definidas	Contém a gradiência, mas não é gradiência
Foco na mudança categorial	Foco no processo de mudança
Reanálise e analogia	Reanálise e analogia

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Segundo Bybee (2010), a variação e a gradiência são [co]existentes, desse modo, ao analisarmos o verbo *chegar* dentro de estruturas perifrásticas, precisamos olhar a partir de um *continuum*, dentro de um contexto discursivo no qual a construção em análise está locada. Pois, como podemos observar no Quadro 7, a construcionalidade tem como uma de suas características fronteiras não definidas, pois, essas dependem da construção maior onde estão instanciadas. No caso do item em estudo nesta tese, a forma verbal *chegar* se loca na construção [V1_{cheg} (+) V2] e só pode ser compreendida de acordo com as demais partes que a compõem.

A presença do verbo *chegar* dentro da perífrase [V1_{cheg} (+) V2] pode ser, mais ou menos, abstrata de acordo com o grau de aproximação ou distanciamento no jogo da gradiência. Nesse

jogo, os conteúdos veiculados podem representar a gradiência de um *type* do esquema [V1_{cheg} (+) V2] ou pode representar elementos autônomos.

Listamos a seguir, resumidamente, algumas das principais ideias de Lehmann (1988) e Hopper e Traugott (1993), pois esses nomes se destacam quando se trata do estudo das perífrases verbais e, segundo eles, em uma visão funcionalista da linguagem, podemos fazer as seguintes afirmações:

i. Coordenação/subordinação não são suficientes para descrever o processo de articulação de cláusulas, sem levar em consideração um continuum, com diferentes níveis de gradiência (Hopper e Traugott, 1993/grifo nosso);

ii. A tipologia de frases complexas pode ser analisada por meio de seis parâmetros semântico-sintáticos, a saber:

Autonomia ou integração = rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada e nível sintático do constituinte ao qual a oração subordinada se vincula;

Indícios de expansão ou redução = dessentencialização da subordinada e gramaticalização do verbo principal;

Isolamento ou articulação das cláusulas = entrelaçamento das duas orações e explicitude da articulação das sentenças.

Fonte: (Lehmann, 1988).

Lehmann (1988) explica que esses parâmetros devem ser analisados por meio de um continuum que envolve tanto a máxima elaboração quanto a máxima condensação do material lexical, bem como do gramatical. A nível de esclarecimento, apresentamos a Figura 16, a seguir:

construção em análise perde e ganha propriedades diversas, nos termos de Heine (1993; grifo nosso). Nessa perspectiva, se detectam processos de mudança de um determinado elemento linguístico diacronicamente, mas, a partir de recortes sincrônicos, analisamos a construcionalidade de uma dada construção (Heine, 1993).

Se pensarmos semanticamente, um verbo de movimento, como *chegar*, tende a marcar o tempo e o aspecto de V2, gramaticalizando-se dentro das construções em que V1 é instanciado, mas, ainda assim, o verbo que se gramaticaliza pode continuar exercendo sua função lexical fora de construções perifrásticas. Assim, *chegar*, permanece sendo um verbo pleno que denota movimento espacial com deslocamento por meio de uma certa trajetória, mas exerce na língua outras funções, até mesmo de marcador discursivo.

Com o intuito de entendermos as proposições de Langacker (2008) e analisarmos as microconstruções com o verbo *chegar* em estruturas perifrásticas é que, nesta tese, tratamos das categorias instanciadoras dos materiais linguísticos de ordem lexical e procedural. Nesse intuito, ratificamos a gradiência na rede construcional das categorias linguísticas, bem como ao que tange a categoria verbal, em especial, ao verbo *chegar* em estruturas complexas. Nesse contexto, os nós na rede linguística vão de mais centrais a mais marginais em relação a construção prototípica, como defendem Traugott e Trousdale (2013) e como temos demonstrado por meio da noção de radialidade de Lakoff (1987).

Quando pensamos no distanciamento entre os nós e o protótipo da rede linguística, precisamos compreender que a gradiência opera nas fronteiras entre as categorias, como temos explicado por meio da radialidade, nos termos lakofianos. Nesse sentido, as microconstruções com V1 operando como verbo auxiliar, se situam nas margens entre a construção prototípicas e as demais microconstruções. Isso nos mostra que os chunkings que surgem e se convencionalizam podem se tornar mais esquemáticos e evocarem novas microconstruções. E, isso acontece por meio da repetição das formas que emergem na língua, na qual os processos cognitivos próprios da linguagem são ativados, sendo a língua concebida como um sistema adaptativo complexo, no qual se destacam a variação e a gradiência, como defende Bybee (2016).

Esclarecemos que, como em toda língua, no Português, tanto a mudança gramatical se direciona para o léxico, como o léxico para a gramática, em um ciclo gradiente e gradual, que se molda de acordo com as necessidades dos usuários da língua. Nesse processo, os falantes/ouvintes fazem usos de construções já existentes na língua em novos contextos discursivos, bem como cria novas formas linguísticas a partir de esquemas preexistentes na língua.

Se observarmos as microconstruções *chegar chorar*, *chegar pensar*, *chegar tremer e chegar dizer*, por exemplo, vemos que a construção maior [V1_{cheg} (x) + V2] dá origem a inúmeras microconstruções no português brasileiro, através do processo de analogização do esquema perifrástico verbal, como ocorre com outros verbos, dados os elos de herança presentes em construções desse tipo, com um verbo principal/lexical e outro auxiliar/procedural.

Na próxima seção apresentamos os procedimentos metodológicos escolhidos para nortear a nossa investigação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme já apresentamos no decorrer desta tese, o nosso foco nesta investigação são os dados reais da língua em uso, por meio dos quais buscamos compreender os micropassos do processo da mudança pelo qual passa o verbo *chegar*, bem como outros verbos da língua portuguesa, em estruturas perifrásticas do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, a partir do aparato teórico funcionalista, mais especificamente, da Linguística Funcional Centrada no uso. Trata-se de uma amostra sincrônica do Português brasileiro falado, em forma de entrevistas nos moldes labovianos, portanto transcrita.

Recordamos, nesta seção, as hipóteses, previamente, suscitadas para essa tese, a saber:

- i. O processo de construcionalização e a mudança construcional do verbo *chegar* na língua portuguesa se dá por meio da analogização, a partir de um esquema convencional do Português falado no Brasil, do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, no qual *chegar* ocupa posição V1 e, na posição V2, é viável a incorporação de diferentes tipos semânticos verbais, bem como diferentes tempos e modos;
- ii. O subsquema do qual partimos, instancia microconstruções auxiliares, que podem indicar aspecto terminativo, prospectivo, durativo e cursivo, entre outros, e funcionar como marcador discursivo de turnos de fala/ação;
- iii. É possível aferir qual o grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade da construção em estudo, propondo, ainda, uma rede taxonômica.

Para descobrirmos se as nossas hipóteses poderiam, ou não, ser confirmadas, objetivamos analisar a construcionalização, a mudança construcional e a construcionalidade do verbo *chegar* em estruturas perifrásticas, para, a partir da analogia, ampliarmos o entendimento a respeito do estudo da categoria verbal, quando essa foge ao que lhe é prototípico e, tradicionalmente, defendido pela gramática. Nesse intuito, partimos em direção aos seguintes objetivos:

Objetivo Geral- Analisar sincronicamente o processo de mudança linguística (Construcionalidade, construcionalização e de mudança construcional) do verbo *chegar*, em posição V1, dentro de estruturas perifrásticas do tipo $[V_{\text{cheg}}(x) + V2]$, na língua portuguesa falada no Brasil, como modelo analógico para o estudo da categoria verbal.

Objetivos específicos- i. Identificar na literatura quais autores tratam das perífrases verbais; ii. Apresentar a etimologia do verbo *chegar* a partir de gramáticas e dicionários da língua portuguesa do Brasil; iii. Descrever e levantar dados com o verbo *chegar* nos *corpora* orais de Vitória da Conquista-Bahia (PPVC e PMVC) e, assim, apresentar os usos mais recorrentes do verbo *chegar* dentro e fora de estruturas perifrásticas, a partir dos *corpora*

selecionados; iv. Elaborar uma representação esquemática do processo de construcionalidade do verbo *chegar*, de acordo com a proposta de Traugott e Trousdale (2013) e, a partir disso, relacionar os processos de domínio geral com o processo de construcionalidade do verbo *chegar* na Língua Portuguesa falada no Brasil, ancorando-nos em Bybee (2016); v. Apresentar uma proposta didático-pedagógica para o ensino da auxiliaridade verbal no ensino fundamental II no Brasil.

Tendo os objetivos definidos passamos à escolha do suporte teórico mais adequado para a nossa pesquisa, selecionando, então, o Funcionalismo Linguístico em sua vertente mais recentes, por melhor atender ao tema em estudo nesta tese. Portanto, fizemos uso da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), cujos pressupostos comportam, também a Gramática de Construções (GC), a Linguística Funcional (LF) e a Linguística Coognitiva (LC), abrindo para nós, pesquisadores, possibilidades holísticas de análise da língua.

Para estudiosos que, assim como nós, utilizam a LFCU em suas pesquisas é arelevante lembrar da contribuição do Grupo de Estudos Discurso e Gramática (D&G), da Universidade Federal Fluminense- UFF, surgido em 1997, com pesquisas funcionalistas em Língua Portuguesa a partir do que propunha Givón, Hopper, Heine, Traugott, Bybee, entre outros autores.

Desde o início de sua criação, muitas foram as contribuições do Grupo D&G para as pesquisas linguísticas em morfossintaxe do Português, como, por exemplo, a respeito da mudança e variação linguística, ordenação de constituintes etc. E, entre essas contribuições, destacamos a ampliação dada por Rosário e Lopes (2019) aos estudos da construcionalização e da mudança construcional, nos termos de Traugott e Trousdale (2010), acrescentando o recorte sincrônico às pesquisas em LFCU, até então focadas na diacronia.

Escolhidos o aporte teórico, levantamos questões a respeito do objeto de estudo desta tese: i. Como se dá o processo de construcionalização e mudança construcional de *chegar* na língua portuguesa? ii. Qual a interpretação composicional de estruturas perifrásticas com *chegar* em posição V1? iii. Qual o grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade de estruturas perifrásticas com *chegar* em posição V1? iv. Quais os processos de domínio geral arrolados na construcionalidade do verbo *chegar* em estruturas complexas no Português?

Dada as questões defendemos a tese de que o verbo *chegar*, analogicamente como outros verbos do Português, dentro de estruturas do tipo [V_{cheg} (e) + V2], passa por um processo de variação e mudança linguística, no qual a construção exerce funções não prototípicas, culminando em um processo de mudança linguística (construcionalidade, construcionalização e mudança construcional), com o surgimento de novas construções.

Definido o aporte teórico, passamos a buscar a metodologia que melhor aderisse a ele. No esforço em atestar as nossas hipóteses, nos valemos de dados sincrônicos e definimos os eixos linguísticos, delineando a natureza dessa pesquisa. Optamos por uma pesquisa de cunho quali-quantitativo, tendo como característica, que o primeiro trata do viés interpretativista e o segundo visa a validação dos dados por meio de levantamento numérico, compondo, assim, o método misto.

O método misto é, segundo Tashakkori e Teddlie (2003) e Ceswell (2005), o ato de recolhermos informações, analisá-las e misturá-las de maneira que os dados qualitativos e quantitativos, juntos, sejam utilizados na investigação e na compreensão do problema de pesquisa.

Traugott e Trousdale (2013) não trazem, em sua obra uma definição a respeito do método misto para a análise construcional, mas os autores afirmam que sua obra é de cunho qualitativo. Mas, eles defendem a validade complementar da abordagem quali quantitativa no viés histórico, apontando para possibilidade de se utilizar o método misto no viés sincrônico. Abordagem que eles explicam da seguinte maneira:

O nosso trabalho, neste livro, apresentou uma abordagem qualitativa para a construcionalização e as mudanças construcionais. Nisso nós nos diferenciamos de Hilpert (2013), cuja pesquisa tem sido conduzida na tradição da linguística de corpus quantitativa. Nós consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como sendo complementares para o trabalho na linguística histórica e prevemos a possibilidade de unir as duas abordagens em estudos de mudança linguística em curso, em que a análise da microvariação no nível individual dos falantes poderia ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do 88 Volume Especial - Dezembro 2016 Linguística Centrada no Uso grupo social. Tais estudos quantitativos permitem, em uma abordagem mais refinada, estabelecer a relação entre frequência e entrincheiramento e o grau de abstração a partir do qual os grupos de falantes parecem organizar aspectos de seu conhecimento linguístico (Traugott; Trousdale, 2013, p. 238, grifos nossos).

A abordagem construcional da mudança é nova nos estudos linguísticos e, para validar as nossas hipóteses, nos valemos de dados sincrônicos e definimos os eixos linguísticos, delineando a natureza dessa pesquisa. Portanto, optamos por uma pesquisa de cunho quali-quantitativo, tendo como característica, que o primeiro trata do viés interpretativista e o segundo visa a validação dos dados por meio de levantamento numérico, compondo, assim, o método misto.

Para o tratamento qualitativo dos dados, ancoramo-nos tanto no aporte teórico da LFCU, a partir do qual nos preparamos para interpretação dos dados levantados e selecionados para

esta análise. Para tanto, optamos por escolher um programa computacional de análise de dados que pudesse colaborar para uma investigação mais assertiva, a saber: o programa computacional *Antconc*. Ferramenta esta que nos permitiu não só o acesso a dados quantitativos devidamente catalogados, como, em adição, nos proporcionou uma maior interação por meio de *tokens* (dados) clicáveis, cujos contextos de usos, de cada uma das ocorrências dos *corpora* selecionados para esta tese, puderam ser devidamente decifrados.

Ressaltamos que consideramos essa possibilidade de tratamento quantitativo e qualitativo em um só programa computacional um relevante avanço no que diz respeito a linguística de corpus e, compreendemos que essa é uma nova e crescente perspectiva para os estudos linguísticos contemporâneos.

Após a escolha do aporte teórico e do método para o tratamento qualitativo, passamos para o tratamento quantitativo dos dados por nós selecionados a partir da ferramenta computacional *Antconc*, por meio da qual pudemos ter resultados percentuais, ratificando ou retificando as hipóteses levantadas de acordo com os resultados obtidos.

Com base em artigo de Cunha Lacerda e Dall’Orto (2019), intitulado *Uso do software Antconc na análise de dados do uso*²⁵, fizemos uma rápida apresentação da ferramenta *Antconc*, seus benefícios e sua aplicabilidade para a pesquisa científica a partir de dados de corpora linguísticos.

A seguir, descrevemos os corpora linguísticos selecionados para esta pesquisa, bem como enunciamos a amostra utilizada. Para essa descrição, dedicamos a nossa atenção, principalmente, às variáveis linguísticas de cada um dos dois corpora escolhidos. Nesse empenho, focalizamos, a saber: *types* recorrentes no Português falado no Brasil que apresentam o verbo *chegar* em posição V1.

4.1 Os corpora

Os *corpora* selecionados para esta pesquisa são parte do banco de dados linguísticos do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos da perspectiva (sócio)funcionalista com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista-Ba”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Valéria Viana Sousa e são compostos com dados de fala de 3 municípios do estado da Bahia, como podemos conferir na Tabela 1, a seguir:

²⁵ CUNHA LACERDA, P. F. A.; DALL’ORTO, L. F. M. *Uso do software Antconc na análise de dados do uso*. In: ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. *Metodologia da pesquisa funcionalista* (2019).

Tabela 1 – Composição do Banco de dados

Corpora	Qtd de informantes
Português Culto de Vitória da Conquista (<i>Corpus</i> PCVC):	24 (vinte e quatro)
Português Popular de Vitória da Conquista (<i>Corpus</i> PPVC)	24 (vinte e quatro)
Português Culto da cidade de Ibicoara-Ba (CLIBA);	18 (dezoito)
Português Popular da cidade de Ibicoara-Ba (CLIBA):	18 (dezoito)
Português Popular da cidade de Brumado (PPBdo):	12 (doze).

Fonte: Elaboração da pesquisadora

O banco de dados representados na Tabela 1 é formado por gravações, nos moldes de entrevistas de acordo com os pressupostos labovianos para esse tipo de captação da linguagem falada. Nesse contexto, os participantes são o informante e o documentador, que interagem a partir de perguntas motivacionais. As amostras foram organizadas pelo grupo de pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio) Funcionalismo²⁶ - CNPq (Grupo Janus²⁷), com orientação e supervisão da Professora doutora Valéria Viana Sousa e do professor doutor Jorge Augusto Alves da Silva, docentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, entre os anos de 2011 a 2015. Portanto, trata-se de um banco de dados novo e em constante construção.

Apesar de apresentarmos as três cidades lócus da captação dos dados que compõem as entrevistas que formam o banco de dados da Tabela 1, para esta tese, selecionamos apenas os *corpora* da cidade de Vitória da Conquista, compondo, então uma amostra de 48 (quarenta e oito) entrevistas, somando-se os dados de fala do PPVC e do PCVC.

Os *corpora* selecionados para esta tese foram o *Corpus do Português Culto de Vitória da Conquista (Corpus PCVC)* e o *Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista (Corpus PPVC)*. Ambos compostos por 24 (vinte e quatro) entrevistas orais, devidamente transcritas de acordo com as orientações labovianas.

A escolha dos *corpora* PPVC e PCVC se deu, principalmente, por ser intuito desta pesquisa analisar dados baseados no uso, ou seja, os dados que tenham sido oriundos de situações reais de comunicação. Além disso, esses *corpora*, que se constituem a partir dos pressupostos labovianos para o estudo dialetal sociolinguístico, oportunizam análises e capturas do conhecimento linguístico do falante, cujas instanciações, em uma perspectiva sincrônica, viabilizam o estudo a sobre construcionalidade, como proposta por Rosário e Lopes (2019).

²⁶ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (doravante CAAE) com cadastro de número 34221214.9.0000.00552.

²⁷ O grupo Janus é formado por alunos de graduação e pós-graduação e se dedica a articular perspectivas teóricas e fomentar discussões sobre fenômenos linguísticos pelo viés (Sócio) funcionalista. Na prática, os pesquisadores analisam uma construção linguística diacrônica, sincrônica ou pancronicamente. A primeira forma se refere a análise linguística pelo viés histórico, a segunda maneira é a partir da análise em um dado recorte de tempo e, a terceira engloba tanto a sincronia, quanto a diacronia.

A escolha dos *corpora* que compõem a pesquisa científica em linguística é de suma importância, pois a teoria funcionalista da linguagem se ocupa em descrever as línguas naturais em uso efetivo. Isso conduz a busca por um *corpus* composto por dados empíricos, tanto orais, como escritos, que tratem da variação e da mudança linguística abrangendo a sintaxe, a semântica, o discurso e a pragmática. Nessa busca, o pesquisador deve considerar as propriedades formais e funcionais das construções linguísticas, interpretando e descrevendo sistematicamente os dados (CROFT, 2001).

A seguir apresentamos a ferramenta computacional que utilizamos nesta tese, suas características e funcionalidades.

4.2 Ferramenta computacional *Antconc*

Trazemos, nesta subseção, a ferramenta *Antconc*, que é um programa computacional desenvolvido pelo Professor Lawrence Anthony, da Universidade japonesa de Waseda. Enquanto *software* livre, ele é utilizado no âmbito da Linguística de Corpus²⁸ em pesquisas de natureza funcionalista, como é a nossa. Essa ferramenta é considerada como um mecanismo para solver problemas e inadequações metodológicas no que diz respeito a análises quantitativas (Cunha Lacerda; Dall'orto, 2020).

Vale mencionar que o *Antconc* proporciona algumas vantagens, na visão de Cunha Lacerda e Dall'Orto (2020), a saber: o arquivo é pequeno, o *download* é rápido, não ocupa muito espaço em disco, não é necessária a instalação e nem licenciamento. Também é possível analisar os contextos, a frequência e a maneira como determinado dado linguístico funciona em cada uma das ocorrências verificadas.

A utilização do Programa *Antconc* é um aliado para as pesquisas em LFCU, pois é mais uma ferramenta que adequa os estudos da língua em uso ao tratamento quantitativo dos dados, gerando representações em gráficos e percentuais, que Cunha Lacerda e Dall'Orto (2020) explicam da seguinte maneira

[...] podemos, em nossas pesquisas no âmbito da LFCU, verificar quais elementos aparecem mais à direita ou mais à esquerda do padrão construcional investigado. Esse tipo de resultado pode, nesse sentido, refinar o olhar do analista em relação ao próprio padrão construcional, já que a verificação de que algum elemento ocorre com uma alta frequência à direita ou à esquerda

²⁸ A Linguística de Corpus é a área da Linguística utilizada para coleta e análise de bases com dados textuais produzidos por falantes reais, a exemplo de discursos, debates em mídias digitais, textos históricos, e outras formas de produção, como as transcrições de entrevistas para análises posteriores.

pode talvez sinalizar que ele faça parte da própria representação formal do padrão construcional que está sob investigação (Cunha; Lacerda; Dall’Orto, 2020, p. 11.).

Esse refinamento no olhar do pesquisador, no entanto, se dá a partir do momento que ele passa a conhecer a aplicabilidade do programa. Para isso, ele precisará manusear algumas ferramentas dentro do *Antconc* que podem colaborar muito para a análise de dados dentro da perspectiva da LFCU, como temos dito.

A versão do *Antconc* que utilizamos nesta pesquisa foi - Windows 64-bit (3.5.9) (2020) e o seu acesso pode ser realizado no *site*: www.laurenceanthony.net/software/antconc/. No entanto, em nosso último acesso, observamos atualizações na interface do programa. Contudo, a apresentação do *site* permanece a mesma, como vemos na Figura 17, a seguir:

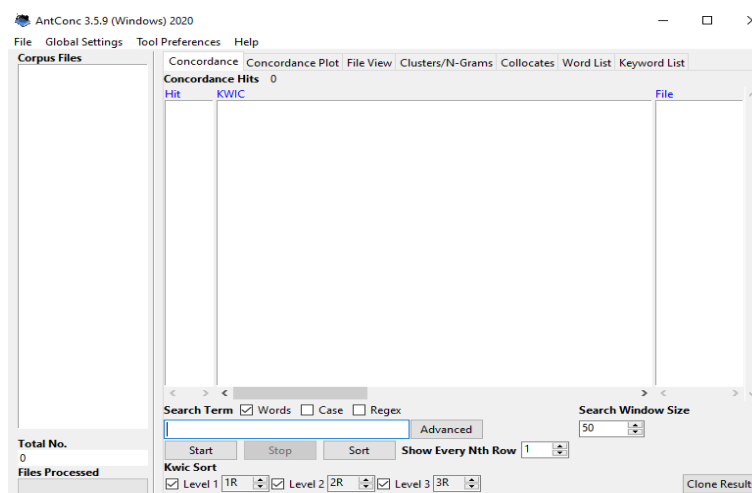
Figura 17 – Apresentação da página inicial do Site de Laurence Anthony

The screenshot shows the homepage of the AntConc website. At the top, there is a navigation menu with the following items: Casa, Retomar, Publicações, Programas, Aulas, Albuns de fotografias, Links, and Contato. Below the menu, the page is titled 'Página inicial do AntConc' and 'Último lançamento'. The main content area features an image of an ant on a book, followed by the title 'AntConc' and a description: 'Um kit de ferramentas de análise de corpus freeware para concordância e análise de texto.' Below this, there are links for '[AntConc Homepage]', '[Screenshots]', and '[Ajuda]', along with a 'Licença' link. A section titled 'Transferências:' lists 'Lançamentos oficiais' (Official releases) for Windows (3.5.8), Windows 64 bits (3.5.9), Macintosh OS X (3.5.9), Linux de 64 bits (3.5.9), and 'versões mais antigas' (older versions). A section titled 'Versões de desenvolvimento' (Development versions) lists 'Win 10 (4.0.0 RC 2.0)', 'MacOS 10 Catalina (4.0.0 RC 2.0)', and 'MacOS 11 Big Sur (Intel + Silicon) (4.0.0 RC 2.0)'. On the right side of the page, there is a small window showing the AntConc software interface, which displays a list of search results for the word 'ant' in a corpus.

Fonte: Site oficial do *Antconc*

Ao acessar ao site, o usuário pode baixar gratuitamente o programa do *Antconc*, que inicialmente apresenta a seguinte tela:

Figura 18 – Tela inicial do Antconc



Fonte: Site oficial do *Antconc*.

O uso do *Antconc* se dá por meio da conversão de arquivos que constituem o *Corpus* ou os *Corpora* a serem analisados para a extensão *.TXT*²⁹, o que implica dizer que o programa não faz a leitura computacional de arquivos em formatos diferentes, como documento do *word*, por exemplo. Feita a transformação do arquivo para o formato *.TXT*, o pesquisador se vê diante de uma série de ferramentas internas do programa *Antconc*, que permite a rodagem dos arquivos selecionados para serem analisados. Essas ferramentas estão apresentadas no Quadro 10, a seguir:

Quadro 10 – As ferramentas do Antconc e suas principais funcionalidades

Ferramenta	Funcionalidade
1. WordList	Organiza as construções por ordem alfabética e por frequência.
2. Concordance	Mostra as construções de acordo com o contexto de uso em um formato 'KWIC' (KeyWord In Context).
3. Concordance plot	Representam graficamente os resultados obtidos na rodada dos dados (plotografia).
4. File view	Permite acesso rápido aos arquivos/Corpora.
5. Clusters/N-Grams	Lista dos resultados da pesquisa, conforme a ordem escolhida – alfabética, de frequência, de probabilidade ou de terminações.
6. Collocates	Possibilita a investigação de padrões não sequenciais da língua.
7. Keywords	Permite por meio de palavras chaves a comparação entre o Corpus de referência e outro tipo de Corpus.

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir de Cunha Lacerda (2016).

²⁹ Após terminarmos esta tese, observamos no site oficial do *Antconc* que já existe uma versão atualizada, na qual os arquivos não precisam ser convertidos para o formato *TXT*., sendo possível utilizar dados de corpora arquivados em *doc*.

Como podemos observar no Quadro 8, o *Antconc* é um programa multifuncional que nos permite evidenciar por meio de diferentes ferramentas o que ocorre com os dados analisados, apresentando resultados que validam o nosso trabalho do ponto de vista empírico. Nele, é possível organizarmos lista de palavras, lista que apresentam concordância, palavras-chaves, bem como gerar gráficos com os resultados das rodadas. Nesse sentido, o *Antconc* nos possibilita o trabalho tanto quantitativo, como qualitativo, atendendo aos preceitos científicos próprios da LFCU. Como exemplo, podemos citar a questão crucial da análise a partir da língua em uso, fatores como a frequência de uso, observação de padrões, contexto de usos, entre outras possibilidades de análise.

O *Antconc* se adequa a nossa pesquisa, também, tendo em vista a sua relação com a Linguística de Corpus, como já dissemos. Levando esse detalhe em consideração, este trabalho busca analisar o padrão construcional $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$ encabeçado pelo verbo *chegar* no português brasileiro, bem como acontece com outros verbos não canonicamente auxiliares, e, para isso, utilizamos os *Corpora* como fonte principal de dados representativos vernacular. Contudo, em adição e para esclarecermos como a construção em estudo funciona no Português, fizemos uso, também, de exemplos diversos retirados de gramáticas, dicionários, enciclopédias, ou, simplesmente frases comumente faladas na língua portuguesa do Brasil, para exemplificação.

Além dos *Corpora* de Vitória da Conquista, bem como dos demais exemplos comuns na língua portuguesa utilizados nesta tese, para estruturar a nossa argumentação e exemplificação, organizamos os resultados encontrados em quadros, tabelas, exemplos e excertos em português e em inglês.

Analisamos todas as ocorrências com o verbo *chegar*, dentro e fora de estruturas perifrásticas nos *corpora* PPVC e PCVC, totalizando 172 (cento e setenta e duas) ocorrências do verbo *chegar* em construções não perifrásticas, ou seja, como verbo pleno, em diferentes graus de gramaticalização e 47 (quarenta e sete) ocorrências em que o mesmo verbo atua em construções do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, auxiliando V2.

Rocha (2017) afirma que à primeira vista a diferença entre ocorrências perifrásticas e não perifrásticas presentes nos *corpora* utilizados pode parecer grande, mas, na verdade, considerando que as construções constituídas de V1 e V2, onde o primeiro é o verbo auxiliar, são novas na língua portuguesa, a discrepância dá, então, lugar para a observação de que as perífrases se expandem na língua e diferentes tipos semânticos de verbos passam a ocupar a posição V1, como é o caso do verbo de movimento *chegar*, *pegar*, *ir*, *danar* entre outros.

Para facilitar a nossa análise, definimos as variáveis linguísticas, a saber: i. Frequência de uso; ii. Pessoa verbal; iii. Tempo verbal; iv. Tipo de verbo em posição V2; v. Material intermitente; vi. Forma verbal. No Quadro 11 a seguir, apresentamos cada uma dessas variáveis linguísticas selecionadas, bem como os usos que faremos delas:

Quadro 11 – Variáveis linguísticas selecionadas

Variáveis linguísticas	Tipos	Observações
Frequência de uso	Frequência <i>token</i> Frequência <i>type</i>	A análise das construções em seus diferentes contextos de usos
Tempo verbal	Tempo morfológico e tempo semântico	A categoria semântica de tempo possui codificação para sua expressão, quer seja para os tempos verbais quanto para construções com o auxiliar + verbo principal, como em: 1. “João cortou as frutas ontem de noite”; 2. “*João corta/cortará as frutas ontem a noite*.”
Tipo de verbo em posição V2	Restrição	Observa-se nos corpora analisados que em estruturas do tipo [V1 _{cheg+(x)} + V2], qualquer tipo semântico de verbo pode ocupar posição de V2.
Material intermitente	Influência no grau de esquematicidade das construções.	Os corpora analisados corroboram para a compreensão de que a depender da existência ou não do material intermitente entre V1 e V2, bem como a sua ausência, pode influenciar no sentido da construção, aproximando-a ou afastando-a da sua característica de movimento.
Forma verbal	Instanciação do verbo <i>chegar</i> dentro das estruturas complexas.	A forma verbal <i>chegar</i> passa a ser compreendida a partir da construção maior na qual está instanciada.
Aspecto verbal	Análise processual	Observação de que a duração do processo representado pelo verbo pode ser momentânea/contínua, eventual/habitual, completa/incompleta), com foco no marco final e/ou inicial.

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Tendo definido as variáveis linguísticas, passaremos, então, a análise dos dados dos corpora selecionados para esta tese. E, depois das rodagens no programa computacional *Antconc*, mostraremos os resultados obtidos, usando, para isso, gráficos, tabelas e quadros.

Contudo, antes de adentrarmos a análise de dados, faz-se necessária a explicação de alguns termos que se repetirão na seção seguinte, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a saber:

- *Token*, é um termo em inglês que significa *dados*. Trata-se das ocorrências encontradas e selecionadas em cada um dos *corpora*;
- *Type*, refere-se ao tipo, ou seja, aos dados em análise. Mais especificamente, para a LFCU, *type* é um nó na rede de construções, que é uma abstração do uso real da língua, organizada, taxiconomicamente, na rede linguística e representando diferentes níveis de esquematicidade. Os nós são chamados de microconstruções;
- Subesquema, que é a convivência abstrata dos nós na rede linguística;
- *Esquema*, o nó com maior nível de abstração.

Para alcaçarmos às generalizações a que nos propomos, empregamos uma metodologia quali-quantitativa de análise, como já mencionamos, em que identificamos e selecionamos os dados dos *corpora* em estudo. Com esse foco é que analisamos a frequência *token* e *type*, nos sustentando nas afirmações de Bybee e Thompson (1997) de que esse é o caminho para lidar com as generalizações.

As rodagens dos dados nos permitem descobrir quais as propriedades que os *tokens* compartilham entre si e, nos dão o quantitativo de acordo com o que queremos identificar e descrever. Dessa forma, tanto conseguimos quantificar os protótipos de verbo pleno, como identificamos os usos não prototípicos a partir do trato empírico da língua em uso real (Bybee, 2010; Cunha et al., 2013; Oliveira; Rosário, 2016)

Na próxima seção, apresentamos os dados e resultados obtidos a partir das rodagens dos tokens e da análise dos *types*.

5 ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Antes de iniciarmos a seção de *Análise de dados e resultados* propriamente, é pertinente esclarecermos que optamos por apresentar, no decorrer de toda a tese, um diálogo entre a teoria e o fenômeno estudado, mesmo que isso antecederesse a seção referente à metodologia e esta seção. Dessa maneira, compreendemos que, de alguma forma, discutimos o objeto à medida em que trouxemos o pressuposto teórico selecionado como importante nos aportes teóricos escolhidos para nos guiar, conforme esclarecemos na Seção 3. Dessa forma, nesta seção, priorizaremos a exposição das ocorrências (Frequência *Token* e Frequência *Type*) face aos valores quantitativos e, assim, apresentaremos as nossas inferências sobre o uso.

Para esta seção, sublinhamos que, como amostra de ocorrências de fala, utilizamos, neste trabalho, os *corpora* PPVC e PCVC, como já mencionamos. A seguir, apresentamos as primeiras rodadas desses *corpora* no programa computacional *Antconc*. Cada uma das rodadas aconteceu com ambos os *corpora* ao mesmo tempo, já que as ferramentas do *Antconc* apresentam resultados individualizados, mesmo que as rodadas tenham sido feitas de uma única vez.

É válido relembramos alguns termos utilizados na interface do *Antconc*, dos quais fazemos usos na análise de dados, que são:

- *Ranque (rank)*- Posição que o verbo *chegar* ocupa quanto a sua frequência, se comparado a todos os outros tipos de palavras existentes nos *corpora* PPVC e PCVC;
- *Frequência*- não se confunde com o *ranque* e se resume em quantas vezes cada construção aparece nos *corpora* em análise.

A seguir, expomos a primeira rodada dos *corpora* na ferramenta computacional *Antconc*. Nessa rodada, objetivamos observar a frequência *token* e a frequência *type* do verbo *chegar* dentro e fora das perífrases verbais, a fim de verificarmos a produtividade dessa construção. E, seguindo a gênese defendida pela LFCU de que a língua é fruto do uso que se faz dela, a análise da frequência dos dados aponta para o uso real das estruturas linguísticas e as estratégias de comunicação que vão se fixando na língua. A partir desse princípio, o pesquisador poderá descobrir quais as regras que colaboram para o uso de determinadas construções em detrimento (ou não) de outras disponíveis na língua e, assim, é possível visualizar o padrão que favorece o uso de um determinado *type*.

5.1 Primeira rodada no anticonc- wordlist

Na primeira rodada dos *corpora* PPVC e PCVC no programa *Antconc*, foram encontrados 6072 (seis mil e setenta e dois) tipos de palavras (*Word types*) em um total de 88811 (oitenta e oito mil e oitocentos e onze) ocorrências (*Word tokens*), somando-se os dois *corpora*.

5.1.1 Frequência, pessoa e tempo das formas verbais

Aliando-nos ao longo desta pesquisa aos pressupostos de Traugott e Trousdale (2013), bem como os de Goldberg (2006; 2019) e Croft (2001), observamos, a partir da primeira rodada no *Antconc* dos *corpora* selecionados, quais as formas do verbo *chegar* são mais frequentes, para, posteriormente, analisarmos em quais contextos de usos essas formas mais aparecem. E, por se tratar da LFCU, consideramos nesse momento da análise que são vários os fatores que motivam o uso de uma determinada forma linguística, entre os quais, destacamos os fatores cognitivos implicados na interação comunicativa. Ou seja, tomando como escopo teórico a LFCU, é, no uso, que a língua emerge, portanto, considerar a frequência de uso é possibilitar a análise da regularização de uma dada forma.

A nossa busca pela frequência de uso do verbo *chegar* dentro dos *corpora* selecionados se deu porque é dessa maneira, no uso, que as formas linguísticas garantem o seu lugar na rede, permitindo que uma dada construção se estabeleça no repertório dos falantes de uma língua. E, após estabelecidas, as formas linguísticas se tornam unidades que são processadas na mente do falante como componentes facilitadores do ato comunicativo.

Considerando a possibilidade de descrever e interpretar os dados, esta pesquisa se ocupa da análise qualitativa. Por outro lado, a partir do quantitativo das amostras selecionadas, passamos à mensuração percentual das ocorrências do verbo *chegar* em posição V1. Nessa rodada, o verbo *chegar* aparece conforme ranqueado na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Resultado da rodada na ferramenta wordlist - frequência das forma

RANQUE	FREQUÊNCIA	FORMA	PPVC	PCVC
242	46	chega	28	18
425	26	chegô	15	8
489	19	chegava	15	4
490	16	chego	17	2
536	17	cheguei	12	5
567	16	chegou	13	3
664	13	chegá	6	7
808	10	chegar	6	4
1042	7	chegano	5	2
1905	3	chegaram	3	-
1071	1	chegam	-	1
1906	3	chegasse	1	2
2470	2	chegada	2	-
2471	2	chegado	2	-
2472	1	chegamo	1	-
2473	2	chegand(o)/chegando	2	-
Total	184	16	128	56

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir dos resultados da rodada computacional do programa *Antconc*.

Em busca de informações da frequência de *chegar* no PPVC e no PCVC, o *Antconc* em sua rodada intitulada *Wordlist* apresenta um ranque das palavras originado da contagem das construções que mais surgem nos *corpora*. No caso do PPVC e do PCVC, observamos que entre as 6072 (seis mil e setenta e duas) construções que os constituem, o verbo *chegar* aparece positivamente ranqueado, pois se encontra em colocação intermediária se comparada com as primeiras e as últimas construções do ranque. Isso implica dizer que o verbo *chegar* aparece várias vezes nos *corpora*, o que é muito significativo em termos de avaliação de produtividade.

Observando a *Tabela 2* vemos que, somados os valores da coluna frequência, o verbo *chegar* aparece 184³⁰ (cento e oitenta e quatro) vezes, das quais a forma *chega a* é a mais frequente (46 vezes), o que equivale a 25% das ocorrências. Se observado os contextos em que essa forma aparece, podemos notar que, quanto à função, esse verbo pode estar indicando tanto movimento/trajetória, como pode estar aspectualizando o evento/ação.

Vale ressaltar que, se partirmos da tradição gramatical, os tempos verbais devem ser estudados a partir da noção de passado, presente e futuro, mas estudos linguísticos contemporâneos ultrapassam essa noção temporal, passando a analisar as construções linguísticas a partir da semântica e do discurso. Além disso, os excertos nos mostram que, por se tratar da transcrição de entrevistas nos moldes labovianos, muitas vezes o verbo aparece

³⁰ Optamos por não juntarmos os valores referentes às variações fonológicas dado que implicaria no resultado do *Ranque*.

transcrito com supressão do r final da forma infinitiva, por isso se faz necessário analisar cada excerto apresentado na ferramenta *file view* do *Antconc*. Nesse empenho, onde se lê “chega” pode-se, na verdade, ser a forma infinitiva “*chegar*”, tornando primordial a observação cuidadosa do contexto discursivo de tais ocorrências.

Vejamos a seguir excertos de falas dos *corpora* por nós analisados, nos quais aparece a forma *chega* (*r*):

25. Aí eu falei assim: “não moça vamo {risos}, vamo armá um encontro não {risos} mas isso foi verdade vamo armá um encontro, fala que eu vou e você vai, ***aí chega lá*** cê fala que cê gosta dele que cê tá a fim dele, eu num quero nada não {risos} aí ela foi lá né, ele achou que era eu que ia né, e aí se empolgô todo e foi pra esse encontro, ***chegou lá tava*** ela... [S. J. S./M/PPVC].

26. ...tão eu tenho essa visão muito infeliz, não sei se é porque, é realmente preconceito isso, mas assim, eu preciso estar segura, as pessoas pra fazer parte da minha vida ou elas estão no papel de alguém que precisa do meu cuidado da minha proteção ou elas ‘tão no papel de alguém que vai me protegê ou oferece segurança, ‘tão o professor tem que tá no papel de quem é meu porto seguro, e a psicóloga tinha que ser isso também, eu tinha que ***chega e podê conversá*** com ela e ela compreendê... não somente compreendê o que eu tava vivendo como dizê pra mim algo que fosse me tirá daquele estado de ININT eu num sentia isso nela. [L.S.S/M/PCVC]

São possíveis algumas constatações a respeito da forma *chega* nos excertos 25 e 26, a saber: i. a forma *chega*, na verdade, está sendo usada no lugar da forma infinitiva. Ou seja, onde se lê “chega lá” seria “ao *chegar* lá + movimento com marcação de *ponto de chegada*, apenas”. Assim, também, onde se lê “*chega e podê conversar*”, gramaticalmente seria “*chegar e poder conversar*”.

No entanto, não podemos nos abster do fato de que nossos *corpora* são resultados das transcrições da língua portuguesa em situação real de comunicação e, por isso, essas ocorrências fogem ao rebuscamento gramatical, considerando que ninguém fala exatamente como escreve, já que, na fala espontânea, há de se considerar o menor monitoramento linguístico.

Outro ponto observável é que se tentarmos buscar o significado de *chegar* estaríamos sujeitos a entender que alguém se moveu para poder conversar. No entanto, a partir do acesso ao contexto de uso, fica claro que *chegar* está mais para um aspectualizador do evento expresso por “poder conversar”.

A seguir, trazemos o Quadro 12, no qual constam todas as ocorrências com a forma *chega* nos *corpora* analisados:

Quadro 12 – A forma *chega* nos corpora PCVC e PPVC

<i>Forma</i>	<i>Significado</i>
Chega lá/aqui/nesse/à/ao	Movimento espacial/trajetória, ponto final de um percurso com reforço do elemento dêitico.
Chega tarde	Indicação de gradação de movimento com limite de tempo indefinido.
Chega uma pessoa	Indicação da entrada de alguém em cena, movimento de entrada que pode ser físico/espacial ou espacial/abstrato.
O tempo certo chega/Chega fim de ano/ Chega a noite	Indicação de movimento final de trajetória/tempo.
Chega em/ni/no	Indicação de lugar final de trajetória.
Chega (x) falam	V1 aspectualizador do evento expresso por V2
Chega falando	V1 aspectualizador o evento expresso por V2
Chega fala (r)	V1 aspectualizador o evento expresso por V2
Chega tão alto	Noção escalar.
Chega até	Noção limítrofe

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

No Quadro 10, encontramos a polissemia do verbo *chegar*, na terceira pessoa do Presente do Indicativo³¹ e, nela, quase todos os exemplos de *chega* estão funcionando como verbo pleno, com características de trajetória, deslocamento e/ou movimento, ainda que ora [+abstrato], ora [+concreto]. Contudo em: j. *chega fala*; k. *chega falando* e l. *chega falar*, acontece algo diferente. Pois, nesses casos, o verbo *chegar* não exerce função de marcar o movimento físico de um ente, mas servem como aspectualizador para o evento denotado por V2. Vejamos os contextos de uso dos quais esses 3 exemplos foram retirados:

27. Acho que ajuda sim. Cabe a vítima, a... a pessoa botar em mente, em prática. Que tem gente que **chega fala, fala**, na hora que virou as costas, levou nada. Acho que depende da pessoa também, não só da pessoa que tá falano, mas da que tá ouvindo. [R. T/H/PPVC].

28. Tudo que meu filho **chega faland'** da escola é tudo bom. [E. P. S/H/PPVC].

29 Essas próximas férias que eu tô esperando também vô viajar, e vô mexer na minha casa, vô ter algumas coisas, algumas reformas pra fazer eu vou aproveitar que eu vou estar em casa...

³¹ Estamos considerando para essa explanação o contexto maior do PPVC e do PCVC, de onde foram captados os exemplos. Não colocamos todos os contextos por economia de espaço.

pra dar assistência à pessoa que tiver trabalhado e vou arrumar o que tá precisando, porque eu tenho que aproveitar, né? Nas férias. E também... é ficar um pouco com meus filhos, né? Tá com eles, porque... o... o trabalho de cada um é diferente, e às vezes a gente se vê poucas vezes, né? Então, de férias já é um motivo pra você tá ali, aguardando *chegar*, quando eles chegam já sabe que tá ali, então pra mim, o... o bom é o dia que **chega falar** assim: “tá de férias”. [A. C. M. G/M/PCVC]

Segundo Bybee (2010), o que ocorre com as construções destacadas em 27, 28 e 29 é um processo de juntamento de formas simples que compõem unidades mais complexas, como um único bloco (*chunking*), conforme discutimos na Subseção *O Chunking*. A autora afirma que esse é um processo mnemônico, originado a partir da experiência do falante de acordo com o contexto de uso. Rocha (2017) já havia observado as construções elocutórias, nas quais *chegar* ocupa posição V1, o segundo verbo, por sua vez, é propenso a formar *chunking* em estruturas nas quais V1 é o verbo *chegar*, como ocorre nos exemplos 27, 28 e 29.

Feita essa observação, somando as duas formas, *chegou* e *chegô*, temos, então, 69 (sessenta e nove) ocorrências no passado simples, das quais destacamos as seguintes construções:

30. **Chegou** me dar agonia. [PPVC].

31. Quando foi um dia ela **chegou** e falou assim: “tia” eu falei “oi” [...] [PCVC].

32. Ela **chegou** um dia pra mim e falou que gostava [...] [PPVC].

33. **Chegou** pra ele e perguntou assim [...] [PPVC]

No exemplo 30, V1 é o verbo *chegar* indicando uma gradação limítrofe ao ponto de dar agonia a alguém. O usuário da língua poderia, nesse caso, dizer “Me agonizou”, “Até me agonizou”, “Me deu agonia” etc., contudo, ao fazer uso do verbo *chegar* em posição V1, assim como ocorre com outros verbos não canônicos em posição V1, o falante opta entre as possibilidades expressivas da língua para conseguir ser entendido da melhor maneira possível, denotando o quanto algo lhe deu agonia. Em *chegar*, portanto, há uma carga semântica que a construção maior na qual ele está encaixado não dá conta de fazer sozinha. Além disso, tradicionalmente, a regência de *chegar* nessa construção seria *chegou a me dar agonia*, deixando ainda mais clara a ideia de *chegar* ao limite de...ao ponto de.

Seguindo a classificação que Cunha e Cintra (1985) dão para as perífrases, defendemos que exemplos como 30, 31 e 32 indicam, fase inicial ou inceptiva do evento elucidado por V2. Enquanto, nos 3 primeiros, há a marcação da noção temporal, no exemplo 33, há a marcação de noção espacial. O que esses quatro exemplos (30-33) denotam é o marco introdutório *de quem se fala*, próprio da narração em terceira pessoa. Ou seja, *chegar*, nesses exemplos, não

indica nenhum movimento físico, deslocamento ou trajetória, mas funciona como um recurso discursivo, portanto, mais gramatical.

Levando em conta o fato de V1 funcionar como recurso discursivo, em estruturas perifrásticas, com função mais gramatical, vale mencionar como referência os trabalhos de Adam (1999), que afirma que a estrutura narrativa é aprendida desde a infância por meio dos contos e histórias infantis. Para compreensão desses enredos, o falante, desde muito cedo, aciona estruturas da cognição que possibilitam tanto a compreensão da narrativa, quando capacita às crianças a narrarem fatos do seu cotidiano. Na medida em que a criança se desenvolve, ela também passa a ser capaz de memorizar as narrativas e elaborar outras respeitando a superestrutura textual, como o faz um adulto.

A capacidade de compreender a narrativa está diretamente relacionada à categorização, enquanto processo cognitivo que possibilita a organização mental a respeito do mundo físico. Isso implica dizer que, em “*chegou me dar agonia*”, o interlocutor é capaz de compreender que esse verbo não indica movimento, deslocamento físico³², ou trajetória, mas que ele intensifica o sentido da ação ou evento denotado por V2. Ao fazer isso, o interlocutor se vale das associações transmodais que evocam vários processos cognitivos ao mesmo tempo na constituição do sentido, inclusive as que evocam figura e fundo.

É por meio dessas associações que surge o elo simbólico entre forma e significado, como propõe Croft (2001). Portanto em “*Chegou me dar agonia*” o verbo foge a sua prototipia de verbo pleno, funcionando como um auxiliar que chamamos de aspectualizador limítrofe da construção como um todo. Quanto à composicionalidade da construção, excertos como o exemplo 30 são menos composicionais do que os exemplos 31, 32 e 33. Isso acontece porque, enquanto nesses três não há uma total convergência (*mismatch*), sendo possível a polissemia do verbo *chegar*, em “*Chegar me dar agonia*”, forma e significado convergem de forma transparente (*match*). Segundo Traugott e Trousdale (2013), isso ocorre porque o interlocutor pode identificar as partes e o todo ao mesmo tempo.

Entendemos que as marcas de tempo e de lugar presentes nos exemplos 31-33, colaboram para a maior composicionalidade da construção, pois, quando o usuário diz “um dia ela chegou e falou”, tem-se uma ideia gradual de passagem de tempo que se confunde com a ideia de movimento. Fato semelhante ocorre com “chegou pra ele”, dando a ideia de movimento no qual um ente chegou até “ele”. É justamente por causa dessas nuances que esses exemplos acabam por serem mais composicionais do que o exemplo 30.

³² É possível recuperarmos no exemplo 30 um traço de movimento abstrato.

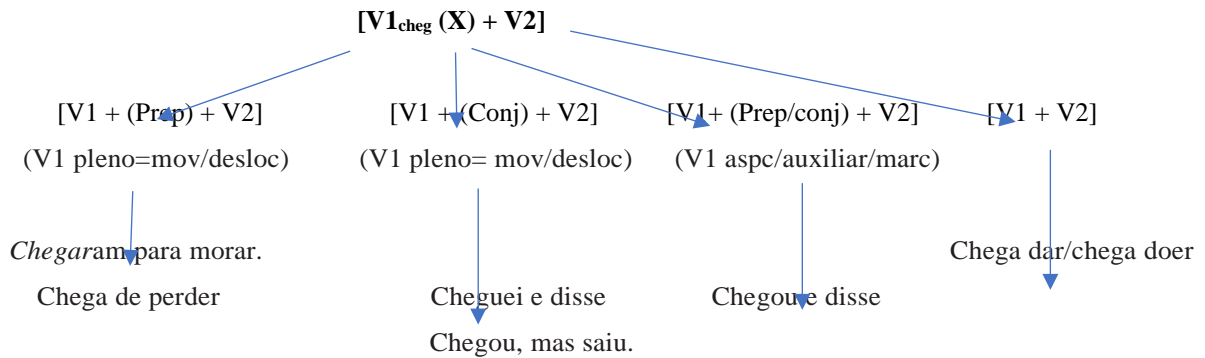
Traugott e Trousdale (2013) afirmam que os esquemas na rede linguística são formados por construções. Nesse sentido, quanto a esquematicidade, construções com o verbo *chegar* em posição V1 podem ser mais ou menos esquemáticas de acordo com o grau de vinculação que se estabelece entre os componentes, como nos mostra a Escala 2, a seguir:

- Escala 2: Graus de esquematicidade**
- | | | | |
|----|---------------|---|---------------|
| 1. | Esquemática | } | (+ abstrata) |
| 2. | Intermediária | } | (semiaberta) |
| 3. | Fechada | } | (Substantiva) |

Fonte: Elaboração própria, com base em Traugott e Trousdale (2013).

A partir da escala e nos valendo da proposição de que a esquematicidade é uma propriedade da categorização que se dá por meio da convencionalização das construções, consideramos que construções do tipo $[V1_{\text{cheg}} + (x) + V2]$ são mais esquemáticas, pois, nesse caso, temos vários *slots* que podem ser preenchidos. Na medida em que preenchemos V1 com o verbo *chegar*, objeto desse estudo, logo, tem-se uma construção semiaberta, cujos *slots* comportam diferentes tipos de preposições e V2, por sua vez, pode ser preenchido por qualquer verbo. A seguir, propomos uma representação esquemática para perífrases, com o verbo *chegar* ocupando posição V1.

Figura 19 – Representação esquemática de rede construcional perifrástica



Fonte: Elaboração da pesquisadora, com base em Traugott e Trousdale (2013).

A partir da representação esquemática da Figura 19, é possível verificarmos que, na parte mais alta da rede, se encontra a construção mais abstrata, portanto mais esquemática. E, na medida que observamos a rede de cima para baixo, encontramos construções menos abstratas e, portanto, menos esquemáticas. Isso indica que na construção $[V1_{\text{cheg}} + (x) + V2]$, diferentes elementos podem preencher os slots de *x* e *V2*, indicando o alto grau de esquematicidade da construção. Já, ao observarmos os subníveis da rede, fica notório que, com a restrição dos elementos intermitentes entre V1 e V2, há um menor grau de esquematicidade. Além disso, os dados dos *corpora* aos quais analisamos, também,

colaboram para a afirmação de que a recorrência de preposições entre os verbos da estrutura perifrástica é maior do que a recorrência das conjunções, nos permitindo afirmar que o *subsquema 1* é mais esquemático do que o *subsquema 2*.

Como uma maneira de comprovarmos que as preposições são mais recorrentes do que as conjunções em estruturas perifrásticas nas quais V1 é o verbo *chegar*, bem como a influência do material intermitente no grau de esquematicidade das construções em estudo, fizemos uso do programa computacional *Antconc*, no qual efetivamos uma rodada específica de preposições e conjunções, como apresentamos a seguir.

5.1.2 Rodada na ferramenta clusters/N-grams -preposições

A ferramenta *Clusters/N-Grams* indica quais elementos aparecem com mais frequência à esquerda ou à direita da construção pesquisada. Essa ferramenta possibilita observar os *chunkings* que aparecem nos dados rodados, como podemos ver na Figura 20, a seguir:

Figura 20 – Imagem- exemplo de rodada na ferramenta *Clusters/N-Grams*

Rank	Freq	Range	Cluster
1	6	2	chega l
2	3	1	chega aqui
3	3	1	chega no
4	2	1	chega gente
5	2	2	chega j
6	2	1	chega nos
7	2	1	chega qu
8	2	1	chega t
9	2	1	chega, \xe
10	1	1	chega \xe
11	1	1	chega ao
12	1	1	chega at
13	1	1	chega de
14	1	1	chega do
15	1	1	chega e
16	1	1	chega eles
17	1	1	chega em
18	1	1	chega essa
19	1	1	chega fala
20	1	1	chega faland
21	1	1	chega falar
22	1	1	chega final

Fonte: Elaboração da pesquisadora, a partir do Antconc.

As preposições são altamente produtivas na Língua Portuguesa e, quando se trata das construções complexas, ou seja, aquelas compostas de verbo auxiliar e verbo principal, muitas vezes, a preposição pode aparecer ou ser omitida, quer seja na oralidade, ou na escrita. Tal presença ou ausência da preposição pode, ainda, está associada a uma variação diatópica, não

implicando, necessariamente, alteração semântica, como em *Chegou falar* e *Chegou a falar*. Convém, contudo, registrarmos que omissão, ou não, da preposição pode, algumas vezes, implicar alteração no sentido da frase, como vemos nos excertos a seguir:

34. Chegou para falar.

35. Chegou falar.

No português do Brasil, quando se diz *chegou para falar* há presença do valor idiossincrático, pois, nesse caso, identificamos a codificação aspectual e modal que denota a multifuncionalidade da construção. *Chegar para falar* carrega além da noção temporal, a ideia de *chegar* com um objetivo, a fim de realizar uma ação específica. Já quando dizemos *chegou falar*, destaca-se a função aspectual de V1 em relação a V2, sem apontamento temporal cronológico. Essas observações nos mostram que a presença da preposição pode acrescentar valor funcional para a vinculação semântico-sintática entre V1 e V2.

Na Tabela 3, evidenciamos as ocorrências das preposições encontradas nos *corpora* PPVC e PCVC e organizadas de acordo com a forma, a função e a frequência:

Tabela 3 – Ocorrências das preposições nos *corpora* em análise

Forma	Função	Frequência
Ceguei até	Movimento/deslocamento	2*
Ceguei num	Movimento/deslocamento	2*
Ceguei no	Movimento/deslocamento	2*
Ceguei pra	Movimento/deslocamento	3*
Chegou a	Ao ponto de	1
Chegou no	Movimento/deslocamento	2*
Chegou com	Modo	1*
Chegou pra (ele)	Orientador narrativo para terceira pessoa	3
Chegaram a	Aspectualizador de V2	1
Chegaram ao	Movimento/deslocamento	1*
Chego de	Movimento/deslocamento	2*
Chego no	Movimento/deslocamento	2*
Chega às	Movimento/deslocamento	2*
Chega ao	Movimento/deslocamento	1*
Chega até	Movimento/deslocamento	1*
Chega de	Movimento/deslocamento	2*
Chega do	Movimento/deslocamento	1*
Chega no/nos	Movimento/deslocamento	4*
Chegasse na	Movimento/deslocamento	2 (1*)

*não perifrástica

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Contabilizando as preposições encontradas nos *corpora*, somam-se 35 (trinta e cinco) *ocorrências* do verbo *chegar* seguido de preposições. No entanto, entre essas *ocorrências* (as que apresentam preposições), 29 (vinte e nove) são de construções não perifrásticas e apenas 6 (seis) são construções perifrásticas, ou seja, compostos de V1 e V2. O que nos mostra um

indício de que a omissão das preposições em estruturas complexas com mais de um verbo são bastante recorrentes na língua.

Além disso, a Tabela 3 nos permite compreender que a característica de movimento/deslocamento é a mais recorrente, principalmente nos compostos não perifrásticos. Isso pode indicar que, quando o verbo *chegar* em posição V1 funciona como auxiliar para V2, há um pareamento forma e função no qual o verbo *chegar* passa a produzir outros sentidos para a construção maior. Nesses casos, em estruturas do tipo [V1_{cheg} + X_{prep}+V2], V1 pode indicar, entre outras funções, “ao ponto de”, “orientador narrativo para 3ª pessoa”, “aspectualizador oracional” etc.

Na oralidade, conforme mencionamos, as preposições costumam ser omitidas no Português (informal) falado em algumas regiões do Brasil, como podemos ver nos exemplos, a seguir:

36. Eu eu ri que num aguntei oh dia, eu **cheguei chorá** de rí, foi muito engraçado {risos} é uma figura demais viu? [S. J. S/M/PPVC]

As ocorrências com *chegar* (chega) somam 23 (vinte e três) tokens, das quais 9 (nove) são do verbo pleno, indicando movimento/trajetória/deslocamento de um ponto físico x a um ponto físico y, e 14 (catorze) são de *chegar* auxiliar de V2, indicando aspecto inceptivo e terminativo.

A esse respeito, na tradição gramatical, o verbo *chegar* é enquadrado, por Bechara (2004), como um verbo que, acompanhado da preposição “a”, expressa resultado, como em “*chegar a dizer*”. No entanto, Rocha (2017) observa que expressões como *chegar doer* e *chegar delirar* são encontradas na Língua Portuguesa falada no Brasil, o que nos sugere que, no processo de gramaticalização por que passa o verbo *chegar* a relação entre V1 e V2, não depende da presença da preposição, sendo a sua influência de pouca relevância se focarmos na análise aspectual da oração. Além disso, observando os registros de *chegar* pleno nos *corpora* em análise, as preposições *a* e *para* abrem caminho para o complemento, que, por sua vez, precisa estar de acordo com a ideia de um verbo de movimento com um fim e uma trajetória.

Wiedemer (2014) faz um levantamento das preposições que acompanham os verbos de movimento, como *caminhar*, *ir*, *mudar*, *levar*, *chegar*, entre outros, e ressalta que, a partir da escolha da preposição no composto sintático, algumas categorias cognitivas são ativadas, ideia que coaduna com a teoria defendida nesta pesquisa. Assim, Wiedemer (2014) organiza a mobilização das preposições, como vemos no Esquema 3:

Esquema 3: Construções com Preposições

Prep: a/para	Prep: por	Prep: em	Prep: de
↓	↓	↓	↓
Direção a x	passar por x	estar em x	vem de x

Fonte: Elaboração própria, com base em Wiedemer (2014).

Como é possível verificar no *esquema 3*, Wiedemer (2014) apresenta construções prototípicas cujos *slots* são preenchidos a partir da carga semântica das preposições. Segundo o autor, as preposições possuem um sentido prototípico do tipo: a. *Quem passa, passa por x*; b. *Quem vai, vai a/para x*; c. *Quem está, está em x*; d. *Quem vem, vem de x*. Mas, além dos usos prototípicos, o linguista aponta para usos com funções pragmáticas, derivados dos sentidos prototípicos.

Para Wiedemer (2014), esses usos não prototípicos são chamados de *inespecíficos*, por admitirem usos que são diferentes das suas prototípicas. Nesse sentido, os usos completos passam a ser mais abstratos e pragmáticos. Esse raciocínio nos ajuda a compreender, por exemplo, que, prototipicamente, o complemento da construção [V1 +(x)_{prep.}+ Complemento] seria um locativo com carga semântica de ponto final ou tempo/espaço (lá, aqui, hoje, ontem etc), no entanto, a língua portuguesa permite outros complementos mais abstratizados e pragmaticamente convencionalizados e, nesse processo, analogicamente, preenchamos o complemento com V2, que passa a ser o centro da construção e V1 passa a ser seu auxiliar, como em “*Chegou a chorar*”.

Travaglia (2010) afirma que verbos como *começar, passar, acabar*, entre outros, exercem valores aspectuais como resultado do processo de gramaticalização das construções. Nesse movimento, no qual os verbos exercem valores gramaticais ou mais gramaticais, os verbos podem exercer 3 tipos de funções: 1. Marcadores de categoria e verbos auxiliares (tempo, aspecto, voz, modalidade); 2. Verbos indicadores (verbos muito abstratos); 3. Verbos funcionais (textuais e discursivos). Rocha (2017) afirma, também, que ao consultar dicionários etimológicos, encontramos o significado original de *chegar* adquirindo sentidos mais abstratos com mudanças sintáticas e adesão e novas preposições, como *de, para* e *em*, influenciando no processo de mudança e variação do verbo em posição V1.

Antes da adesão das preposições *de, para* e *em*, de acordo com Luft (1998) e não diferentemente de outros gramáticos, o verbo *chegar* era regido, principalmente por *a, ao* e *de*, ou sem material intermitente, como vemos nos enxertos a seguir:

- Ele *chegou* cedo à reunião.
- Maria não *chega* à mãe em beleza.

- *Chegar* a conta ao cliente.
- *Chega* de besteira.
- Ele *chegou* só.

Esses resultados, apresentados em diálogo com as abordagens da tradição gramatical e da linguística, nos autoriza afirmar que o verbo *chegar* é polivalente na construção dos sentidos, pois, como vemos nos excertos, quando acompanhado da preposição *a*, indica aproximação de um ponto que se pretende ou objetiva alcançar. Quando acompanhado da preposição *de*, contudo, *chegar* pode tanto indicar a saída de um ponto específico, como, pode indicar um limite, como em “*chega de besteira*”, além de outras acepções apresentadas no decorrer desta tese.

5.1.3 Outras rodadas-ferramenta clusters/n-grams

A rodada na ferramenta *Clusters/N-Grams* nos permite que selecionemos o número de posições, à direita ou à esquerda, que queremos observar em relação ao verbo em estudo. Assim, o pesquisador pode rodar os dados que aparecerão divididos em *ranque*, frequência, *range* e *cluster*. O *cluster* é o bloco que revela as microconstruções existentes nos *corpora*.

Após a primeira rodada na ferramena *clusters/N-Grams*, nos interessa os dados gerados em duas casas à direita do verbo *chegar*, para, assim, sabermos quais os elementos intermitentes entre V1 e V2, qual a frequência desse material e, a partir disso, observarmos o nível de vinculação entre os componentes da construção. Nessas rodadas, encontramos os *tokens*, conforme organizados na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4 – Material intermitente a direita do verbo *chegar*

Rodada 1 (chega)	Rodada 2 (chegou)	Rodada 3 (chegar)	Rodada 4 (Cheguei)
Chega lá/ chega aqui/chega no/ chega a/chega já/chega nos/ chega que/ chega tão/ chega ao/ chegar até/ chega de/ chega do/chega aí/ chega eles/chega em/ chega e/ chega fala/ chega falando/ Chega falar chega final/ chega na/	Chegou e falou/ Chegou lá/ chegou no/ tanto chegou aquele tanto de/ chegou a/ chegou aí/ chegou aí na/ chegou com o/ chegou com a/ chegou com a barba/ chegou e falou assim/ chegou já na hora/ chegou lá na/Chegou lá tava/ ela chegou mexe com/	<i>chegar</i> lá/ <i>chegar</i> assim final de ano/ chegar e conhecer chegar e conhecer toda/ <i>chegar</i> gente bebo lá/ <i>chegar</i> lá agora eu/ chegar num canto entrar/ <i>chegar</i> né/ <i>chegar</i> até um mindinho/quando eles <i>chegar</i> .	Cheguei lá /cheguei aqui/cheguei.... às/cheguei...às vez/quando cheguei a/ cheguei a pensar/cheguei assim, tirei meu/cheguei cansada/ cheguei chorá/ cheguei chorá de rí/ cheguei e falei/cheguei lá e falei/ cheguei lá em

chega-me/ chega tal/chega tarde/ chega uma/ chegou vou/ chegar a/ chega então/ chegar ni.	chegou me dar agonia/ chegou no meio/chegou no quarto/chegou o baiano/ aí chegou pra/ chegou pra ele/		cheguei lá eu conversei/ cheguei no/ cheguei pequenininha no segurança/cheguei pra'qui/cheguei, peguei.
--	---	--	--

Fonte: Elaboração da pesquisadora a partir dos resultados da rodada dos dados no programa computacional *Antconc*.

Como podemos conferir na Tabela 4, cada rodada dos dados na ferramenta *Clusters/n-grams* gerou grupos diferentes de construções com o verbo *chegar*, como organizamos a seguir:

- Na primeira rodada, destaca-se o verbo no Presente do Indicativo seguido da categoria dêitica com pouca presença de material intermitente;
- Na segunda rodada, observamos o item no Pretérito do Indicativo, em construções perifrásticas com menos indicação de movimento espacial de um *ponto físico* [+ *concreto x*] a um *ponto físico* [+ *concreto y*], cujo material intermitente varia entre conjunção e preposição. Além disso, o verbo *chegar* aparece seguido de estruturas dêiticas sem a interferência conjuntiva ou preposicional;
- Na terceira rodada, por sua vez, é notória a variedades de usos com *chegar* no infinitivo, acompanhado de dêiticos, advérbio de modo, V2 no infinitivo, objeto direto, conjunção e preposição. Isso ratifica a polissemia do verbo *chegar* quando seguido de V2 no infinitivo;
- A última e quarta rodada na ferramenta proporcionou observarmos que, quando o verbo *chegar* está conjugado na primeira pessoa no Pretérito, construções do tipo dêiticas se repetem, bem como as construções modais e temporais.

Destacamos, também, a presença de estruturas do tipo *cheguei falei*, sobre a qual trataremos a seguir, com o intuito de comprovarmos o processo de analogia presente na variação linguística da construção em estudo.

5.1.4 “Chegou falou”: construções do tipo “Foi fez”

Rodrigues (2006), em estudo sobre estruturas que a autora nomeia como Construções do tipo Foi e Fez (CFFs), afirma que essas construções se formam a partir de uma sequência mínima do tipo V1 e V2, nas quais operam, na maioria das vezes, em posição V1 verbos como *ir*, *chegar* e *pegar* na língua portuguesa, cabendo na segunda posição qualquer verbo ou, como ela se refere, verbos livres. O estudo em questão é um recorte da pesquisa de doutoramento de

Rodrigues (2005), nele a autora trabalha com 393 (trezentos e noventa e três) dados extraídos de amostras reais de fala coletada em banco de dados do Projeto PEUL, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Em sua pesquisa, Rodrigues (2006) apresenta dois tipos de construção no modelo “foi fez”. No primeiro tipo, estruturas podem ser ou não conectadas pela conjunção e, no segundo tipo, V1/V2 estão conectados por uma conjunção (e). Independentemente de qual seja o grupo no qual se encaixem, as construções V1 e V2 carregam, segundo ela, algumas características em comum, a saber: i. Partilham flexões de tempo e de pessoa, bem como seus sujeitos são correferenciais; ii. Atuam no nível discursivo-pragmático, sendo V1 responsável enfático sobre o que é descrito por V2; iii. Constituem uma construção *gramatical, pois possuem regularidades internas no que diz respeito a sintaxe e as funções discursivas.

No que tange ao verbo *chegar*, em seu estudo sobre as CFFs, Rodrigues (2006), apresenta a seguinte Tabela, comparando-o com outros verbos.

Tabela 5 – Contrajunção das CFFs

V1	Ir		Chegar		Pegar	
	N	%	N	%	N	%
Contrajunção	5/227	2	12/82	25	1/85	2

Fonte: Elaboração nossa, adaptado de Rodrigues (2006, p. 40)

A Tabela 5 nos mostra que, entre os verbos analisados, *chegar* apresenta um resultado mais relevante no que diz respeito ao fator contrajunção³³. E, de acordo com Rodrigues (2006), o valor de contrajunção nas CFFs com o verbo *chegar* em posição V1 está mais vinculado a contextos argumentativos e descritivos e não narrativos, enquanto, na língua inglesa, ocorre o oposto. Em nossos *corpora*, demonstrando um comportamento diferente, os exemplos encontrados no Português, no entanto, foram narrativos.

Entre os exemplos utilizados por Rodrigues (2006), escolhemos dois, objetivando esclarecer como as CFFs ocorrem na língua portuguesa e na língua inglesa. Observemos os exemplos

37. Ah, eu acho que deveria ter mais ajuda, não É? [mais]- mais empregos, não É? porque, poxa! [a gente]- a gente anda atrás de emprego, não consegue, sabe? tem muito desemprego. Eu acho que essas pessoas que tinham vontade de subir, não É? eu acho que deveria ter mais emprego, [mais]- mais oportunidade, sabe? geralmente,

³³ É o mas que surge depois de um enunciado negativo com a função de retificar ou refutar algo que foi dito antes/operador argumentativo.

muitas pessoas têm aquela vontade de trabalhar, [vai]- vai no emprego, faz seleção, (entrevistador tossindo) aqueles que não precisam, sabe? passam, conseguem emprego, os que precisam, poxa! não consegue, poxa! eu acho que, sabe? deveria ter, sabe? [um]- um-sei lá, um melhor apoio de alguém, o governo. Sei lá, assim, sabe? para ter mais emprego. É duro (inint) a gente sair sabe? estudar, trabalhar, assim, para conseguir uma coisa, poxa! **chega lá e não consegue**. Um montão de exigência, sabe? tem gente, poxa, que não tem condições de estudar, tem gente que, não É? É aquilozinho só e tudo bem. Então vai quem, poxa, quem tem um nível de escolaridade tudo bem. quem não tem, poxa! vai trabalhar em casa de família. (“p”!) Aí não dá acho que deveria ter oportunidade para essas pessoas assim, sabe?

Rodrigues (2006, p. 51)

➤ Exemplo em inglês:

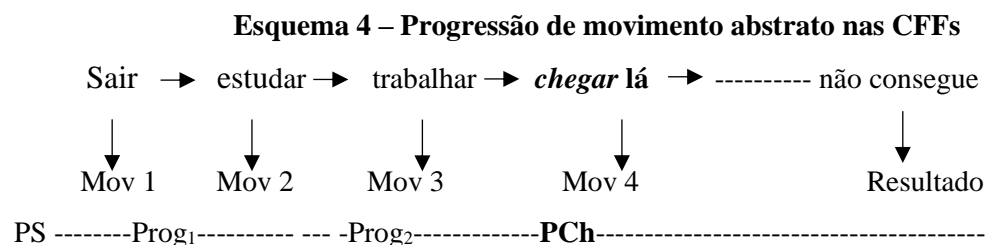
38. We asked him not to call the police, buthe **went (ahead) and did it** anyway. (Nós pedimos pra ele não chamar a polícia, mas ele (foi (em frente) e) fez isso de qualquer maneira. Rodrigues (2006, p. 51)

Na análise de Rodrigues (2006), em exemplo como 37, *chegar* pode ser retirado da construção sem causar alterações semântica do enunciado, pois o valor contrajuntivo já está presente no enunciado como um todo. Contudo, a nosso ver, a retirada de V1 da construção diminui a “força”, por assim dizer, com que o valor contrajuntivo fica explicitado, levando em conta que a estrutura *chegar + dêitico* intensifica a ideia de um ponto de chegada, que, nesse exemplo, é abstrato, não alcançado, reforçando a contrajunção.

Do ponto de vista discursivo, o verbo *chegar* poderia ser retirado da construção sem afetar diretamente o sentido adversativo presente no exemplo 37, no entanto, o fato de estar acompanhado pelo dêitico “lá” faz com que haja uma carga semântica importante para compreensão da continuidade e do movimento progressivo da construção como um todo, bem como a definição de um ponto de chegada, ainda que abstrato, como temos dito. Na verdade, defendemos a ideia de que não haja em nenhuma construção no plano discursivo componentes sem carga semântica em relação aos outros itens, pelo menos, não de forma total.

Se observarmos o trecho “É duro (inint) a gente **sair** sabe? estudar, trabalhar, assim, para conseguir uma coisa, poxa! **chega lá e não consegue**”, constatamos que existe uma relação semântica entre “Chega lá e não consegue”, com toda a argumentação que precede essa construção. Também, percebemos que o verbo *chegar*, nesse caso mantém relação semântica de movimento com o verbo “sair”, formando a noção semântica de *saída de um ponto abstrato x e chegada a um ponto abstrato y*.

Desse modo, reiteramos que, ainda, que retiremos o verbo, haverá uma noção contrajuntiva presente na construção maior, mas perder-se-á a ênfase, como nos mostra o Esquema 4:



Fonte: Elaboração da pesquisadora

No Esquema 4, expomos o movimento progressivo em direção a um ponto de chegada abstrato, cujo ente que se move objetiva atingir o alvo, mas não obtém êxito. O Esquema representa, assim, a progressão de um ponto de saída a um determinado ponto de chegada. E, para verificarmos a relevância semântica do verbo *chegar* dentro de construções desse tipo propomos as seguintes perguntas: i. Não consegue o quê? (*chegar lá*) ii. Sair para onde? ([*chegar*] *lá*); iii. Estudar para quê? (*chegar lá*); iv. Trabalhar para quê? (*chegar lá*). Questões essas que nos levam a constatar que, diferentemente do que Rodrigues (2006) defende, o nível de vinculação semântica entre o verbo *chegar* em *chegar lá e não consegue* faz com que a noção de contrajunção, mesmo disponível, de certa forma, no enunciado, também seja de responsabilidade enfática de V1 com alteração semântica dos enunciados, tanto ao analisarmos o contexto maior, como no recorte “*chegar (lá e não) consegue*”.

É verdade que a função de *chegar* no exemplo 37 é mais gramatical do que lexical, no entanto, não concordamos em afirmar que esse item não possua relação semântica com os demais itens da construção maior, pois Rodrigues (2006), mesmo, apresenta como uma das características das construções do tipo “foi fez” a atuação no “*nível discursivo-pragmático, sendo V1 responsável enfático, nesses casos, sobre o que é descrito por V2*”. Logo, como temos afirmado repetidamente, se o retiramos da construção, perdemos a noção de ênfase, o que alteraria o valor semântico da construção maior.

Como afirma Rodrigues (2006), quando se trata das CFFs do ponto de vista construcional, o valor discursivo é relevante, pois

[...] o estatuto construcional das CFFs é garantido tanto pelo seu valor discursivo, que não decorre nem da composicionalidade de seus elementos individuais, nem do sentido lexical desses elementos, quanto por suas

propriedades sintáticas, que extrapolam os limites da coordenação e da auxiliarização (Rodrigues, 2005, 2006).

A respeito da hipótese de Rodrigues (2006), entendemos que nas construções CFFs, o tipo 1 (+ Conj) mantém a forma da construção que as originou, ou seja, as construções coordenadas, e as de tipo 2 (- Conj) em um estágio mais avançado de mudança, ou seja, auxiliaridade verbal em diferentes graus de abstratização.

Abrimos uma ressalva para afirmar que, no caso de construções do tipo “*Foi (dêitico) e Fez*”, em que há, além da conjunção, o material dêitico intermitente, é necessária uma análise cuidadosa do nível de vinculação entre esse item e os demais que constituem a construção. Pois, dada a sua relevância para o processo de conceptualização como um organizador cognitivo que aponta, tanto para o discurso imediato e para os participantes do ambiente físico discursivo, quanto para os fatores psicológicos, é necessária atenção sobre a ordem conceptual e a natureza da referenciação do dêitico no momento da interação discursiva.

O que queremos destacar é que se retirarmos *chegar lá* da construção “*É duro (inint) a gente sair sabe? estudar, trabalhar, assim, para conseguir uma coisa, poxa! **chega lá e não consegue***” o valor contra-juntivo pode ser afetado dado que, além do que já dissemos a respeito da noção de movimento progressivo e enfático de *chegar* nesse contexto, perder-se-ia na interação discursiva o apontamento gestual que define a referência imagética do que deveria ser alcançado (e não o foi).

Nos *corpora* PPVC e PCVC, encontramos alguns exemplos de *chegar* em CFFs, como os que selecionamos a seguir:

➤ **Exemplos com de CFFs com material intermitente**

39. NF: horríveis... num tem nada pra fazê aqui... tem um clube lá no fim do mundo... melhorzinho que tem, mas a cidade faz tanto frio que dia que faz sol cê **chega no clube começa a chovê, então n...** praticamente não tem lazê aqui. [PGL, M, 23, PCVC].

40. NF: E fica lá, eu guardo lá. É Bon Jovi, sou vixi, Bom jovi eu gosto demais, demais, demais de Bom Jovi, **mas agora como Bom Jovi num chega vô curtino** Jota Quest. (risos). [ESP, M, 26, PPVC].

➤ **Exemplo sem conjunção**

41. Mas assim muito jovens hoje é... muitos jovens hoje, estão envolvidos com droga, essas coisas. Você acha que há uma religião, uma evangélica por exemplo ela seria uma forma de ajudar essas pessoas? INF: Acho que ajuda sim. Cabe a vítima, a... a

pessoa botar em mente, em prática. Que tem gente que **chega fala, fala**, na hora que virou as costas, levou nada. Acho que depende da pessoa também, não só da pessoa que tá falano, mas da que tá ouvindo [...].

A ausência de material intermitente entre V1 e V2 é uma das características que nos interessam no exemplo 41, no qual é possível perceber que, no início do excerto, a ideia contrajuntiva parte do entrevistador e permanece na fala do entrevistado. Isso pode indicar que, nesse exemplo, o verbo *chegar* só tem seu sentido completo dentro da construção “*Chega fala, fala*” e, a contração é confirmada com o advérbio adversativo, “*mas*” que aparece na fala de ambos os interlocutores.

O estudo de Rodrigues (2006) nos ajuda a compreender como funcionam semanticamente as CFFs com valor contrajuntivo e, por analogia, podemos entender qual o comportamento do item linguístico *chegar* dentro dessas construções. No entanto, sabemos que não há consenso entre os pesquisadores a respeito da função de V1 em estruturas [V1_{cheg} + (x) + V2], pois cada grupo e tipo de ocorrência encontrada na língua portuguesa sugere possíveis e diferentes comportamentos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos, os quais podem exercer função de marcadores de turno de fala, reforçadores, intensificadores, aspectualizadores etc, como afirma Rocha (2017).

5.1.5 Types e Tokens

Como podemos rever na Tabela 6, o verbo *chegar* aparece, na maioria das ocorrências, vinculado ao Presente do Indicativo. Essa prevalescência é apontada pelos gramáticos como consequência do efeito inibitório que o subjuntivo exerce em estruturas perifrásticas (Cunha; Cintra, 1985). Nesse contexto, V1 passa a exercer valor modal que denota a certeza, finalidade, propósito ou realização imediata (Bechara, 1968).

Tabela 6 – Resultado de rodada na ferramenta *wordlist*- frequência das formas de acordo o tempo

Tempo	Frequência	Forma	PPVC	PCVC
Presente do Indicativo	46	Chega	28	18
Pretérito Perfeito	26	Chegô	15	8
Pretérito Imperfeito	19	Chegava	15	4
Presente do Indicativo	16	Chego	17	2
Pretérito Perfeito	17	Cheguei	12	5
Pretérito Perfeito	16	Chegou	13	3
Infinitivo* ³⁴	13	Chega	6	7
Infinitivo	10	Chegar	6	4
Gerúndio ³⁵	7	Chegano	5	2
Pretérito perfeito	3	Chegaram	3	-
Presente do Indicativo	1	Chegam	-	1
Pretérito Imperfeito Subjuntivo	3	Chegasse	1	2
Forma nominal	2	Chegada	2	-
Forma nominal	2	Chegado	2	-
Pretérito Perfeito ³⁶	1	Chegamo	1	-
Gerúndio	2	Chegando	2	-
Total			128	56

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Segundo Cunha; Cintra (1985) e Bechara (1968), o Modo Indicativo expressa, majoritariamente, modalidade e não temporalidade. Por isso, o Modo Indicativo, por vezes, não comporta contextos de futuridade, ficando essa tarefa de indicação de tempo a cargo da perífrase verbal. Portanto, em se tratando do processo de construcionalização, é possível notar que, em estruturas do tipo [V1 (x) + V2], o verbo *chegar_{VI}* pode denotar valor temporal na construção como um todo, como em “O verão *chegará* matando”, exemplo no qual a noção de tempo está tanto presente no nome “verão”, por se tratar de uma estação específica do ano, como em V1 que marca o início futuro de uma nova estação, ou seja, marca temporalidade

³⁴ Observamos uma variação morfofonológica do infinitivo “*chegar*” com abstração do r final, que passa a ser marcado com acento gráfico aberto na fala espontânea.

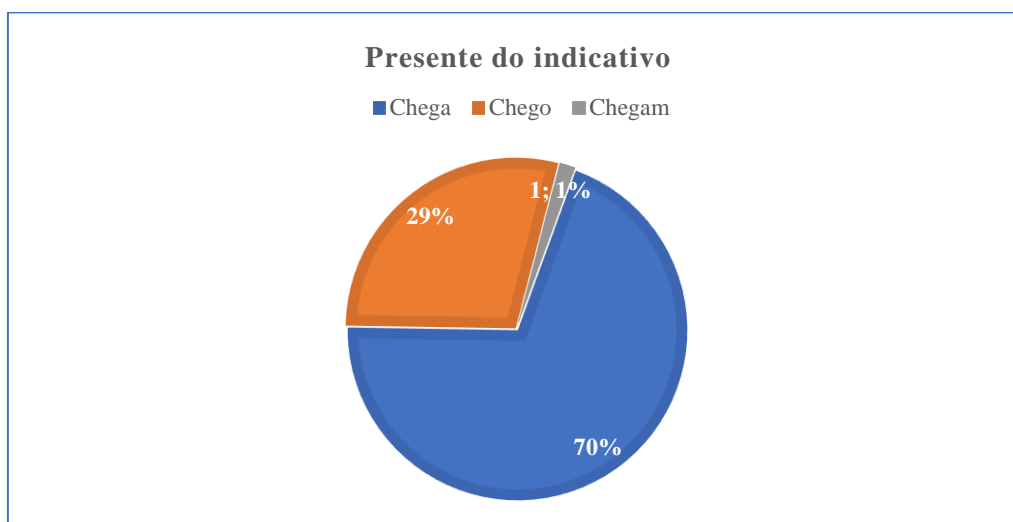
³⁵ Variação de *chegando*.

³⁶ Variação de *chegamos*.

futura, ficando sobre V2 a noção de modo e, como é próprio a uma perífrase, a noção do significado em si.

Organizamos alguns gráficos para melhor representação das ocorrências do verbo *chegar* nos *corpora* analisados de acordo com a frequência, o modo e o valor temporal de cada *token*, como é possível observarmos a seguir:

Gráfico 2 – O verbo *chegar* no Presente do Indicativo



Fonte: Elaboração da pesquisadora, Vitória da conquista, 2024.

Proeminentemente, destacamos, no Gráfico 2 o verbo *chegar* na terceira pessoa do singular do Presente do Indicativo, compondo 70% de todas as ocorrências nessa categoria. Isso parece ser um indício relevante de que esse tempo verbal favorece à formação de construções complexas. Organizamos, para melhor percepção, o Quadro 11, no qual as ocorrências estão lado a lado com o seu sentido.

O Quadro 13 é constituída de 13 grupos de *types*, cujos tokens foram organizados, por sua vez, entre si, sem nenhuma sequência hierárquica definida. Contudo os grupos podem representar ocorrências com sentido [+ concreto] ou [+ abstrato], se relacionados com a função plena do verbo *chegar* na língua falada no Brasil. Passemos agora a análise de cada um dos grupos de construções e seus respectivos sentidos:

Quadro 13 – Os sentidos das construções com o verbo *chegar* nos *corpora* no Presente do

Indicativo

Grupos de construções	Sentido	Análise
<p>GRUPO 1</p> <p>Chega ao poder essas coisas acabam, eu não sei...</p> <p>Chega tão alto, fazê assim esses curso não, queria...</p> <p>Chega tal pessoa pra mim e fala “ah, perdi</p>	<p>Abstrato</p> <p>Lugar virtual</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Movimento com marcação de <i>ponto de chegada</i>, apenas; Movimento de gradação até limite esperado/inesperado.</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Sim, na medida que o verbo <i>chegar</i> é, prototipicamente biargumental.</p> <p>Marco (s):</p> <p>Final, apenas.</p>
<p>GRUPO 2</p> <p>Chega aqui de fora, os estrangeiro de tudo quanto é lugar...</p>	<p>Concreto</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Movimento espacial de um <i>ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y</i>.</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Sim, dada a representatividade dêitica que aponta o lugar de partida e o marco final.</p> <p>Marco (s):</p> <p>Inicial e final.</p>
<p>GRUPO 3</p> <p>Chega em casa assim a noite dá vontade de...</p> <p>Chega na rua é outra coisa o mundo ensina...</p> <p>Chega0 nesse cemitério, pulava esse muro desse cemitério...</p> <p>Chega no clube começa a chovê, então n... praticamente...</p> <p>Chega no trabalho [logo] pela manhã pega uns pedrêro</p> <p>Chega nos hospitais, quando chega nos postos não tem...</p> <p>Chega nos postos não tem aquela qualidade de... atendimento...</p>	<p>Concreto</p> <p>conjunção</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Movimento espacial de um <i>ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y</i>.</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Sim, dada a representatividade dêitica que aponta o o marco final.</p> <p>Marco (s):</p> <p>Final, apenas.</p>
<p>GRUPO 4</p> <p>Chega já sabe que tá ali, então pra mim...</p> <p>Chega lá com uma dor e sai com três</p> <p>Chega lá cê fala que cê gosta dele que</p> <p>Chega lá cê vê... eh gente armado pro lado</p> <p>Chega lá, é discriminado e tudo. Falano assim lá...</p>	<p>Concreto</p> <p>dêitico</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Movimento espacial de um <i>ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y</i>.</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Sim.</p> <p>Marco (s):</p> <p>Final, apenas.</p>
<p>GRUPO 5</p> <p>Chega aqui já {barulho de som} puxando aquele sotaque,</p> <p>Chega faland' da escola é tudo bom</p> <p>DOC: Hum...</p>	<p>Ação em</p> <p>desenvolvimento</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Movimento espacial de um <i>ponto físico + concreto x a um ponto físico + concreto y</i>.</p> <p>Influência do MIT: Sim.</p> <p>Marco (s): final, apenas.</p> <p>Final, apenas, com destaque para a conjugação progressiva de V2.</p>
<p>GRUPO 6</p>	<p>concreto</p>	<p>Tipo de movimento:</p>

Chega do trabalho estressada, as vezes cê soltar, joga.		Movimento espacial de um <i>ponto físico</i> + <i>concreto x a um ponto físico</i> + <i>concreto y</i> . Influência do MIT: Sim. Marco (s): inicial, apenas.
GRUPO 7 Chega essa época de festa assim prefere ir mais... Chega a noite. DOC: E ela tá bem de... Chega tarde, é muito cansativo cê tomá conta... Chega final de ano num dá nem pra tirá Chega até a hora de ir pra casa... Chega de noite tá ouvindo Pablo. ININT DOC: seus Chega já no final do flme ele distribue essa... Chega no final de uma... de uma obra dessa...	Tempo Mov abstrato	Tipo de movimento: Movimento físico/espacial de um <i>ponto físico</i> + <i>abstrato x a um ponto físico</i> + <i>abstrato y</i> . Influência do MIT: Não Marco (s): final, apenas.
GRUPO 8 Chega fala, fala, na hora que virou as costas, muda... Chega gente eu abro a gaveta e [Vup’], tô pronta... Chega tal pessoa pra mim e fala “ah, perdi	Entrada em cena	Tipo de movimento: Movimento físico/espacial de um <i>ponto físico</i> + <i>abstrato x a um ponto físico</i> + <i>abstrato y</i> . Influência do MIT: Não Marco (s): inicial, apenas.
GRUPO 9 Chega falar assim: “tá de férias”. DOC: Descansa, né? Chega qué fala mais bonito de que falava antes,	Modo	Tipo de movimento: Abstratização (quase) total do traço de movimento. Influência do MIT: Não. Marco (s): Não se aplica.
GRUPO 10 Quando chega gente, trabalha, num tem dificuldade. DOC:	Verbo pleno	Tipo de movimento: Movimento espacial de um <i>ponto físico</i> + <i>concreto x a um ponto físico</i> + <i>concreto y</i> Influência do MIT: Não se aplica. Marco (s): final, apenas, se retomado pelo contexto maior.
GRUPO 11 Chega ININT sabe ? nunca me deu trabalho meus menino. Chega ! Todo mundo é abraçado. Queu vejo	Bastar	Tipo de movimento: Abstratização (quase) total do traço de movimento. Influência do MIT: Não. Marco (s): não se aplica.
GRUPO 13 Chega vô curtino Jota Quest. (risos) DOC: Então você...	Aspectual	Tipo de movimento: Abstratização (quase) total do traço de movimento. Influência do MIT: Não se aplica Marco (s): não se aplica.

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

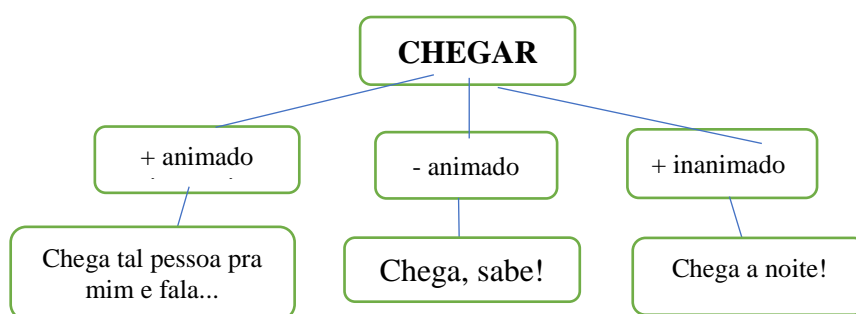
O Quadro 13, nitidamente, confirma, por meio de sua extensão e da variedade dos *tokens* e *types*, a polissemia do verbo *chegar* na língua portuguesa no Presente do Indicativo. Essas ocorrências variam entre mais lexicais a mais procedurais, cuja motivação é a maior

expressividade, como temos defendido nesta tese. Além disso, as motivações para os usos novos a partir de formas já existentes na língua (reanálise) estão diretamente relacionadas com questões pragmáticas e discursivas/interacionais, na negociação dos significados Hopper; Traugott (1993).

Assim sendo, a partir desse pressuposto, pontuamos a seguir as nossas percepções a respeito dos grupos de construções no Presente do Indicativo, retirados dos *corpora* (PPVC e PCVC), por nós selecionados e representados no Quadro 11, a partir de recortes de contextos maiores, analisados previamente. Entre as nossas constatações, apresentamos algumas, a seguir.

A maior *frequência* de uso encontrada nos *corpora* foi do verbo *chegar* no Presente do Indicativo; Quanto a *pessoa verbal*, o maior número de *tokens* estão na terceira pessoa do singular; Quanto ao *Tipo de verbo*, V2 comporta vários tipos semânticos, mas há um destaque para a abstratização de V1, quando V2 é um verbo elocutório; O *Material intermitente* exerce importante função nas construções presentes nos *corpora*, pois sinaliza, direciona, define, aponta, limita o marco inicial e final no deslocamento/trajetória; Em estruturas do tipo [V1_{cheg} + (x) +V2], quer seja no Presente do Indicativo, assim como é possível ver, também, em outros tempos e modos verbais, o segundo verbo é o responsável pela carga semântica de *modo*. Quanto a configuração argumental, o verbo *chegar* apresenta tanto argumento interno como externo, podendo, portanto, ser considerado monovalente e/ou bivalente, numa variação escalar de + animado a + inanimado, como representado na Figura 21:

Figura 21 – Gráfico 3 – Exemplos do verbo *chegar* segundo grau de animação



Fonte: Elaboração da pesquisadora

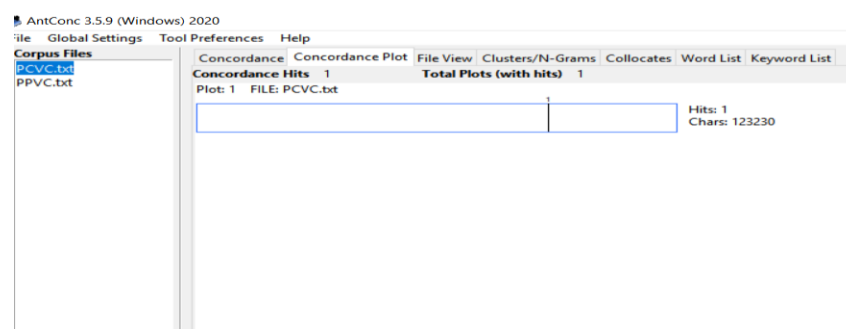
Vemos na Figura 21, que o verbo *chegar* apresenta denotação de movimento de sujeito [+ animado] a sujeito [+ inanimado], com movimento de um ente que pode ser [+ concreto], ou [+ abstrato], ou, ainda, sem a presença de um sujeito, ou quaisquer argumentos. Nesse último caso, *chegar*, passa por um processo de reanálise, adquirindo nova função. Retomando os excertos do Quadro 11, das 38 (trinta e oito) ocorrências apresentadas, vemos 12 (doze)

ocorrências [+ abstratas], que são, por isso mesmo, posicionadas em uma escala entre [-animado] a [+ inanimado]. Nesse interim, observamos que, quanto mais próximo da sua prototipicidade, maior a animação do argumento.

Além disso, verificamos, nos dados selecionados nos *corpora*, que o verbo *chegar* pode indicar o movimento/deslocamento tendo como referência lugar [+ concreto] ou lugar [+ abstrato], sendo possível que o movimento seja realizado pelo sujeito, pelo objeto, ou mesmo, por ambos, como podemos conferir no grupo 2 e no 3, do Quadro 13, por exemplo, no qual *chegar* se localiza mais perto da sua prototipicidade, mantendo características de movimento/deslocamento/ trajetória. Nesses casos, exigem-se argumentos mais animados, dentro ou fora dos períodos verbais compostos, como em “**Chega aqui** de fora, os estrangeiro de tudo quanto é lugar...”, ou “**Chega no clube começa** a chovê, então n... praticamente...”.

O Gráfico a seguir mostra as ocorrências dos *corpora* PPVC e PCVC, somados, nas quais *chegar* evoca lugar virtual, como representado no grupo 1, do Quadro 13. Para *chegarmos* a esse resultado, rodamos os *corpora* no *Antconc*, na ferramenta *Cluster/N-Grams*, tendo acesso, assim, a esses *tokens* e, depois, na ferramenta *Concordance plot*, da qual retiramos a representação gráfica. Essa última ferramenta mostra os resultados plotados em um formato de código de barras, na qual o comprimento do texto é representado pela largura da barra e cada resultado mostrado aparece como uma linha vertical dentro da barra, permitindo com que o pesquisador saiba onde está a construção analisada dentro do texto, se mais para o início ou mais para o final do texto. Trata-se de uma fotografia de concordância.

Figura 22 – Ocorrência de *chegar* em contexto de lugar virtual (a)



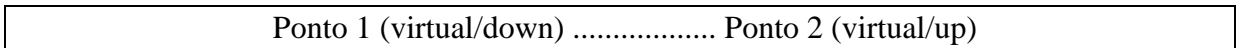
Fonte: Elaboração da pesquisadora, por meio do Antconc

A Figura 22 representa, especificamente, ocorrências do tipo [*chegar* + *lugar virtual* + *V2*], como em “*chegar ao poder* + *V2*”. Nesse caso, foi encontrada apenas 1(uma) ocorrência, como vemos no exemplo:

42. Num gosto... num gosto e é assim, é muita responsabilidade e ach'que assim, eu só pegaria um cargo se eu fosse... é... fazê tudo pra poder eu ser merecedora daquilo e um presidente...eu...quando...quando ganha, ele antes de ganhar, ele promete muitas coisa e quando **chega ao poder** essas coisas acabam, eu não sei ainda o porquê, porque eu não estou lá dentro pra ver o...o quê que eles fazem, mais assim, eles mudam, então, desde... muito tempo, eu ach'que assim, eu num pegaria, num aceitaria esse cargo, nem se me colocassem lá, porque eu sempre falo assim: eu só pego um cargo se for pra mim assumir, pra mim resolver alguma coisa, pra mim me doar e é o que eu num vejo nesses políticos. [A.C.M.G; M; PCVC]

Nesse exemplo, há, subtendida, uma escala virtual com a saída de um ponto virtual inicial x , que, também, simboliza um lugar de menos prestígio, a um ponto virtual y , como um lugar de maior prestígio, como vemos na Figura 23, a seguir:

Figura 23 – Esquema- movimento virtual

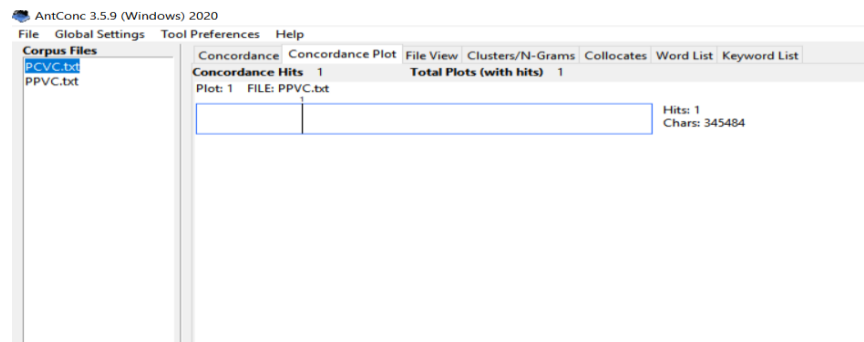


Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Entendemos que, na Figura 23, o *down* e o *up* indicam semanticamente o nível escalar presente tanto no movimento imbricado no verbo *chegar* como no ponto de chegada virtual. Esse subsesquema é produtivo e já fixado na língua portuguesa, formando um nó na rede, usado inconscientemente pelo falante, que abstrai a informação automaticamente.

Vejamos a representação gráfica das demais construções presentes no Quadro 11, grupo 1:

Figura 24 – Gráfico- ocorrência de *chegar* em contexto de lugar virtual (b)



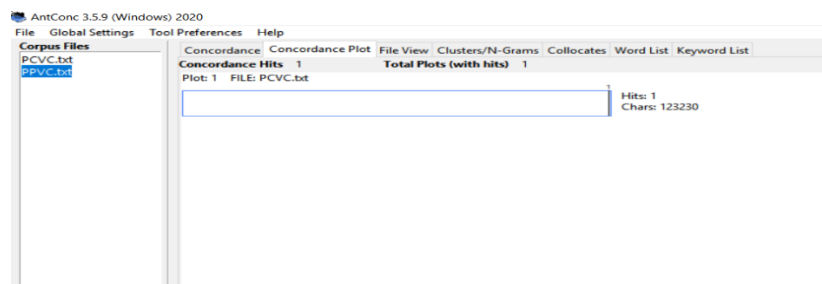
Fonte: Elaboração da pesquisadora.

A ocorrência representada na Figura 24, que compõe o grupo 1 do Quadro 10 foi a seguinte:

43. NF: Não, num queria **chegar tão alto**, fazê assim esses curso não, queria só mermo o básico... eh... terceiro ano e pará... [A. A. B./M/PPVC]

No exemplo 43, *chegar* funciona como *alcançar*, *atingir* etc um ponto, nesse caso abstrato. A seguir mais um exemplo de gráfico retirado da rodagem do *Antconc*, na ferramenta *Concordance plot*:

Figura 25 – Gráfico- ocorrência de *chegar* em contexto de lugar virtual (c)



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

A Figura 25 representa o terceiro exemplo no Quadro 11, grupo 1, cuja ocorrência foi o exemplo 44, a seguir:

44. ... todo mundo... todo mundo, eu chego... tava aqui com você e **chega tal** pessoa pra mim e fala “ah, perdi meu celular esses dias... fui assaltado” aí vem outra pessoa já... já... aconteceu comigo várias tentativas de assalto” que, sei lá, sempre acontece alguma coisa que acaba não levando meu celular... enfim, é... sei lá, eu ach’que é uma situação... já repeti isso milhares de vezes, é uma situação muito tensa! [risos] mas tá complicado da gente sair na rua, tá complicado sair porque tem que ficá olhando pros lados toda hora... pra gente sair, sei lá, de um lugá pra pegá ônibus, mesmo que seja um metro de distância, esse um metro de distância já dá medo de andá.

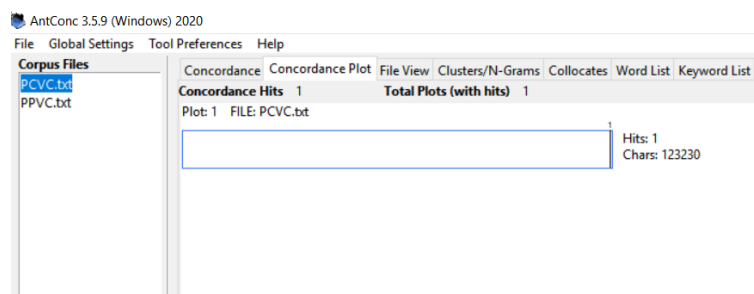
Como podemos ver nos exemplos, o movimento em direção a um lugar virtual, como representado nas Figuras, é conceptualizado metaforicamente como lugar. Metonimicamente, “poder”, “alto e, até mesmo, “mim”, são empregados como lugar e são metaforicamente conceptualizados produzindo movimento abstrato a partir dos *frames* já existentes na mente do usuário da língua, como é possível conferir no Quadro 11, no grupo 1. Portanto, analisando esses exemplos podemos dizer que o material intermitente, o material linguístico entre V1 e V2, influencia na função do verbo *chegar*, bem como em toda a construção instanciadora.

Esse processo comunicativo é organizado a partir dos cenários em que as palavras trazem à tona à mente do falante, o que, por sua vez, só será compreendido se seu interlocutor possuir os mesmos cenários, ou esquemas imagéticos, e souber a acepção dos termos ditos. Ou seja, se alguém diz, por exemplo, “*chegar em casa*”, várias cenas são ativadas na mente do falante/ouvinte, como: *chegar* é movimento, quem chega se move a um lugar, casa é um lugar. E, por anaogia, se alguém diz “*chegar em mim*”, logo, *chegar* é movimento, quem chega se move a um lugar, “mim” é um lugar (virtual). Isso ocorre porque os *frames* relacionados a

trajetória são ativados e a ativação dos esquemas imagéticos se dá como um efeito de cascata (MORATO, 2010).

Ainda no Quadro 11, grupo 7, podemos ver que há uma quantidade considerável de ocorrências com noção de tempo (**Chega essa época de festa** assim prefere ir mais... **Chega a noite**. **Chega tarde**, é muito cansativo cê tomá conta...**Chega final de ano** num dá nem pra tirá**Chega até a hora de** ir pra casa...**Chega ni** um às vez' tem um fazeno o...etc), em maior ou menor grau. Nesses exemplos, o material intermitente entre V1 e V2 exerce contribuição direta para o sentido da construção maior. Vejamos um gráfico representativo, extraído dessa rodagem de dados no *Antconc*:

Figura 26 – Gráfico- construção com ideia de tempo



Fonte: Elaboração da pesquisadora.

A primeira observação a fazer é a de que, apesar dessa rodagem dos dados resultarem em apenas uma ocorrência com [*chegar* + época + V2], os demais exemplos do grupo 7, do Quadro 11, apresentam características muito semelhantes, como combinações nas quais o verbo *chegar* sublinhado pelo tempo gramatical do auxiliar, com forte influência do material intermitente entre V1 e V2, para a constituição informacional da construção maior.

Esses excertos do grupo 7 foram rodados de maneira individualizada, na busca de saber quantas vezes cada um deles aparecem nos *corpora*, resultando em uma única ocorrência para cada excerto, com exceção de [*chega já* + V2], com 12 (doze) ocorrências, e [*chega no final* + V2], com 6 (seis) ocorrências.

Resumimos a seguir algumas constatações sobre o Quadro 13, a saber:

➤ **Quanto à composicionalidade-**

Já dissemos, no decorrer deste trabalho de pesquisa, que, na abordagem construcionista, a composicionalidade é compreendida na emergência de novos constructos e na reorganização contínua da rede construcional de uma dada língua. Também, explicamos os conceitos de *match* e *mismatch*. A partir dessas informações, podemos dizer que os excertos do Quadro 13 apresentam uma característica em comum, a saber: são construções menos composicionais,

menos transparentes. Pois, em termos de anasabilidade, quanto mais esquemática e produtiva é uma dada construção, menos ela será composicional, como podemos ver, nos exemplos apresentados nesse Quadro em análise. Isso significa afirmar que, em construções, como as do Grupo 2 e do Grupo 9, o interlocutor entende a estrutura construída com o verbo *chegar* como um único bloco.

➤ **Quanto à esquematicidade-**

Sendo a esquematicidade uma propriedade da categorização que se dá por meio da convencionalização das construções, consideramos que há, nos excertos do Quadro 13, construções que se diversificam quanto a serem mais, ou menos, esquemáticas. Já que, em alguns dos excertos há construção com quantidades diferentes de *slots* a serem preenchidos. De maneira geral, preenchemos V1 com o verbo *chegar*, objeto desse estudo, logo, tem-se uma construção semiaberta, cujos *slots* comportam diferentes tipos de preposições e V2, por sua vez, pode ser preenchido por quaisquer verbos. Com isso, afirmamos que, a rigor, temos menor esquematicidade e os esquemas são parcialmente preenchidos.

➤ **Quanto à Produtividade-**

Na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), podemos constatar o alto grau de produtividade de estruturas encabeçadas com o verbo *chegar*, seguido de material intermitente + V2. Devemos lembrar que todas as rodadas efetuadas nas ferramentas do *Antconc* foram sorteadas com base na *frequência Type (hostclass)* e *Token* (extensão de usos), nos termos de Bybee (2003, 2006 e 2011). Chegamos, portanto, a conclusão de que o verbo *chegar* é um exemplo representativo do processo de variação e mudança linguística pelo qual passa o Português falado no Brasil, com alta produtividade.

➤ **Quanto à radialidade-**

Após a rotação dos dados no *Antconc* e da análise feita a partir dos resultados, podemos afirmar que o verbo *chegar*, assim como com outros verbos na língua portuguesa, exerce funções nas perífrases verbais, quando posto em posição V1, que ultrapassam seu uso prototípico, cuja principal característica é a de movimento. Contudo, a depender da construção instanciadora, V1_{cheg} pode compor um subesquema cujo sentido está mais próximo do esquema, ou mais afastado, indicando, nesse último caso, alto grau de abstração.

➤ **Quanto à aspectualidade**

Observados os *tokens* no Presente do Indicativo, passemos agora ao Pretérito, cuja frequência, de acordo com nossa pesquisa, favorece a aspectualização de V1 em construções perifrásticas. Isso ocorre, principalmente, em contextos discursivos de narração de fato ou acontecimento encerrado, como podemos analisar no excerto, a seguir:

34. E Larissa também foi assim? Bonitinha não é: não foi linda igual Isabel para, era só pequeninini::nha. ela era tão galeguinha, que o cabelo dela **chegava ficar** vermelho de lado, né? Já Isabela não.

Como vemos, o verbo *chegar* atua como aspectualizador, com indicação do modo como o cabelo ficava. V1 completa o sentido representado na construção instanciadora, por meio da qual o falante emite um juízo de valor, uma opinião ou uma observação sobre um dado evento. Em exemplos como da construção *chegava ficar*, as características de V1, enquanto verbo pleno, são abstratizadas e só podem ser retomadas numa análise mais detalhada, não realizada, propriamente, pelo falante na língua em uso efetivo.

5.1.5.1 O verbo chegar no passado

A Figura, a seguir, é resultante das últimas rodadas dos *tokens* no *Antconc*. Rodada essa que resultou em 128 (cento e vinte e oito) ocorrências no PPVC e 56 no PCVC, do verbo *chegar* no Pretérito Perfeito do Indicativo.

Nessas rodadas, observamos que o Pretérito favorece a ocorrência de construções perifrásticas, dada a essência narrativa imbutida nesse tempo verbal. Ora o verbo *chegar* funciona como mecanismo narrativo de ação plenamente concluída no passado, ora descreve ação em pleno desenvolvimento no passado, como podemos constatar na Figura 27.

Figura 27 – Imagem- observando o verbo *chegar* no Pretérito

Rank	Freq	Range	Cluster
1	3	1	chegou
2	1	1	chegou / aquele
3	1	1	chegou / aquele tanto
4	1	1	chegou, meus
5	1	1	chegou, meus plano
6	1	1	chegou, tava
7	1	1	chegou, tava jogano

Fonte: Elaboração da pesquisadora, a partir do Antconc.

A partir desses resultados, constatamos que quando o verbo *chegar* está conjugado na primeira ou terceira pessoa no Pretérito, construções do tipo dêiticas se repetem, bem como modais e temporais. Além disso, construções como *cheguei e falei*, nas quais V1 não denota

movimento/deslocamento físico, mostraram-se bastante recorrentes, o que nos conduz a conclusão que o Pretérito é um tempo verbal que colabora para a aspectualização da perífrase verbal na qual *chegar* ocupa posição V1. Observemos a Figura 28, a seguir:

Figura 28 – Imagem-Aspectualização de construções com o V1 no Pretérito

Total No. of Cluster Types		Total No. of Cluster Tokens	
Rank	Freq	Range	Cluster
1	4	2	cheguei
2	2	1	cheguei... às
3	2	1	cheguei... às vez
4	1	1	cheguei, falei
5	1	1	cheguei, falei assim
6	1	1	cheguei, peguei
7	1	1	cheguei, peguei ela

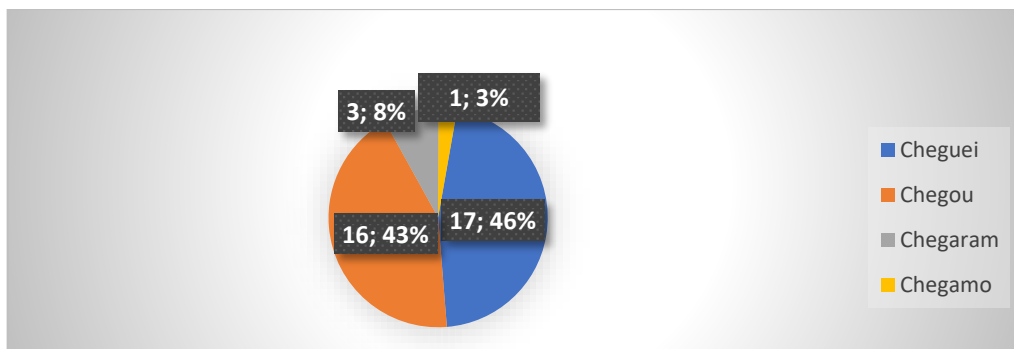
Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Os contextos discursivos dos resultados da Figura 28 mostram a tendência de V1 em exercer função aspectual para a construção instanciadora, sem, ou com quase nenhum vestígio de sua característica principal, que é a de movimento, como no exemplo 45, a seguir:

45. [...] **eu cheguei, falei assim...** eu lembro que senti que não tava muito bem, eu senti uma falta de ar muito grande eu sentei na cadeira e falei: “tia...” eu tinha uma aluna que tava aprendendo a ler na hora do intervalo, eu merendava e voltava pra sala pra ensinar ela ‘tão todo dia eu trazia histórias em quadrinhos... tudo que eu pegava de revista que chamasse atenção pelas cores eu trazia pra ela e ela levava pra casa pra procurar as lembranças pra me dizer quais eram as letras o quê que cada letra junto com a outra fazia... tudo de uma forma muito lúdica era sempre um jogo e aí quando foi um dia ela chegou e falou assim: “tia” eu falei: “oi” “eu vou te falar uma coisa” eu falei: “fala” “eu já sei ler”, aí ela trouxe um livrinho que eu tinha trago pra ela, esses livrinhos que a gente compra por um real com histórias bíblicas e aí ela contou a história pra mim, só que eu achei que ela tinha mandado alguém ler e tinha decorado aí eu escolhi uma página e você vai dizê o que ela tá dizendo aí ela botou o lápis em cima e leu a quadrinha todinha eu chorei de felicidade, sabe?! Porque sabê que a gente pode ajudá alguém, aí no ano seguinte ela não era minha aluna e a mãe morreu ‘tão acabou marcando muito a minha vida e aí na hora que pedi pra pegá a aula eu não lembro se eu sentei ou quê que foi, eu não lembro o quê aconteceu, depois que eu pedi a água a ela, aí quando acordei eu tava na sala dos professores, com os professores ao meu redor [...]. [

Em exemplos, como o exemplo 45, o falante usa o verbo *chegar* para melhor se expressar e para marcar seu turno de fala, contando um acontecimento do passado, organizando o seu pensamento em um esforço de recordar os fatos como eles aconteceram, ou posicionar os entes do discurso em seus determinados eventos e entrada em cena.

Vejamos, agora, o gráfico 3:

Gráfico 3 – O verbo *chegar* no Pretérito

Fonte: Elaboração da pesquisadora, Vitória da Conquista, 2024.

O Gráfico 3 traz a informação da recorrência do Pretérito nos *corpora* analisados. Observamos que quase 46% das ocorrências foram na primeira pessoa do singular e 43%, na terceira pessoa do singular. Além disso, 8% foram de ocorrências na primeira pessoa do plural e, 3% da terceira pessoa do plural. Podemos ver, portanto, que o Gráfico 3 ratifica a produtividade do verbo *chegar* em estruturas perifrástica na língua portuguesa, no Pretérito perfeito do Indicativo.

Finalizada a análise, após a apresentação do referencial teórico e metodológico, fomos provocados a estabelecer um diálogo entre o fenômeno estudado, o verbo *chegar*, e o ensino. Imbuídos desse desejo, na Seção 6, trazemos algumas considerações sobre o ensino e propomos uma atividade de intervenção didático-pedagógica.

6 O ESTUDO DA PERÍFRASE PELO VIÉS PROPOSTO NESTA TESE (LFCU) E O ENSINO DA CATEGORIA VERBAL

Nesta seção, delineamos uma possível ação didática para o ensino da auxiliaridade verbal no Português falado no Brasil, mais especificamente, nas séries finais do ensino fundamental II, fundamentadas no Funcionalismo Linguístico. Para tanto, embasamos esta proposta nos mesmos pressupostos teóricos defendidos nesta tese, a saber: na linguística Cognitiva (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1980; Langacker, 1987; Taylor, 1995; Fillmore, 1982; Fillmore; Kay; O'Connor, 1988); ii) a Gramática das Construções (Langacker, 2009; Goldberg, 1995; 2006; Bybee, 2010; 2015); e iii) a Linguística Funcional Centrada no Uso (Diewald, 2002; Traugott; Trousdale, 2012; 2013). Por se tratar de uma proposta didática, nos embasamos, também, nas orientações Curriculares Nacionais (BRASIL 1998; 2018).

Vale lembrar que a proposta didática que apresentamos nesta tese não passou pela testagem empírica e que, por isso, ela se caracteriza como uma proposta sugestiva e passível de melhoramento, adaptações e readaptações.

6.1 Os documentos oficiais e o ensino de língua materna

Nesta tese, temos defendido que o processo de construcionização pelo qual a categoria verbal passa no Português falado no Brasil. Para isso, a partir da análise do verbo *chegar* em estruturas perifrásticas, demonstramos que verbos plenos passam a exercer função de auxiliar para V2. E, a partir desse tipo de análise, podemos compreender as mudanças por que passa a língua.

Um fato é que, a gramática de qualquer língua surge de usos, inicialmente, particulares, de acordo com a necessidade comunicativa do falante. Consideramos que a própria necessidade surge do uso, em um círculo de tentativas de melhor se expressar, fazer-se entendido e colaborar para a fluidez do processo (sócio) comunicativo.

Precisamos entender que, a língua portuguesa, apesar de ser a nossa língua materna, é considerada uma disciplina difícil nas escolas brasileiras. A esse respeito, podemos afirmar, a partir de uma experiência de 25 anos de docência, que são exatamente os pressupostos da LFCU que interessam ao alunado em sala de aula, ou seja, a língua em uso efetivo. Por isso, precisamos alinhar a teoria a nossa prática, dando (mais) sentido às aulas de Português.

Para a defesa de um estudo linguístico eficaz é necessário aliar o que é apresentado na gramática tradicional à realidade linguística do estudante. E, se não é a sala de aula o lugar

para isso, onde será? Como afirma Rocha (2022), a escola não pode negar ao aluno a oportunidade de conhecer a sua língua materna, tanto sua forma, como suas diferentes funções. O que implica manter o ensino da norma padrão, mas, também, abrir o leque para que o estudante conheça as diversas funções sociais da língua.

De acordo com os pressupostos dos PCNs (1998), o ensino de língua precisa estar associado às práticas sociais. Os conteúdos precisam, de fato, abrir possibilidades de participação social. Pois, a educação básica, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, deve garantir a formação do cidadão de forma plena, dando abertura para progressão no mercado de trabalho e estudos em níveis mais avançados. Esses objetivos se casam com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para a qual o ensino de Português precisa proporcionar um equilíbrio entre competências e habilidades em quaisquer séries ou nível de ensino. Rocha (2022) faz a seguinte observação a respeito do ensino de língua, a saber:

Há necessidade de se tratar desse tema, tendo em vista que muitos pesquisadores abordam o uso dos livros didáticos em aulas de língua portuguesa no Brasil, de maneira geral, como correspondente à abordagem tradicional, ainda que a proposta dos PCNs (Cf. BRASIL, 1997; 1998) para o ensino de Língua Portuguesa, no que tange à gramática, seja inovadora e prevê o uso da língua pelos falantes em suas várias modalidades. Portanto, há um hiato entre o que sugerem os documentos oficiais e as práticas didáticas no ensino da língua portuguesa, sendo relevante que o professor e pesquisador proponha alternativas para adequação da práxis com os documentos que regem as práticas de ensino no Brasil (Rocha, 2022, p. 27).

No intuito de sanar o hiato, como dito por Rocha (2022), é que, nesta tese, nos propomos a apresentar uma maneira menos tradicional de abordagem das orações complexas. Para isso, utilizaremos o Quadro 13, já apresentado nesta pesquisa, como suporte textual para uma aula de Português nas séries finais do ensino fundamental II, como veremos na subseção 6.1.1, a seguir.

6.1.1 Intervenção

Em conformidade com o que temos apresentado até aqui, não poderíamos nos pautar em um modelo de aula que seguisse o padrão tradicional, no qual o docente explana sobre as regras e os alunos, posteriormente, respondem a exercícios metódicos, para memorizá-las. Sendo assim, a intervenção que propomos segue as seguintes etapas, a saber: i. exposição aos

dados; ii. análise dos dados; e iii. comparação dos dados de fala com a classificação prescrita na gramática tradicional.

➤ Exposição aos dados

Nesta etapa, foram desenvolvidas 2 atividades que buscaram aprimorar as habilidades de leitura e análise linguística, tanto por meio de exercícios de reflexão acerca das construções e suas formas, como sobre a função do verbo em posição V1. Cada atividade consistiu em uma sequência de questões feitas a partir de um quadro com o objetivo de inserir os alunos em situações reais de uso da língua.

Para atividade 1- Os dados aos quais os alunos seriam expostos são os mesmos do Quadro 13, já apresentados nesta tese, readaptados para propósitos didáticos, como vemos no Quadro 1, a seguir:

Proposta de Atividade Objetiva

1. Observe o Quadro 1 a seguir e assinale, na coluna do meio, qual o sentido do verbo *chegar* em cada bloco de construções. Depois, complete a coluna 3, observando o tipo de movimento indicado pelo verbo *chegar*, a influência do material intermitente e qual o marco de movimento está presente nos excertos da coluna 1:

Quadro 1 – Analisando os sentidos do verbo *chegar* em construções perifrásticas

COLUNA 1	COLUNA 2	COLUNA 3
Grupos de construções	Sentido	Análise
<p>GRUPO 1</p> <p>Chega ao poder essas coisas acabam, eu não sei...</p> <p>Chega tão alto, fazê assim esses curso não, queria...</p> <p>Chega tal pessoa pra mim e fala “ah, perdi</p>	<p>() Abstrato</p> <p>() Concreto</p> <p>() Lugar virtual</p> <p>() Lugar real</p>	<p>Tipo de movimento: Movimento com marcação de <i>ponto de chegada</i>, apenas; Movimento de gradação até limite esperado/inesperado.</p> <p>Influência do MIT: Sim, na medida que o verbo <i>chegar</i> é, prototipicamente biargumental.</p> <p>Marco (s): Final, apenas.</p>
<p>GRUPO 2</p> <p>Chega aqui de fora, os estrangeiro de tudo quanto é lugar...</p>	<p>() Abstrato</p> <p>() Concreto</p> <p>() Lugar virtual</p> <p>() Lugar real</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Marco (s):</p>
<p>GRUPO 3</p> <p>Chega em casa assim a noite dá vontade de...</p>	<p>() Abstrato</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Influência do MIT:</p>

<p>Chega na rua é outra coisa o mundo ensina...</p> <p>Chega0 nesse cemitério, pulava esse muro desse cemitério...</p> <p>Chega no clube começa a chovê, então n... praticamente...</p> <p>Chega no trabalho [logo] pela manhã pega uns pedrêro</p> <p>Chega nos hospitais, quando chega nos postos não tem...</p> <p>Chega nos postos não tem aquela qualidade de... atendimento...</p>	<p><input type="checkbox"/> Concreto</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar virtual</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar real</p>	<p>Marco (s):</p> <p>.</p>
<p>GRUPO 4</p> <p>Chega já sabe que tá ali, então pra mim...</p> <p>Chega lá com uma dor e sai com três</p> <p>Chega lá cê fala que cê gosta dele que</p> <p>Chega lá cê vê... eh gente armado pro lado</p> <p>Chega lá, é discriminado e tudo. Falano assim lá...</p>	<p><input type="checkbox"/> Abstrato</p> <p><input type="checkbox"/> Concreto</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar virtual</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar real</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Marco (s):</p>
<p>GRUPO 5</p> <p>Chega aqui já {barulho de som} puxando aquele sotaque,</p> <p>Chega faland' da escola é tudo bom DOC: Hum...</p>	<p><input type="checkbox"/> Abstrato</p> <p><input type="checkbox"/> Concreto</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar virtual</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar real</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Marco (s):</p>
<p>GRUPO 6</p> <p>Chega do trabalho estressada, as vezes cê soltar, joga.</p>	<p><input type="checkbox"/> Abstrato</p> <p><input type="checkbox"/> Concreto</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar virtual</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar real</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Marco (s):</p>
<p>GRUPO 7</p> <p>Chega essa época de festa assim prefere ir mais...</p> <p>Chega a noite. DOC: E ela tá bem de...</p> <p>Chega tarde, é muito cansativo cê tomá conta...</p> <p>Chega final de ano num dá nem pra tirá</p> <p>Chega até a hora de ir pra casa...</p> <p>Chega de noite tá ouvindo Pablo. ININT DOC: seus</p> <p>Chega já no final do filme ele distribue essa...</p> <p>Chega no final de uma... de uma obra dessa...</p>	<p><input type="checkbox"/> Abstrato</p> <p><input type="checkbox"/> Concreto</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar virtual</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar real</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Marco (s):</p>
<p>GRUPO 8</p> <p>Chega fala, fala, na hora que virou as costas, muda...</p> <p>Chega gente eu abro a gaveta e [Vup'], tô pronta...</p> <p>Chega tal pessoa pra mim e fala "ah, perdi</p>	<p><input type="checkbox"/> Abstrato</p> <p><input type="checkbox"/> Concreto</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar virtual</p> <p><input type="checkbox"/> Lugar real</p>	<p>Tipo de movimento:</p> <p>Influência do MIT:</p> <p>Marco (s):</p>
<p>GRUPO 9</p>		

Chega falar assim: “tá de férias”. DOC: Descansa, né? Chega qué fala mais bonito de que falava antes,	<input type="checkbox"/> Abstrato <input type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Lugar virtual <input type="checkbox"/> Lugar real	Tipo de movimento: Influência do MIT: Marco (s):
GRUPO 10 Quando chega gente , trabalha, num tem dificuldade. DOC:	<input type="checkbox"/> Abstrato <input type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Lugar virtual <input type="checkbox"/> Lugar real	Tipo de movimento: Influência do MIT: Marco (s):
GRUPO 11 Chega ININT sabe? nunca me deu trabalho meus menino. Chega! Todo mundo é abraçado. Queu vejo	<input type="checkbox"/> Abstrato <input type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Lugar virtual <input type="checkbox"/> Lugar real	Tipo de movimento: Influência do MIT: Marco (s):
GRUPO 13 Chega vô curtino Jota Quest. (risos) DOC: Então você...	<input type="checkbox"/> Abstrato <input type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Lugar virtual <input type="checkbox"/> Lugar real	Tipo de movimento: Influência do MIT: Marco (s):

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Para a aplicação do Quadro 1, os discentes precisam de algumas informações prévias, como o conhecimento sobre algumas nomenclaturas. Então, partiremos da suposição de que eles já tenham recebido essas informações em aulas anteriores, ou em momentos antes da aplicação dessa atividade.

Os conceitos necessários para participação na atividade a partir do Quadro 1 são, a saber: i. MIT (Material Intermitente); ii. Marco (Lugar de chegada ou saída-ponto específico); iii. Conceito de movimento (deslocamento entre um ponto de saída e ou um ponto de chegada); iv. Conceito de virtualidade (não palpável, que se afasta do real).

Tendo esses conceitos em mente, o professor dará seguimento as seguintes ações:

- a. Exposição do Quadro 1;
- b. Distribuição do Quadro 1, impresso para os alunos;
- c. Orientação para que os alunos preencham o Quadro 1 de acordo com a própria percepção e conhecimento a respeito das construções.

Essas primeiras ações constituem a primeira análise linguística. Momento em que os alunos, ao invés de serem expostos às regras gramaticais, usarão o seu conhecimento prévio para analisar as estruturas linguísticas, completando as informações que faltam. Após essas ações, o professor fará a exposição de alguns excertos retirados do Quadro 1. Esses excertos deverão conter um contexto discursivo maior, completo, sem edições, pois, o Quadro 1

apresenta recortes de excertos do PPVC e PCVC, analisados para esta pesquisa em sua completude. Por sua vez, no Quadro 2, a seguir, apresentamos um modelo de excerto, sem edições, dos *corpora* utilizados nesta tese. Temos, desse momento em diante uma segunda análise do Quadro 1, com o acesso a contextos discursivos maiores.

O objetivo dessa parte do momento de intervenção é fazer com que os alunos verifiquem os sentidos das construções com o verbo *chegar*, comparando as suas observações nesse momento, com as observações do momento anterior. Assim, eles podem identificar como o contexto discursivo pode influenciar a função da forma [V1_{cheg} + (x) + V2], bem como das microconstruções que surgem a partir desse esquema.

A exemplo de análise que o aluno pode vir a realizar após o contato com o excerto maior, podemos pensar na forma “*Chegar* tão alto e V2”, presente no Quadro 1. Essa forma pode indicar o movimento físico down → up, como “*subir em uma escada tão alta*”. Evocando *frames* de material de suporte concreto, de deslocamento, trajetória, movimento físico, concreto. No entanto, ao analisar o contexto maior do discurso, pode-se concluir que se trata de subir a um nível de escalada, acessando *frames* de subida virtual, abstrata. Vejamos, no Quadro 2, um exemplo dos *corpora*.

Quadro 2 – Exemplo de excerto de fala -PPVC

DOC: Qual seria a faculdade que você faria assim? Cê escolheria qual curso?

INF: Tem tantos, aí... aí eu ia pensá ainda e escolhê um, né? {risos}

DOC: Mas tem algum assim... que você tem um sonho de fazê?

INF: Não, num queria **chega tão alto**, fazê assim esses curso não, queria só mermo o básico... eh... terceiro ano e pará

DOC: Hum... quê que você acha da educação de hoje em dia e da educação de antigamente?

INF: Educação de...de hoje em dia... de antigamente era... os professô era mais rigoroso, né?

Eh... com...com os aluno, dava bronca, podia dá... né? Hoje em dia... e os pais num [li’], os pais mermo que mandava... pode, se precisá pode inté oh {informante faz estalo com os dedos}... mas hoje em dia não... hoje em dia cê num pode mais falá alto com aluno na escola, porque senão se os pais fô lá e dá quêxa é capaz de professô inté preso {risos} num é verdade?

DOC: {risos}

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Supomos que, após o contato com os excertos completos, os alunos possam descrever as funções de V1 e seus respectivos significados. Finalizado esse segundo momento, passamos, então, a terceira e última parte. Agora, os alunos escreverão exemplos com outros verbos que podem ocupar lugar de V1 em estruturas perifrásticas, como [V1_{peg} + (x) + V2]. E, posteriormente, sugere-se abrir uma roda de conversa para que alunos e professor apresentem suas respostas e descobertas. Só, após essa atividade, o professor deverá expor o assunto “Verbos auxiliares na língua portuguesa”.

Para a descrição das funções de V1, propomos as seguintes questões para os alunos responderem com base no Quadro 1 e em excertos, como o demonstrado no Quadro 2:

Proposta de atividade subjetiva

1. Com base nas discussões realizadas nas aulas, qual a função do verbo *chegar* no excerto do Quadro 2?
2. Você acha que, no excerto do Quadro 2, o verbo *chegar* se aproxima ou se afasta dos sentidos propostos no dicionário e na gramática da língua portuguesa? Justifique.
3. Dê exemplos de períodos, em língua portuguesa, nos quais o verbo *chegar* exerça função semelhante ao excerto do Quadro 2.
4. A respeito do Quadro 1, como você explica a diferença entre lugar virtual e lugar concreto? E, qual a relação entre esses tipos de referências a lugar e as funções do verbo *chegar*?
5. O material intermitente (conjunção, preposição etc.) interfere no sentido de *chegar* em estruturas perifrásticas? Compartilhe suas percepções.
6. Se o verbo *chegar* for retirado das construções perifrásticas, o sentido da mensagem será alterado? Dê um exemplo.

A intervenção proposta por nós nesta tese poderá contribuir com o trabalho dos professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental, através de uma proposta de ensino que integre os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos do Português. Nossa pesquisa apresenta uma alternativa pedagógica à educação básica no que diz respeito à aprendizagem de gramática, mais especificamente ao conteúdo da perífrase ao importante papel semântico-discursivo dessas orações na construção dos sentidos do texto. No conjunto das atividades desenvolvidas, buscamos ressaltar as funções textual-discursivas do verbo *chegar* em posição V1.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, analisamos o processo de variação e mudança linguística pelo qual passa o verbo *chegar* na língua portuguesa falada no Brasil. Para tanto, analisamos os processos de construcionalização, mudança construcional e construcionalidade desse verbo dentro de estruturas perifrásticas, em posição V1. Com esse propósito, definido em nosso objetivo geral, ancoramos-nos nos aportes teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), abrangendo pressupostos cognitivistas, funcionalistas e Gramática de Construções, a partir da leitura dos trabalhos de teóricos como Goldberg (1995); Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2016), Croft (2001), Lakoff (2012), Langacker (1995) entre outros.

Esta pesquisa se enquadra no método misto, de cunho qualiquantitativo, cuja amostra é formada por 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Culto (*Corpus PCVC*) e 24 (vinte e quatro) entrevistas do Português Popular (*Corpus PPVC*), ambos de Vitória da Conquista, na Bahia.

Levantamos algumas hipóteses nesta tese, a saber: i. É viável a incorporação de diferentes tipos semânticos verbais, bem como diferentes tempos e modos a partir de um esquema convencional do Português falado no Brasil, do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, no qual *chegar* ocupa posição V1 e, na posição V2 são possíveis diferentes tipos semânticos de verbos; ii. O subsquema do qual partimos instancia microconstruções auxiliares, que podem indicar aspecto terminativo, prospectivo, durativo e cursivo, entre outros, e funcionar como marcador discursivo de turnos de fala/ação; iii. É possível aferirmos qual o grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade da construção em estudo, propondo, ainda, uma rede taxonômica.

A respeito da análise de dados, podemos afirmar, que o verbo *chegar* passa por um processo de variação linguística que envolve analogia e reanálise. a partir de um esquema convencional do Português falado no Brasil, do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, no qual *chegar* ocupa posição V1 e, na posição V2, é viável a incorporação de diferentes tipos semânticos verbais, bem como diferentes tempos e modos. Também, observamos que o subsquema com o verbo *chegar* em posição V1 instancia microconstruções auxiliares, que podem indicar aspecto terminativo, prospectivo, durativo e cursivo, entre outros, e funcionar como marcador discursivo de turnos de fala/ação. Além disso, observamos que construções com o verbo *chegar* em posição V1, podem variar de mais esquemáticas a menos esquemáticas, compondo uma rede taxonômica produtiva.

Dentre as constatações feitas a partir da rotação dos dados retirados dos corpora PPVC e PCVC, estão as seguintes:

- O verbo *chegar* se comporta na língua portuguesa analogicamente a outros verbos prototipicamente auxiliares, dando suporte para V2 em estruturas perifrásticas;
- O usuário da língua aciona diversos tipos de frames ao utilizar *chegar* em posição V1. Esses frames podem se aproximar ou se afastar da prototipicidade do verbo de movimento compondo subesquemas e microconstruções;
- O verbo *chegar* continua a exercer função de verbo prototípico, mantendo a sua característica de movimento/deslocamento de um ponto físico fixo x a um ponto físico fixo y, mas essa forma apresenta outras funções quando ocupa posição V1 em estruturas perifrásticas;

As nossas hipóteses iniciais foram confirmadas nesta tese, pois o verbo *chegar* passa por um processo de construcionalização e a mudança construcional na língua portuguesa. E isso se dá por meio da analogização, a partir de um esquema convencional do Português falado no Brasil, do tipo $[V1_{\text{cheg}}(x) + V2]$, no qual *chegar* ocupa posição V1 e, na posição V2, é viável a incorporação de diferentes tipos semânticos verbais, bem como diferentes tempos e modos. Além disso, o subsquema do qual partimos, instancia microconstruções auxiliares, que podem indicar aspecto terminativo, prospectivo, durativo e cursivo, entre outros, e funcionar como marcador discursivo de turnos de fala/ação. Também constatamos que é possível aferirmos qual o grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade.

Quanto à esquematicidade constatamos que o padrão construcional da perífrase $[V1_{\text{cheg}} + (x) + V2]$ apresenta possibilidades diversas de preenchimento, cujo grau de esquematicidade é alto e seus *slots*, portanto, são mais abertos e podem ser preenchidos por diferentes tipos de material intermitente e V2, por sua vez, não é restrito a um tipo, mas comporta diferentes tipos semânticos de verbos. Além disso, V1 pode atuar em diferentes tempos e pessoas verbais, sendo notória a maioria do Presente do Indicativo, seguido do Pretérito do Indicativo.

A respeito da composicionalidade, o verbo *chegar* tanto atua em perífrases verbais de maneira mais transparente quanto ao pareamento forma e função, como atua de maneira menos composicional. Por isso, a analisabilidade das construções com o verbo *chegar*, quando em posição V1, pode ser maior ou menor, de acordo seu grau de esquematicidade.

A produtividade do verbo *chegar* em estruturas perifrásticas, por sua vez, foi considerada alta nesta pesquisa, pois a rede taxônomica composta por microconstruções nas quais esse verbo atua como V1 é extensa e é composta por esquema, subesquemas e microconstruções diversas.

Observamos, ainda, que o material intermitente entre V1 e V2 colabora para a alta produtividade de *chegar* nas perífrases.

Não podemos comprovar a hipótese sobre o aprendizado da categoria verbal do português por estudantes do ensino fundamental. Mas, acreditamos que a atividade de intervenção didática proposta nesta tese possa, de alguma maneira, ampliar o aprendizado dos alunos das séries finais do ensino fundamental sobre o pareamento forma x função do verbo *chegar* na Língua Portuguesa, bem como da categoria verbal, se exposto à reflexão sobre os usos linguísticos em aulas de Português que tratem da auxiliabilidade verbal, ultrapassando a abordagem lexical.

Por fim, afirmamos que acreditamos que esta pesquisa colabore para os estudos linguísticos sobre as perífrases verbais no português falado no Brasil, estruturas essas que são novas na língua e que passam por variação e mudança linguística, incorporando em posição V1 verbos não prototipicamente auxiliares. A partir deste estudo, pode-se, ainda, comparar a categoria verbal da língua portuguesa com outras línguas como o francês e o inglês, por exemplo, para, então descobrirmos se há similaridade na variação sincrônica nessas línguas, no que tange ao verbo em posição V1.

E acreditamos, também, que esta tese possa contribuir no processo de ensino aprendizagem, por meio da proposta de intervenção didático-pedagógica, que propõe atividades de análise linguística, nas quais os discentes usem, primeiro, os seus conhecimentos linguísticos empíricos, para, só depois, serem expostos as normas gramaticais. Com esse foco, acreditamos que a intervenção didática apresentada nesta tese possa motivar outras intervenções para o estudo das categorias linguísticas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BARBOSA, S. M. A. D.; PINTO, F. N. P. Dos desastres de Sofia: A importância das emoções no aprendizado de língua estrangeira. **Entreletras**, TO, v. 7, n. 2, p. 147-163, dez./2016.
- BARÐDAL, J. **Productivity**: evidence from case and argument structure in Icelandic. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- BARÐDAL, J. Predicting the productivity of argument structure constructions. **Berkeley Linguistic Society**, Berkeley, n. 1, v. 32, p. 467-478, 2006.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. (ed.). **Usage based models of language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- BARROS, E. M. de. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.
- BARTH, F. The analysis of culture in complex societies. **Ethnos**, v. 54, n. 3-4, p. 120-142, 1989. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00141844.1989.9981389>. Acesso em: 16 nov. 2020.
- BECHARA, E. **Lições de Português pela análise sintática**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BUENO, S. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1963.
- BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticalization: The Role of Frequency. *In*: JOSEPH, B.; JANDA, R. (ed.). **The Handbook of Historical Linguistics**. [S.l.]: Blackwell Publishing, 2003.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: CUP, 2010.
- BYBEE, J.; PAGLIUCA, W. P. Cross-linguistic comparison and the development of grammatical meaning. *In*: J. Fisiak (ed.) **Historical semantics, historical word formation**. The Hague: Mouton, 1985. p. 59-83.
- CHISHMAN, R. A visão enciclopédica dos frames semânticos. **Letrônica**, v. 12, n. 2, p. e34139-e34139, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/34139>. Acesso em: 21 set. 2020.
- CIENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (org.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2017, p. 48-81.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CROFT, W. **Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century**. Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences, ed. Patrick Hogan. Cambridge: Cambridge University. Press. Final Draft, September 2007.

CROFT, W. **Toward a social cognitive linguistics**. New directions in cognitive linguistics, ed. Vyvyan Evans and Stéphanie Pourcel. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 395-420.

CUENCA, M J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel Lingüística S.A., 1999.

CUNHA, M. A. F. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. *In: FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDUFRN, 2000.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

DAVIS, M. S. **Contemporary Sociology**, v. 4, n. 6, p. 599-603, 1975. **JSTOR**, 1975. Disponível em: www.jstor.org/stable/2064021. Acesso em: 03 dez. 2020.

DELBECQUE, N. **A lingüística cognitiva**. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

FERRARI, L. **Introdução à lingüística cognitiva**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. J. Linguistics in the morning calm. **The Linguistic Society of Korea**, Korea, v. 3, n. 1, p. 111-135, jun. 1982.

FISHER, K. **Advances in Frame Semantics**. 58. ed. Philadelphia – USA: John Benjamins BV, 2013.

FORD, C. E. Contingency and units in interaction. **Discourse studies**, London, v. 6, n. 1, p. 27-52, jul./2004.

GIVÓN, T. **English Grammar: a functional –based introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1993. 1 v.

GIVÓN, T. **English Grammar: a functional –based introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. 2 v.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. *In: GIVÓN, T. Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1979. 12 v.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990. 2 v.

GIVÓN, T. **Bio-linguistics: the Santa Barbara Lectures**. John Benjamins, 2002.

GLYNN, D. **New Directions in Cognitive Linguistics**. 24. ed. USA: John Benjamins Publishing Company, 2009. p. 77-98.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1959.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual: Essays on face-to-face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis: An Essay on the organization of experience**. 1 ed. Boston: Northeastern University Press, 1974.

GOFFMAN, E. Gritos de resposta. **Linguagem**, p. 787-815, 1978. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/413235>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GOFFMAN, E. The interaction order: American Sociological Association, 1982 presidential address. **American sociological review**, v. 48, n. 1, p. 1-17, 1983a. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2095141>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GOFFMAN, E. Felicity's condition. **American journal of sociology**, v. 89, n. 1, p. 1-53, 1983b. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/227833>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. 1 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (ed.). **A handbook of historical linguistics**. [S.l.]: Blackweel, 2003.

HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization: A conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. The openness of grammatical constructions. In: **Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago Linguistic Society, 2004. p. 153-175. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/cls/pcls/2004/00000040/00000002/art00010>. Acesso em: 12 nov. 2020.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: Benjamins, 1991. 1 v.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LAKOFF, G. Don't think of, An Elephant! Know Your Values and Frame the Debate: The Essential Guide for Progressives. **White River Junction: Chelsea Green Publ**, 2004.

LAKOFF, G.; WEHLING, E. **The Little Blue Book**: The Essential Guide to Thinking and Talking Democratic. 1 ed. New York: Free Press, 2012.

LANGACKER, R. W. Conceptualization, symbolization, and grammar. The newpsychology of language: Cognitive and functional approaches to linguistic structure. **Englewood Cliffs**, v. 1, n. 1, p. 1-39, set. 1995.

LEHMANN, C. "Zur Typologie des Lateinischen". **Glotta** 57, p. 237-253, 1979.

LIMA-HERNANDES, M. C. Estágios de gramaticalização da noção de tempo: processos de combinação de orações. **Veredas: Conexões de orações**, Juiz de Fora, vol. 14/15. 2004.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo: Globo, 2000.

THOMPSON, S. A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1985.

MINSKY, M. A Framework for Representing Knowledge. **MIT-AI Laboratory Memo 306**, New York: McGraw-Hill, v. 1, n. 2, p. 1-45, 1974.

MORATO, E. M. **Linguagem e cognição as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 4, p. 93-113, 2010.

NUNES, J. H. Interacionismo simbólico e movimentos sociais: enquadrando a intervenção. **Revista Sociedade e Estado**, Goiás, v. 28, n. 2, p. 257-277, abr. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922013000200005&script=sci_arttext. Acesso em: 25 nov. 2020.

PAN, Z.; KOSICKI, G. M. Framing analysis: An approach to news discourse. **Political communication**, v. 10, n. 1, p. 55-75, 1993. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10584609.1993.9962963>. Acesso em: 14 nov. 2020.

PERSSON, A. **Framing Social Interaction Continuities and Cracks in Goffman's Frame Analysis**. 1 ed. New York: Routledge, 2019.

PETRUCK, M. Frame Semantics. **Handbook of Pragmatics**, Amsterdam, v. 1, n. 2, p. 1-6, mar. 1996.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não

terminou). **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 6-26, ago. 2018. Disponível em:

https://www.academia.edu/download/57368074/30_anos_ou_mais_de_gramatica_de_construcoes.pdf. Acesso em: 14 nov. 2020.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: Examples from a medical examination/interview. **Social psychology quarterly**, p. 205-216, 1987. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2786752>. Acesso em: 12 abr. 2021.

VAN DIJK, V. Semantic – Macro – Structures and Knowledge Frames in Discourse Comprehension. **Cognitive Processes in Comprehension**, New York, v. 1, n. 1, p. 3-31, jul. 1977.

VELHO, G. G. mal-entendidos e riscos interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 145-198, mai./2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/>. Acesso em: 3 nov. 2020.

WOLFGANG, I. Der Zwang zur Kategorienbildung: Probleme de Anwendung der Construction Grammar bei der Analyse gesprochener Sprache. **Gesprächsforschung**, Berlin, v. 8, n. 1, p. 22-41, set./2007. Disponível em: <http://www.gespraechsforschung-online.de/fileadmin/dateien/heft2007/ga-imo.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ROSÁRIO, I. C. do. Aspectos sintáticos e semânticos do como na linguagem padrão contemporânea. 2007a. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007a.

ROSÁRIO, I. C. do. Construções aditivas: uma análise funcional. *In*: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. C. do. (org.). **Pesquisa em Linguística Funcional: convergências e divergências**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2009. 1 CD ROM. p. 52-62.

ROSÁRIO, I. C. do. **Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX**. 2007b. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007b.

TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. **Mixed methodology: combining qualitative and quantitative approaches**. Thousand Oaks, Calif.: Sage, 1998.

TRAUGOTT, E. C. **Constructionalization, grammaticalization and lexicalization again. Some issues in frequency**. Course on Gzn and C x G. Dec 18th 2007.

TRAUGOTT, E. C. **‘All he endeavoured to prove was...’: constructional emergence from the perspective of grammaticalization**. 2008a. (Texto digitado).

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (ed.). **Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008b, p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. *In*: BRIAN D. J.; JANDA, R. D. (Eds.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Blackwell Publishing, 2004. Disponível em: http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479_chunk_g978140512747922.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: Benjamins, 1991. 1 v.